

COLEÇÃO
AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE



ACADEMIA BRASILEIRA
DE LETRAS

EDIÇÃO EM COMEMORAÇÃO DO BICENTENÁRIO
DA INDEPENDÊNCIA DA ARGENTINA



ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Vamireh Chacon

 O BRASIL E O ENSAIO
HISPANO-AMERICANO

Rio de Janeiro 2010

COLEÇÃO AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE
ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

Diretoria de 2010

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretária-Geral: *Ana Maria Machado*

Primeiro-Secretário: *Domício Proença Filho*

Segundo-Secretário: *Luiz Paulo Horta*

Tesoureiro: *Murilo Melo Filho*

COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Antonio Carlos Secchin

José Murilo de Carvalho

Marco Maciel

Produção editorial

Monique Mendes

Revisão

Vamireh Chacon

Projeto gráfico

Victor Burton

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Foto de Capa

Casa Rosada, Buenos Aires, Argentina

Catálogo na fonte:

Biblioteca da Academia Brasileira de Letras

C431 Chacon, Vamireh, 1934-.

O Brasil e o ensaio hispano-americano / Vamireh Chacon ;
apresentação, Marcos Vinícios Vilaça. Rio de Janeiro: Academia
Brasileira de Letras, 2010.

190 p. ; 21 cm. (Austregésilo de Athayde ; v. 31)

Edição em comemoração do Bicentenário da Independência
da Argentina.

ISBN 978-85-7440-148-5

I. Literatura brasileira. 2. Ensaio. I. Vilaça, Marcos Vinícios,
1939-. II. Série.

CDD B869.4

Apresentação

MARCOS VINÍCIOS VILAÇA
Presidente da Academia Brasileira de Letras

O ensaio é um gênero literário desde Montaigne. No Brasil o ensaísmo literário une-se ao filosófico em Tobias Barreto, patrono de uma das Cadeiras da Academia Brasileira de Letras, e ao sociológico em Silvio Romero, um dos seus fundadores.

Vamireh Chacon, mesmo com formação universitária de doutoramento no Brasil e na Alemanha e pós-doutoramento nos Estados Unidos, permaneceu fiel às origens ibéricas, em meio às influências germânicas da Escola do Recife na Faculdade de Direito de Pernambuco, e americanas de Gilberto Freyre em Apipucos. Foi Ortega y Gasset quem começou a revelar o pensamento hispânico e o alemão à geração de Eduardo Portella, Nelson Saldanha e Vamireh Chacon, e para a anterior, a de Hélio Jaguaribe e Cândido Mendes, no Nordeste e outras partes do Brasil.

A fidelidade de Vamireh Chacon à iberidade continuou presente no seu itinerário intelectual, como se vê em vários dos seus artigos e ensaios resultantes de suas pesquisas principalmente em Caracas e Bogotá, entre os quais os que escreveu sobre o poeta Natividade Salda-

nha e o General Abreu e Lima, pernambucanos refugiados na Venezuela e na Colômbia, companheiros de Simón Bolívar em suas campanhas de independência dos países hispano-americanos.

Vamireh Chacon não se esquece de sempre incluir conferências suas nas universidades de Lisboa – desde a chamada clássica à nova e à técnica – e Coimbra, Porto, Minho e Évora, ao lado da complutense de Madrid e a de Salamanca, entre outras, principalmente da Alemanha, França, Grã-Bretanha e Estados Unidos.

Desde 1991, Vamireh Chacon participa dos colóquios do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira no Brasil e em Portugal, do qual é um dos fundadores e teve em Miguel Reale sua presidência de honra.

No seu livro *A Grande Ibéria (Convergências e divergências de uma tendência)*, Vamireh Chacon procura aproximar as influências de Portugal e das Espanhas – castelhana, galega, catalã e outras – no Brasil em João Cabral de Melo Neto, Eduardo Portella, Ariano Suassuna e Nélida Piñon. Propõe até uma aproximação prática maior entre a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), sediada em Lisboa, e a CIN (Comunidade Ibero-Americana de Nações), outro tanto em Madrid.

Em *O Brasil e o ensaio hispano-americano*, Vamireh Chacon estuda as afinidades e aproximações, até mesmo influências recíprocas, entre escritores ensaístas brasileiros e os dos países nossos vizinhos. Assim vemos o interesse de Joaquim Nabuco pelo Chile, em *Balmaceda*, Oliveira Lima em *Na Argentina e Impressões da América espanhola*, e Jorge Luis Borges quatro vezes no Brasil e muitos outros. Borges traduzido entre nós por Ivan Junqueira e Carlos Nejar. São laços profundos que nos unem, não só às culturas, extensivos a inúmeros outros. Livros de poemas de Lêdo Ivo foram traduzidos ao castelhano no México, Peru e Espanha.

A publicação de *O Brasil e o ensaio hispano-americano* de Vamireh Chacon situa-se no contexto das comemorações do Bicentenário da Independência da Argentina, às quais também assim se associa a Academia Brasileira de Letras.

Recordações

VAMIREH CHACON

O ensaio implica concepção de vida, não é só estilo ou gênero literário. O ensaísmo significa a consciência da incompletude a ser gradativamente preenchida por outras pesquisas e interpretações. Daí a projeção do ensaio em ensaísmo nos seus principais iniciadores, Montaigne na França e Francis Bacon na Inglaterra no século XVI, mais uma das faces do Renascimento. As próprias culturas e civilizações são sucessivos ensaios em permanente recriação. O ensaio pode ser sistemático, não sistêmico.

Tanto ensaio quanto ensaísmo chegam à Espanha desde o século XVII em Benito Feijoo, daí em diante percorrendo outro longo, frutífero e largo itinerário. Desabrochando no século XX em Azorín, Ganivet, Eugenio d'Ors e na própria filosofia através de Unamuno e Ortega y Gasset, dentre muitos, antes e depois. No Brasil desde o século XVIII, com Matias Aires nas suas *Reflexões sobre a vaidade dos homens* e Sousa Nunes nos *Discursos político-morais* na linha do ensaísmo de ideias.

Na Hispano-América o ensaio, enquanto expressão literária mais conteúdo de ensaísmo, foi nesta análise limitado aos séculos XIX e

XX, por mais predecessores que também tivesse. Evidentemente não estão aqui todos os ensaístas, senão seria uma sistêmica história deles, em vez de ensaios sobre ensaios no contexto do geral sistemático ensaísmo.

Não há, porém, Hispano-América e sim Hispano-Américas de variadas procedências ameríndias, mais os negros trazidos escravos da África e os muitos europeus, além dos espanhóis, ao lado até de asiáticos. Fenômenos análogos, embora não idênticos, aos dos Brasis nas também diversificantes Américas Portuguesas, unificadas politicamente pelo Estado unitário de Portugal, ao contrário dos espanhóis trazendo consigo as cissiparidades projetadas em separatismos.

As suas expressões literárias em ensaios são produtos dos seus ensaios de culturas e civilizações, cada uma delas compondo uma série de experimentos étnicos, sociais, econômicos, políticos, éticos, religiosos e institucionais, complexos conjuntos em contradições antagônicas e/ou reciprocamente complementares, conforme as circunstâncias em fases, depois ciclos, no tempo e espaço.

As culturas e civilizações ibero-(luso e hispano-) americanas reproduziram no então chamado Novo Mundo as mais frequentes hostilidades, ou desconhecimentos entre si, que trabalhos em comum, das idiossincracias herdadas de Portugal e Espanha.

Do lado brasileiro a aproximação cultural começou por Abreu e Lima, único brasileiro general de Bolívar, e o poeta Natividade Saldanha, também tornado bolivariano. Em seguida, 1866, o Barão de Japurá, Miguel Maria Lisboa, publicou, como enviado diplomático brasileiro, sua *Relação de uma viagem à Venezuela, Nova Granada e Equador*. Em princípios do século XX, outro diplomata brasileiro, Oliveira Lima, lançou o livro *Impressões da américa espanhola (1904-1906)* e *Na Argentina (1918-1919)*. Além dos relatórios internos de diplomatas brasileiros.

Era a época das negociações do Barão do Rio Branco, ministro das Relações Exteriores do Brasil (1902-1912), com os vizinhos. Entre 1912 e 1914 José Veríssimo sobre eles escrevia para o *Jornal do Commercio* e *Diário Ilustrado* do Rio de Janeiro e de 1909 a 1919 circulava no Rio a *Revista Americana* reunindo autores brasileiros e hispano-americanos. Tanto na forma quanto na substância esses textos eram mais ensaísticos que apenas artigos. Manoel Bomfim é pessimista em *América Latina (Males de origem)*, 1905.

O primeiro professor de ensino superior no Brasil a estudar, lecionar e escrever especialmente sobre Hispano-América foi Sílvio Júlio de Albuquerque Lima (1895-1984), que se assinava Sílvio Júlio, pernambucano do Recife, aos dois anos de idade transferido com o pai, militar, ao Rio de Janeiro. Ali começa estudos no Colégio Militar, depois na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais, onde foi aluno, entre outros mestres, de Sílvio Romero, que lhe despertou a atenção para o folclore brasileiro. Aplica esses conhecimentos ao estudo do folclore gaúcho, após bacharelar-se na Faculdade de Direito de Porto Alegre e passar a trabalhar, como professor e jornalista, na capital e cidades do interior do Rio Grande do Sul.

Sílvio Júlio especificamente escreveu em 1924 *Estudos hispano-americanos, Escritores da Colômbia e Venezuela* (1942), *José Enrique Rodó e o Cinquentenário de seu livro Ariel* (1954). Conheceu pessoalmente Rodó em Montevidéu e correspondeu-se com Unamuno, Blasco Ibáñez e Salvador Rueda entre vários escritores espanhóis, do que dá conta no livro *Nótulas de literatura espanhola para brasileiros* (1962). Também da sua autoria uma biografia de Bolívar (1931) e *Artigas* (1960).

Estende seu interesse à literatura portuguesa (*Projeção universal de Eça de Queirós*, 1943), ao folclore e à dialetologia luso-brasileiros, podendo chegar à autodefinição: “Sou brasileiro e ibero-americano, simulta-

neamente. Tudo que faço ou escrevo (que em mim é o mesmo) deriva da circunstância natural deste duplo acontecimento”. Dele foi publicado em espanhol castelhano, *Del estilo en la historia*, em 1969 pela Universidade de San Marcos em Lima, Peru.

Silvio Júlio permaneceu brasileiríssimo, com se vê nos seus livros de pesquisas sobre o folclore do gaúcho ao nordestino, seguindo as lições do seu primeiro grande mestre, Sílvio Romero. Sílvio Júlio também surge engajado na defesa do Nordeste, especialmente do Ceará, nas épocas de grandes secas.

Na crítica literária, a influência hispânica expressou-se melhor em Eduardo Portella, discípulo de Carlos Bousoño e Dámaso Alonso na Universidade de Madrid da década de 1950, indo além do *New Criticism* da época no Brasil. Influência hispânica também na poesia em João Cabral de Melo Neto e Ariano Suassuna, na prosa de ficção de Nélide Piñon.

A geração brasileira, da qual faço parte, começou influenciada por Federico García Lorca e Antonio Machado na literatura, Unamuno e Ortega y Gasset na filosofia, ao lado do ensaísmo de Azorín, Ganivet e Eugenio d’Ors. Eram livros editados principalmente pela Revista de Occidente de Madrid e a também madrilenha Espasa-Calpe, esta com filiais em Buenos Aires e Cidade do México. Convém incluir a grande importância do Fondo de Cultura Económica do México, tradutor de Karl Mannheim, Werner Sombart e do próprio Max Weber então ausente até em língua inglesa, francesa e italiana.

Continuadora dos estudos hispânicos no Brasil, outro especial destaque universitário é Bella Jozef com sua *História da literatura hispano-americana* em várias edições, após a primeira em 1971, prefaciada por Eduardo Portella.

Além dos poetas e ficcionistas, Bella Jozef aborda desde os ensaístas pioneiros – o equatoriano Juan Montalvo, o cubano Enrique José

Varona, o mexicano Justo Sierra, o peruano Manuel González Prada, o uruguaio Carlos Vaz Ferreira e outros – aos modernistas (o uruguaio José Enrique Rodó, o mexicano José Vasconcelos, o argentino José Ingenieros) e os eruditos: o mexicano Alfonso Reyes, o dominicano radicado nos Estados Unidos Pedro Henríquez Ureña, o argentino Ezequiel Martínez Estrada e os paraguaios Justo Pastor Benítez e Natalicio González. Também são evocados o marxista peruano José Carlos Mariátegui, o culturalista colombiano Germán Arciniegas e o mexicano Prêmio Nobel de Literatura Octavio Paz. Aqui estudados sem qualquer pretensão de esgotar a rica linhagem ensaística hispano-americana. Todos eles, menos ou mais interessados também quanto ao Brasil, em vários textos numa ampla iberidade. Muitos deles se conhecem e se referem.

A viagem intelectual pelo ensaio hispano-americano é viagem pela história das suas culturas. O itinerário do ensaio hispano-americano cruza-se várias vezes com o brasileiro.

A mim pessoalmente foi Gilberto Freyre quem iniciou nas primeiras leituras de ensaístas hispano-americanos, entre outras importantes orientações dele e de outros mestres no Brasil, Alemanha, Estados Unidos e França, desde os meus tempos de estudante e anos de formação. Os de início recomendados eram o *Facundo*, de Sarmiento, *Radio-grafia do pampa* e *A cabeça de Golias*, de Martínez Estrada, ambos argentinos, ademais de Eduardo Mallea (*História de uma paixão argentina* na ficção), o colombiano Germán Arciniegas (*Biografia do Caribe*), o cubano Fernando Ortiz (*O furacão*) e evidentemente muito de Alfonso Reyes, a quem Gilberto Freyre conheceu pessoalmente quando Reyes foi embaixador do México no Rio de Janeiro. Sua revista *Monterrey* e o Fondo de Cultura Económica mexicano tornaram-se muito lidos também no Brasil.

Dezenas de viagens vim a fazer ao México e países hispano-americanos diretamente vizinhos do Brasil, ao longo de décadas, paralelamente a viagens a outros continentes, em especial Europa e Estados Unidos. Colhi não só bibliografias, também inúmeras importantes vivências pessoais para visões das culturas hispano-americanas por dentro. Além da poesia e ficção, concentrei-me sobretudo nos ensaios e ensaísmos hispano-americanos, de cujas longas leituras este livro é uma síntese. Continuadora do meu gosto por este gênero e sentido em outros idiomas.

Os capítulos deste livro são ensaios autônomos, têm vidas próprias no espírito do ensaísmo em sucessivos tempos e lugares. Germán Arciniegas chegou até a definir que “América es un ensayo”. Outro tanto, menos ou mais, em todas as culturas e civilizações, experiências históricas também nas Ibero-Américas e, nelas, os Brasis em diversidades complementares. Sem integração cultural, não há outras plenas integrações. Os povos precisam melhor se conhecer, para melhor colaboração.

Sumário

Apresentação: Marcos Vinícios Vilaça	vii
Recordações: Vamireh Chacon	xi
Abreu e Lima – ensaísta	3
Sarmiento educador e estadista	9
O Iopezguaísmo: mito e realidade	21
A historiologia peruana de Jorge Basadre	35
O pensamento orgânico chileno: realismo conservador	43
Arciniegas, Uslar Pietri e Ortiz: dos Andes ao Caribe	69
Henríquez Ureña, Haya de la Torre e Mariátegui: A utopia da América	81
Martínez Estrada: o pampa de Golias	97
Jorge Luís Borges: argentino e cosmopolita	117
O ensaísmo uruguaio das ideias às realidades	131
A presença cultural do México no Brasil do século XX	153
Gilberto Freyre ibero-americano	163

 O BRASIL E O ENSAIO
HISPANO-AMERICANO

Abreu e Lima — ensaísta

O ensaio, gênero literário, e o ensaísmo, visão do mundo, têm raízes várias também no Brasil por inspirações diversas. José Inácio de Abreu e Lima está entre os primeiros ensaístas brasileiros. Sílvio Romero foi, na sua *História da literatura brasileira*, algo unilateral contra ele, ao só lhe ver os lados negativos, comportamento muito típico de alguns exageros do próprio Sílvio, atraindo represálias extremadas.

O ensaísmo intelectual de Abreu e Lima, na consciência de sua autolimitação diante da realidade vista como precária e provisória, seu ensaísmo provém principalmente de ativa participação no concreto experimento político bolivariano de construção e cissiparidade da Grã-Colômbia.

Em carta ao Presidente José Antonio Páez, Abreu e Lima evocava ter combatido nas principais batalhas bolivarianas da Independência:

“Tenho orgulho de chamar-me um dos libertadores de Venezuela e dos da Nova Granada, e em usar das minhas venetas. Faço garbo das minhas cruces de Boyacá e de Porto Cabello, e do meu nobre escudo de Carabobo. Tenho e conser-


vo o busto de ouro do Libertador Simón Bolívar, que ele mesmo me deu como um diploma muito honroso”.¹


Um diplomata e escritor venezuelano, Diego Carbonell, é dos que reconhecem:

“Nosso herói e vosso compatriota viu nascer a Grã-Colômbia, assistiu à sua infância, à sua agonia e à sua morte. Isto é o bastante para que a história da Grã-Colômbia o considere na falange dos Libertadores, pois quem esteve em Carabobo e Boyacá, já sabemos que foi testemunha de um milagre...”²

Abreu e Lima teve formação humanística, com o pai o padre Roma assim conhecido por haver estudado nesta cidade e que terminou fuzilado pelos portugueses por comportamento revolucionário após ter deixado as ordens religiosas. Abreu e Lima seguiu carreira militar, até o posto de capitão de artilharia, e fugirá aos Estados Unidos e de lá à Grã-Colômbia em fase inicial de libertação do domínio colonial espanhol, único brasileiro general de Bolívar.

Abreu e Lima teve inicial formação humanística pelo pai, que o fez estudar, filosofia, retórica, francês, inglês e até grego, antes passando naturalmente pelo latim.³ Foi destas preparações intelectuais e daquelas experiências pessoais que Abreu e Lima se encaminhou para a visão

1  Carta do general José Inácio de Abreu e Lima ao presidente da Venezuela, general José Antonio Páez, datada de 18 de setembro de 1868 e publicada em 20 e 21 de maio de 1873 no *Diário de Pernambuco*.

2  Diego Carbonell, “Um herói brasileiro na guerra grã-colombiana de emancipação” na edição do *Resumen histórico de la última dictadura del Libertador Simón Bolívar comprobada con documentos*, publicada no Brasil pela Editora “O Norte” do Rio de Janeiro em 1932, cópia do original guardado no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, pp. 25 e 26.

e estilo ensaísticos. Seu primeiro texto no gênero foi o *Resumen histórico de la última dictadura del Libertador Simón Bolívar comprobada con documentos*,⁴ escrito a pedido pessoal de Bolívar como resposta a acusações recebidas de Benjamin Constant, o liberal suíço-francês, quando da fragmentação da Grã-Colômbia em vários países e encaminhamento de Bolívar ao exílio, não consumado por falecimento.

Nas apaixonadas polêmicas do tempo, Abreu e Lima chega a publicar em Cartagena, 1830, na Colômbia, os panfletos *La barca de San Pedro* e *La torre de Babel*.

Por exemplo, a história interpretada como luta de classes:

“Que somos todos, inimigos e rivais uns dos outros na proporção das nossas respectivas classes, não necessitamos de argumentos para prová-lo, basta só que cada um dos que lerem este papel, seja qual for a sua condição, meta a mão na sua consciência e consulte os sentimentos do seu próprio coração”.

O Brasil da sua época estaria dividido “em quatro famílias distintas e tão opostas e inimigas umas das outras, como duas grandes seções entre si”: de um lado os negros e mestiços livres, do outro os brancos brasileiros natos e adotivos imigrantes estrangeiros, além dos índios outrora em áreas mais distantes.⁵

3 ☞ Vide o verbete “José Inácio de Abreu e Lima” (não confundir com o homônimo pai) in Pereira da Costa, *Dicionário biográfico de pernambucanos célebres*, Recife, Tipografia Universal, 1882, p. 549 e seguintes.

4 ☞ Vide nota 2.

5 ☞ *Bosquejo histórico, político e literário do Brasil ou análise crítica do projeto do Dr. A. F. França, oferecido em sessão de 16 de maio último à Câmara dos Deputados reduzindo o sistema monárquico constitucional, que felizmente nos rege, a uma república democrática: seguida de outra análise do projeto do deputado Rafael de Carvalho, sobre a separação da Igreja Brasileira da Santa Sede Apostólica*, Niterói, Tip. Niterói, 1835, pp. 55, 56, 74 e 177. Gilberto Freyre em *Um engenheiro francês no Brasil* e Amaro Quintas em *O sentido social da revolução praiense* ampliaram o estudo de Pereira da Costa sobre o general Abreu e Lima, por mim biografado desde 1983 sob o título *Abreu e Lima (General de Bolívar)*.

Ainda publicado no Rio de Janeiro, 1843, é o seu *Compêndio da história do Brasil*, cronológico, sem interpretações mais profundas, porém o suficiente para o conservador monárquico e lusófilo Varnhagen, apesar de rigoroso em pesquisas, contra ele se enfurecer.

Não deve surpreender a dedicatória de Abreu e Lima ali a Dom Pedro II, “em sinal de profundo respeito e da mais pura afeição e lealdade”. Na França, Victor Considérant, socialista na linha de Fourier, dedicava sua *Destinée sociale* ao rei Luís Filipe, “o mais interessado na ordem, prosperidade pública e particular, na felicidade dos indivíduos e nações”. Era tendência vindo do também socialista Saint-Simon, que, no seu *Nouveau christianisme*, conclamava as classes dominantes a liderarem a implantação do socialismo...

Em 1845, também no Rio de Janeiro é publicada por Abreu e Lima sua *Sinopse ou dedução cronológica dos fatos mais notáveis da história do Brasil*, a primeira coleção de efemérides brasileiras de 1500 a 1842, muitos antes de o Barão do Rio escrever as dele.

Há intenção ensaística percorrendo estes livros, como se vê desde os seus títulos: *Bosquejo*, *Compêndio e Sinopse*. Abreu e Lima não quer conclusões definitivas, as suas são tentativas de aproximação, portanto ensaios de interpretação. Implicitamente o autor aproveita experiências políticas pessoais brasileiras, antes e depois das que teve nas lutas da Grã-Colômbia, para elaborar síntese própria aplicada ao Brasil. De volta Abreu e Lima encontrava os debates sobre a recém-abdicação de Dom Pedro I em retorno a Portugal, e os da Regência que terão no levante popular da Praieira em Pernambuco, 1848, o seu último reflexo. Insurreição já sob influências socialistas, Joaquim Nabuco as registrará em *Um estadista do Império*.

Apesar de participar do início de 1848, quando esteve entre seus moderados no *Diário Novo* do Recife, oposto aos novos radicais, tam-

bém Abreu e Lima sentia o influxo dos socialismos em discussão. Busca optar por uma das suas vertentes, a cristã de Lammenais com alguns toques econômicos de outros autores em *O socialismo*, publicado no Recife em 1855, o primeiro explícito sob esse título com seu assunto em toda a América Latina. Mais uma vez não tem pretensões tratadísticas e sim de ensaísmo, então de idéias, sistemático porém não sistêmico.

Abreu e Lima não estava sozinho nem em geração, nem em época. Descendia de tradição revolucionária, também as há oriundas do Seminário de Olinda, tão iluminista no seu ensino que no Brasil gerando insurrectos padres maçônicos nos princípios do século XIX, contra os quais e para formar a administração do Império vem a ser instalada em Olinda, depois no Recife, uma das duas primeiras Faculdades de Direito do Brasil em 1827, a outra em São Paulo. Esta grande torrente, provindo dos reformadores e revolucionários, vai se cruzar em Joaquim Nabuco com a dos liberais e conservadores esclarecidos. Seu pai, o Conselheiro Nabuco de Araújo, tinha sido na juventude um dos juizes contra os vencidos insurrectos de 1848, com o passar do tempo aderindo ao extremo oposto, a dos liberais ditos progressistas já naquela época.

O artigo de jornal, inclusive polêmico, e os panfletos na mesma linha, predominavam sobre o ensaio mais meditado, com consciência das suas limitações. Abreu e Lima é dos que se inserem nesta linhagem intelectual, surgindo como o primeiro brasileiro a assim se interessar, não só participar praticamente, dos grandes temas e questões da América Hispânica, outro dos seus pioneirismos.

Sarmiento educador e estadista

Platão, em texto célebre, recomendava o rei-filósofo como melhor governante. Na prática, os intelectuais nem sempre corresponderam à expectativa, uma das raras exceções foi Domingo Faustino Sarmiento, presidente da República Argentina de 1868 a 1874, mesmo assim polémico, menos por si próprio que pelos inevitáveis adversários na política. Por suas ideias progressistas, ele mesmo assim as declarava, e por seus democráticos combates de persuasão do povo para adotá-las, Sarmiento bem merece a denominação de rei-filósofo republicano latino-ibero-americano.

Numa democracia também cumpre educar o soberano, neste caso o povo, Sarmiento preparou-se a vida inteira para esta missão e, por isso, pode ser considerado o pedagogo nacional do seu país.

O futuro mestre das massas argentinas nasceu no interior, na então distante San Juan de la Frontera, perto dos Andes e do Chile. Escreveu sentidas memórias, *Recuerdos de provincia* (1850), onde intenso sentimento se alia a fino estilo literário, em força, não só na forma. Jorge Luís Borges dizia que poética e retórica são inseparáveis, isso é tanto mais verdade na cultura castelhana no sentido de apaixonada expressão em palavras, imagens, cores e sons.

Recuerdos de provincia começam por proclamações de orgulho da ascendência dos Conquistadores espanhóis da Ibero-América, seus ancestrais, “famílias antigas, que compuseram a velha aristocracia colonial”, sob o signo dos jesuítas os quais, com elas, iniciaram o povoamento e a evangelização do Norte e Oeste argentinos vindo dos Andes peruanos e chilenos, trazidos pela incessante busca de minas de ouro e prata. Daquelas tradicionais famílias proviriam descendentes tiranos, Juan Manuel Rosas no século XIX, e escritores, Eduardo Mallea e Tomás Eloy Martínez, no XX, muitas vezes de famílias empobrecidas como os ancestrais mais próximos de Sarmiento.¹

Sua decadência, em meio à perda de liderança nas hostis circunstâncias do desbravamento e colonização remotos, implicou na ascensão e multiplicação da desordem no vácuo de poder entre os espanhóis em retirada, e o ainda distante poder central de Buenos Aires, ao lado de poucas cidades espalhadas e distantes entre si: começos do conflito entre civilização e barbárie, subtítulo de futuro famoso livro de Sarmiento, com o qual pretendia advertir e preparar os argentinos para superação daquele caos inicial.

Sarmiento preocupa-se, conclama: “Vede a Inglaterra, a França, os Estados Unidos...” Sensibiliza-se com os reformadores liberais conservadores daqueles países, aponta-os como exemplo, não para a cópia e sim à emulação. Seus fantasmas são os caudilhos regionais, que o insultam e perseguem até ao exílio. E explica: “As antigas famílias coloniais desapareceram da Argentina”; cada um dos caudilhos, que as quis substituir, “nunca ouviu silvar as balas espanholas, porque seu nome obscuro, seu nome de ontem não está associado aos imortais nomes dos que se ilustraram em Chacabuco, Tucumán, Maipu, Cal-

1  Sarmiento, Domingo Faustino, *Recuerdos de provincia* (Con un apéndice sobre su muerte por Martín García Mérou), Buenos Aires, La Cultura Argentina, 1916, pp. 16, 39 e 23.

lao, Talcahuano, Junín e Ayacucho”, as grandes batalhas de libertação nacional da Hispano-América. Depois da geração dos Libertadores – Miranda, Bolívar, Belgrano, San Martín, Sucre, O’ Higgins – veio a geração dos caudilhos, Facundo Quiroga escolhido por Sarmiento como protótipo mais que simbólico, cuja tirania dá título ao seu livro com *Civilización y barbárie* como sub-título.²

Sarmiento migrara da distante cidade natal conflagrada, como quase todas as outras, por caudilhismos só competindo em violência. Sarmiento, de volta do exílio, aposta em Buenos Aires aberta ao mundo, porto transatlântico da nação inteira. Sarmiento, e tantos mais, muito devem à metrópole do Rio da Prata. De lá vinham, desde as primeiras letras, os mestres; assim também Sarmiento teve os seus, cedo se torna unitário no sentido de defensor da civilizadora hegemonia da capital, vai pagar caro por isso, os caudilhos regionais o encarcerarão e o expulsarão da Argentina.

Sem conseguir entrar no Seminário de Córdoba, torna-se autodidata, assim continuará em toda a vida de apóstolo da educação popular laica, obrigatória e gratuita, caminho único para a democracia consciente. O livro que primeiro lê é a *Vida de Franklin*, manterá por toda a vida admiração profunda por estes Estados Unidos. Será em língua inglesa que lerá a *Vida de Cícero* de Middleton. Também aprende italiano, alemão, francês, em meio a enormes dificuldades materiais; chega inclusive ao português, que lhe será muito útil nos contactos com brasileiros nas lutas contra o inimigo comum, o caudilho Juan Manuel Rosas.

Confessa as primeiras leituras, marcantes em toda a sua vida; nas suas próprias palavras: “Villemain e Schlegel, em literatura; Jouffroy,


2 ∞ *Idem*, pp. 59, 9, 10, 33, 263 e 109.

Lerminier, Guizot, Cousin, em filosofia e história; Tocqueville, Le-roux, em democracia; a *Revista Enciclopédica* como síntese de todas as doutrinas”. Somadas estas influências a anteriores e posteriores – Síl- vio Pellico em luta contra a tirania indo até ao cárcere e os americanos fundadores dos Estados Unidos – vemos, em conclusão, uma interes- sante, mesmo importante, síntese ou convergência de liberalismo con- servador e progressismo social, era o viável na sociedade argentina do seu tempo.³

Sarmiento percorria estas etapas da sua formação intelectual ven- cendo as maiores dificuldades materiais. A tradicional família, da qual provinha em meio a tantas em idêntica situação, sua família havia em- pobrecido, passara a geração dos idealistas Libertadores; sucedia-lhes o mais grosseiro, homicida e suicida, dos realismos: homicida contra os outros, suicida contra a própria nação.

O jovem Sarmiento teve de exercer as mais ínfimas profissões ma- nuais, empregado subalterno no comércio e até trabalhador no fundo de minas. Tornar-se professor em escola primária, ensinando primei- ras letras a crianças, foi o início da sua ascensão social e política. Criou e dirigiu uma escola secundária. Tornou-se jornalista. Então passou a atrair as iras dos obscurantistas caudilhescos. O jornal por ele funda- do, *El Zonda*, viu-se fechado, Sarmiento preso e exilado.

Seguiu para o Chile, que abrigava, entre mais exilados, Andrés Bel- lo, grande educador venezuelano. Em Santiago, Sarmiento chegou a redator de *El Mercurio* e um dos fundadores de *El Nacional*, os maiores jornais chilenos da época. Ainda em Santiago do Chile organizou a Escola Normal, como diretor, o primeiro centro superior de forma- ção de professores em toda América Latina, sem se afastar do jornalis-

3  *Ibidem*, pp. 110, 218, 225, 230-232 e 235.

mo. Durante os anos de 1845 a 1848 viajou pela Europa e estendeu-se aos Estados Unidos, coisa rara naquele tempo de hegemonia européia excludente.

Na sua longa viagem, visitou Thiers, Cobden, Lesseps, Bugeaud, Dumas, políticos e escritores; na Prússia foi recebido pelos ministros do Rei e por Alexandre Humboldt em pessoa; no Vaticano pelo Papa Pio IX; nos Estados Unidos por Horace Mann, apóstolo da educação pública gratuita; e muitos mais “que seria prolixo enumerar, com os quais passei horas inteiras tratando dos assuntos mais graves, tendo merecido de todos as mais lisonjeiras distinções, com muitos deles na maior intimidade”, enquanto os caudilhos argentinos, e seus escribas, espalhavam cartas insultando-o como “vil” e “imundo”. Sarmiento não esqueceu de visitar San Martín, o fundador maior da Argentina, idoso no exílio.⁴ Nem a este, a geração de caudilhos aceitava.


Na Europa, Sarmiento deslumbra-se, porém enquanto *déjà vu*. Prefere ver de perto o neocolonialismo francês na Argélia. Inevitavelmente se maravilha com o exótico das paisagens e dos trajés, contudo, sem perder a visão crítica, limitada pela pouca divulgação dos raros estudos da época sobre a contemporânea cultura árabe e muçulmana.


Nos Estados Unidos, Sarmiento faz algo parecido com Tocqueville: tenta a interpretação da religião, capitalismo, federalismo (o qual não queria para a Argentina por conta dos localismos caudilhescos) e a escola pública obrigatória, laica e gratuita, que ele pretendia também para o seu país.⁵ Sarmiento virá a ser embaixador argentino em Washington durante quatro anos, antes de presidente da República, senador, ministro e professor de Direito Constitucional na Universidade

4 ☞ *Ibidem*, pp. 305 e 306. Sarmiento entra em pormenores sobre as chicanas e prisões por ele sofridas, até decidir-se pelo exílio (pp. 235-261). A descrição da visita de Sarmiento a San Martín está no livro na nota 6 destas Notas Bibliográficas.

de Buenos Aires, numa sequência demonstrativa de saber de experiência feito, desde os tempos de empregado subalterno no comércio, trabalhador no fundo de minas, exilado, fundador de jornais, jornalista militante, professor de escola primária a diretor de escola secundária, todo um itinerário de baixo para cima, ardente, apaixonado, sempre polêmico em vida e até depois de falecido, nunca morto, porque sempre lembrado, pró ou contra, pelos que lêem sua obra diversificada, engajada, testemunhal, vindo do passado mirando o futuro.

Pio IX foi o primeiro a visitar a América do Sul, antes de tornar-se Papa. Sabendo ser Sarmiento argentino exilado no Chile, pergunta muito pelos argentinos e chilenos que conheceu pessoalmente; ouve horrorizado que Rivadavia, presidente esclarecido da Argentina, acabara desterrado em Cádiz e na miséria; alegra-se que a república pacífica no Chile possa vir a servir de inspiração aos vizinhos hispano-americanos. A sutil diplomacia de Pio IX, ainda na fase anterior aos grandes conflitos que teria de enfrentar nas lutas pela unificação italiana em parte contra o Vaticano, a fina sensibilidade do Pontífice preferia fazer perguntas sobre a América do Sul, em vez de propor políticas concretas.⁶

5  D. F. Sarmiento, *Viajes por Europa, África y América (1845-1847)*, edição crítica org. por Javier Fernández, Madrid: Colección Archivos, 1993. *Vide* os comentários “Sarmiento en los Estados Unidos” por William H. Katra e “Los Estados Unidos en Sarmiento” por Jaime O. Pellicer, pp. 853-952. Há teses de mestrado e doutoramento em universidades dos Estados Unidos sobre a americanofilia de Sarmiento. Quanto à sua concepção de escola pública, muito afim da de Horace Mann com quem se entrevistou pessoalmente no Massachusetts, *vide* o próprio Sarmiento no seu livro *Educación popular* e na autocrítica que dele faz em *Recuerdos de provincia*: “Este livro é aquele que mais estimo”, “é fruto amadurecido” (*op. cit.*, pp. 306 e 307).

6  *Viajes, op. cit.*, pp. 205 e 222-224. Sarmiento era maçom, porém nesta fase, meados do século XIX, ainda não haviam irrompido hostilidades oficiais entre o Papado e a maçonaria.

O capítulo sobre o Brasil (Rio de Janeiro), em forma de carta como os demais, é um dos mais longos do seu livro *Viajes*, ali Sarmiento passa mais de vinte dias. Demonstra ter muito entendido o Brasil, mesmo a partir de uma só cidade. Sente o impacto do langor dos trópicos – argentino dos Andes exilado no Chile – e entende, por experiências pessoais, o esforço monárquico constitucional brasileiro ainda sem ameaça de república, naquele ano de 1846. Indignado com a escravidão, consegue compreender a diferença da mestiçagem no Brasil e seu crescimento como salvação: “o mulato suplanta o branco”. Alegra-se em ver o repúdio brasileiro contra o tirano argentino Rosas, que tanto fizera Sarmiento sofrer, do cárcere ao exílio. As observações de Sarmiento são dignas de sociólogo e politólogo sobre o Brasil e por onde mais passou.⁷


Pouco depois, 1852, o Exército brasileiro se incorporará à oposição contra Rosas, para depô-lo à força armada do poder. Sarmiento entrará na Argentina em companhia dos seus compatriotas aliados do Brasil, tropas binacionais lado a lado, com a finalidade de colocar na presidência Justo José de Urquiza, governador da província de Entre Rios, próxima do Brasil. O Exército de Rosas será derrotado enfim na Batalha de Caseros, antes a esquadra dele havia sido destruída na Batalha de Tonelero, nesta pela Armada brasileira. Tropas uruguaias juntam-se à marcha sobre Buenos Aires, Rosas foge, abandonando a capital. As forças aliadas ocupam-na e põem Urquiza na presidência da república. Acaba este bloqueio no Prata.


7 ☞ *Viajes*, *op. cit.*, pp. 56-74. Seu discípulo predileto, o diplomata Martín García Mérou viverá no Rio de Janeiro larga temporada, escrevendo *El Brasil intelectual (Impresiones y notas literarias)*, Buenos Aires, Félix Lajouane, Editor, 1910. Ali descreve, com conhecimento próximo de causa, a vida literária brasileira de fins do século XIX a princípios do XX.

A imprensa brasileira clamou contra tanto dinheiro e sangue brasileiros para resolver um problema político estrangeiro, mas Sarmiento mostra como o Brasil ganhou com a internacionalização do tráfego nos amplos afluentes do Rio da Prata, o Uruguai e o Paraguai, que dão nomes aos países ribeirinhos, cujos caminhos fluviais eram, então, o melhor acesso do Brasil ao seu próprio Oeste.⁸

Veio a ser superado o permanente perigo de engarrafamento do Oeste brasileiro, que levará à intervenção militar do Brasil contra a presidência de Atanasio Aguirre no Uruguai. Mesmo assim, Solano López resolverá repetir o bloqueio e terá de ser também derrubado do poder com mais violência, dada a sua mais encarniçada resistência. Sarmiento sucederá Mitre na presidência da Argentina, aliada militar do Brasil na primeira fase da guerra ainda em companhia do Uruguai, o Brasil tendo de combater sozinho no último e pior período, embora com apoio político dos governos de Buenos Aires e Montevidéu.

Adversários de Sarmiento, das suas ideias e inclusive da colaboração especial Argentina-Brasil, nunca o perdoarão e voltarão à carga contra ele, sempre que possível. Sarmiento virá, mais uma vez, ao Brasil, 1852, para explicar os acontecimentos diretamente aos brasileiros: procura os líderes, frequenta a sociedade, visita os jornais, deixando outras anotações preciosas.⁹ Já era prócer e famoso autor do *Facundo*, análise do caudilhismo argentino e até platino, de início publicada em artigos no periódico chileno *El Progreso* ao longo de 1845, no mesmo ano editado em livro, logo um dos clássicos do pensamento sócio-político ibero-americano.

8  D. F. Sarmiento, *Campaña en el Ejército Grande Aliado de Sudamérica*, notas de Tulio Halperin Donghui, México – Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1958, pp. 88, 137 e 303-305.

9  *Idem*, pp. 225-274.

Facundo, com o subtítulo *Civilización y barbárie*, é um livro bem escrito, muito bem escrito. As limitações historiográficas decorrentes da sua paixão contra o caudilhismo, a barbárie – a seu ver com Facundo Quiroga como arquétipo, além de mero protótipo, hoje diríamos um tipo-ideal weberiano – aquelas limitações são grandemente superadas pela fidelidade à verdade e à elegante paixão com que Sarmiento escreve. O livro termina como um painel do conflito entre província e metrópole na Argentina do seu tempo, Euclides da Cunha o conheceu e cita-o em *À margem da história*.

Sem os preconceitos cientificistas, tão comuns no século XIX, Sarmiento esboça sociologia e política por intuição e experiência, dispensando erudição, quanto ao conteúdo. A estilística de Sarmiento, quanto à forma era um castelhano clássico, embora polemizasse romanticamente contra o purismo de Andrés Bello. Unamuno mostrou como Sarmiento era tão apaixonadamente espanhol nas suas críticas à Espanha, escrevendo em antigo castelhano colonial salpicado de regionalismos argentinos.¹⁰

O apostolado cívico educacional de Sarmiento teve um novo e considerável impulso a partir da repercussão de *Facundo*. Para vários hispano-americanos, história política e história literária são inseparáveis. Um pesquisador da Universidade de Nova York, em tese de doutoramento (1968), Benjamin Katz, mostra como Sarmiento via no caudilhismo provincial um círculo vicioso de efeito e causa de desorganização social, Juan Manuel Rosas sua máxima expressão nacional, Facundo Quiroga mais fácil de ser analisado porque num microcosmo com os mesmos defeitos de origem.¹¹


10 🌀 Sara Jaroslavsky Lowy apresentou à Universidade de Columbia, Nova York, 1970, a tese de doutoramento *Echeverría, Gutiérrez, Alberdi, and Sarmiento: Their Reaction to Spain and the Problem of the Language*. A compreensão de Unamuno, até mesmo sua admiração por Sarmiento, está no vol. IV das *Obras Completas* (Madrid, Afrodísio Agudo, 1958, p. 849) e no VII do *Ensayos* (Madrid, Residencia de Estudiantes, 1918, pp. 104 e 105).

11 🌀 Katz, Benjamin, *Argentine Sociology: The Social Ideas of Domingo Faustino Sarmiento*, New York University, 1968. Tb. tese de Phd.

Facundo é um libelo contra o que parecia a Sarmiento a barbárie da perversão do gaúcho isolado nas imensas planícies do pampa, sem lei nem rei do Estado espanhol, rompido pela Independência liderada pelo generoso idealismo dos Libertadores, sucedidos, no vácuo de poder, pelo primitivo, brutal, realismo dos grandes proprietários rurais, cada qual querendo impor sua lei de tiranos regionais, os caudilhos. Ao Rousseau, leitura básica de todos aqueles Libertadores, havia sucedido um Hobbes instintivo, dispensando leituras.

Na fase política do *Facundo* a representativa antítese era protagonizada por Rosas, de um lado – fechando o liceu, única escola secundária de Buenos Aires, exigindo juramentos de fidelidade política dos professores e impondo currículos politizados às próprias crianças – em contraste com Bernardino Rivadavia antes presidente, abolindo a escravidão, assegurando os direitos individuais e liberdades públicas, proibindo a tortura, separando Igreja e Estado, multiplicando escolas inclusive com bolsas de estudos para os pobres e fundando a Universidade de Buenos Aires (antes só havia, na Argentina, a de Córdoba, criada pelos jesuítas espanhóis já no século XVII da colonização). Lembre-se ainda a liberdade de imprensa, instituída por Rivadavia, e o seu apoio à agricultura e à livre iniciativa econômica em geral.¹²

Pelo engajamento político da sua obra de escritor, não se pode separá-la no pensamento e ação de Sarmiento, o que para sempre lhe valerá partidários pró e contra. Os historiadores, argentinos e estrangeiros, o colocam no centro do debate de uma das fases mais decisivas da história da república do Rio da Prata. A polêmica, em torno do gaú-

12  Juan Bautista Alberdi, grande constitucionalista argentino contemporâneo de Sarmiento, com ele polemizando afirma muito bem: “Facundo é Rosas com outro nome”. *Cartas quillotanas (Polémica com Domingo F. Sarmiento)*, Buenos Aires, La Cultura Argentina, 1916, p. 131.

cho, como tipo social, e do gauchismo como forma de vida social, também irá se prolongar.

Há toda uma literatura regionalista gauchesca na Argentina, do *Martín Fierro* (1872) de José Hernández, sua máxima expressão popular, ao *Don Ricardo Sombra* (1926) de Ricardo Güiraldes enquanto grande expressão moderna. Não sem polêmicas também literárias, não só políticas. Um clássico literário-sociológico-político do nível de *Radio-grafía de la pampa* (1933) de autoria de Martínez Estrada choca-se frontalmente contra o gauchismo, não por acaso ele também escreveu um livro sobre Sarmiento.

O conflito paradigmático numa só pessoa é o de Jorge Luís Borges.

Nas suas breves memórias, aparecidas inicialmente em inglês, Borges relembra um avô morto em guerras civis provinciais, recorda sua primeira visão do pampa aos dez anos de idade e apressa a conclusão que nunca passara das “primeiras estrofes” de “um poema sobre os gaúchos”. Logo em seguida se entrega às viagens na Europa e considerações universalistas.¹³


A verdade surge mais complexa.


Houve um “outro” Borges, um “primeiro” Borges regionalista e nacionalista, estreando literariamente em 1923 com todo um longo poema, *Fervor de Buenos Aires*, seguido por *El idioma de los argentinos* (1928), com *El tamaño de mi esperanza* de permeio em 1926¹⁴. Por mais que o Borges maduro, universalista, quisesse renegar o anterior, os críticos vêm estendendo atenção ao primeiro Borges influenciado pelo


13 ∞ Borges, Jorge Luís. *An Autobiographical Essay* ditado em inglês ao seu colaborador e tradutor Norman Thomas di Giovanni em 1970, publicado na revista *The New Yorker* em outubro daquele ano e como introdução à edição de *The Aleph and Other Stories*. Pela primeira vez em português como “Perfis” em *Elogio da sombra e outros perfis*, Porto Alegre, Globo, 1971, aqui cit. na ed. separada *Um ensaio autobiográfico* (1899-1970), São Paulo, Globo, 200, pp. 31 e 32.

argentinismo de Manuel Gálvez, Ricardo Rojas e Leopoldo Lugones¹⁵, tentativas de síntese nada menos que entre Rosas e Sarmiento, por estranho que pareça. É o esforço de integração província-metrópole no nacionalismo da Argentina, o pampa e a cabeça de Golias na definição de um outro livro de autoria de Martínez Estrada¹⁶ Violência ou institucionalização, tanto nos campos quanto nas cidades.

Esta tensão íntima, profunda, no cerne da argentinidade, pode ser e tem sido intensa e extensamente criativa, ou o seu oposto, como se vê na sua história política, econômica e cultural até os dias atuais.

14  Vide Rafael Olea Franco, *El otro Borges (El primer Borges)*, México-Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica-El Colegio de México, 1993, e Volodia Teitelboim, *Los dos Borges*, Santiago de Chile, Editorial Sudamericana Chilena, 1996.

15  Clementi, Hebe, *Manuel Gálvez atravesando nuestra historia*, Buenos Aires, Editorial Leviatán, 2001.

16  O livro *La cabeza de Goliath* de Martínez Estrada, 1940, é, de certo modo, continuação e complementação de *Radiografía de la pampa*, noutro contraste de cidade-campo, após o único volume *Facundo (Civilización y barbarie)* por Sarmiento. O livro daquele sobre este, *Sarmiento*, foi publicado em 1946, mesmo ano da posse presidencial de Perón, simulacro de Rosas, portanto mais que coincidência de datas. A intenção de Sarmiento no *Facundo* desdobra o subtítulo em *Aspecto físico, costumbres y hábitos de la República Argentina*.

O lopezguaísmo: mito e realidade

Até mesmo alguns brasileiros – por imaginário sentimento de culpa, ou por motivos ideológicos sem concretizações de efetivas ajudas aos povos vizinhos – publicam livros em defesa de Francisco Solano López, contra um suposto genocídio praticado por brasileiros na Guerra da Tríplice Aliança de 1865 a 1870. A força política e militar do Brasil teria então estado, mais uma vez e no seu pior momento, a serviço de instigadores interesses britânicos.

A mais objetiva historiografia brasileira, a respeito, permaneceu muito tempo na defensiva, até que o historiador Francisco Doratioto, em mestrado e doutoramento na Universidade de Brasília, pesquisou nos arquivos da Europa, Argentina e Uruguai, além de demorar-se três anos nos do próprio Paraguai. Com os resultados na dissertação *As relações entre o Brasil e o Paraguai (1889-1930): Do afastamento pragmático à reaproximação cautelosa*, culminando no livro *Maldita guerra (Nova história da Guerra do Paraguai)*, 2002. São textos documentados e críticos, sem concessões polêmicas. Onde ressalta a complexidade da questão, cuja percepção faltou principalmente a Solano López, na condução da política diplomática e da guerra, com seu trágico desfecho.


Também há paraguaios outro tanto objetivos, documentados e críticos do alto nível historiográfico de R. Antonio Ramos, autor da *La independencia del Paraguay y el Imperio del Brasil*, seguido por *La política del Brasil bajo la dictadura del dr. Francia*. O autor mostra a precedência brasileira no reconhecimento internacional da Independência paraguaia e o paradoxo de Francia, ditador que iniciou o fechamento do Paraguai ao mundo, ser filho de brasileiro natural de Mariana em Minas Gerais, localizada erradamente no Rio de Janeiro pelo seu biógrafo paraguaio. Francia casado com paraguaia de tradicional família.¹

Carlos Antonio López, pai de Francisco Solano López e presidente do Paraguai antes do filho, sabia da importância do Brasil desde a Independência paraguaia e depois dela, para consolidá-la, como se vê na carta dele ao imperador Dom Pedro II em 1.º de junho de 1845:

“Si al ejército de Vuestra Majestad Imperial pueden ser útiles las fuerzas paraguayas, ellas tendrán solamente la demora de recibir las resoluciones de su Augusta voluntad, y marcharán para los puntos que le fueren señalados, desde luego e independientemente de los tratados de la futura alianza de ambos Estados. El Supremo Gobierno a Su Majestad con amistad, gratitud grande y sincera y que durará siempre”.

Em 9 de outubro do mesmo ano, Dom Pedro II respondeu ao presidente Carlos Antonio López:

“He tomado y continuaré tomando un vivo interés por su Independencia, su engrandecimiento y por la prosperidad de su comercio, y emplearé en este empeño los medios de los cuales puede disponer un Gobierno amigo y bené-

1  Justo Pastor Benítez, *La vida solitaria del dr. José Gaspar de Francia (Dictador del Paraguay)*, Assunção, Carlos Schauman Editor, 1984 (1.ª ed. em 1937), pp. 27-29.

voló. Os agradezco la cooperación diplomática y militar que me ofrecéis. Es una prueba inequívoca de la confianza que depositásteis en mí. Yo aprecio debidamente esta prueba y haré de la cooperación el uso que me parezca más ventajoso al bienestar de la República del Paraguay”²

Francisco Solano López, antes de presidente paraguaio, esteve no Rio de Janeiro em ida e volta da Europa. Visitou e conheceu pessoalmente líderes políticos brasileiros, subestimou seu preparo intelectual e vontade política. Ainda mais subestimou a coesão política interna do Senado e Câmara, institucionalizados num Brasil então sem golpes de Estado, ao contrário de sua profusão na América Hispânica desde suas Independências. Quanto ao escravismo, e grande propriedade rural dos líderes brasileiros,³ os Pais Fundadores dos Estados Unidos – Washington, Jefferson, Madison – eram latifundiários e proprietários de numerosos escravos, como se vê nas suas biografias não hagiográficas, portanto menos ideológicas e mais objetivas.

E o pior: Solano López sequer tomou conhecimento da necessidade brasileira de navegação fluvial, pelos afluentes do Rio do Prata, para comunicações terrestres com o Oeste do Rio Grande Sul, Santa

2 ☞ R. Antonio Ramos, *La Independencia del Paraguay y el Imperio del Brasil*, Rio de Janeiro, Conselho Federal de Cultura-Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1976, pp. 308 e 309. Vide tb. Justo Pastor Benítez, *Carlos Antonio López (Estructuración del Estado paraguayo)*, Assunção, 1990 (1.^a ed. em 1949), pp. 84 e 85. Pastor Benítez reconhece dificuldades: “*Cuando amagaba un peligro en el horizonte se acordaba de su primer amigo internacional. Cuando pasaba el riesgo inminente se ponía a discutir con él en términos francos y a veces ásperos*” (p. 85). Seu filho, Francisco Solano López, teve o tratado, entre o Brasil e o Paraguai de 1850, cobrado em livre navegação pelo Brasil e cobrou solidariedade brasileira contra a Argentina em 1864, nas vésperas da guerra (p. 91).

3 ☞ José Murilo de Carvalho – em *A construção da ordem (A elite política imperial)*, Editora Universidade de Brasília, 1980 – demonstra a complexidade interna desse estamento brasileiro, muito além do escravismo.

Catarina, Paraná e Mato Grosso, numa época de estradas rudes e íngremes. O apresamento, pelos paraguaios, do navio brasileiro “Marquês de Olinda”, com o presidente da província, (governador) de Mato Grosso a bordo, e a invasão e ocupação paraguaias das cidades brasileiras no Mato Grosso e Uruguiana defronte da Argentina, determinavam resposta armada brasileira, tanto quanto antes contra Juan Manuel Rosas e Atanasio Aguirre, quando bloquearam o Prata em Buenos Aires e Montevidéu, com seu tráfego desobstruído à força pela Marinha e Exército brasileiros, ajudados pelo argentino Urquiza e o uruguaio Flores. A livre navegação no Prata e afluentes interessava também a outros países, principalmente à Grã-Bretanha, maior economia daquele tempo. Havia interesses convergentes com os do Brasil, que soube usá-los, enquanto Solano López soçobrava no isolamento, sem importantes alianças políticas ativas, limitadas na prática a vagas solidariedades.

A doutrina brasileira de equilíbrio político e militar assim se movimentava nos Estados platinos. Era uma doutrina, teórica e prática, com continuidade por várias gerações, como se constata nos debates no Senado e Câmara e Conselho de Estado do Império do Brasil. Juan Manuel Rosas, Atanasio Aguirre e Solano López, sem equivalentes mediações internas institucionais, projetavam suas domésticas tiranias em políticas exteriores, desconhecendo ou subestimando a complexidades do processo decisório brasileiro. O comportamento do oligarquismo escravista no Brasil era muito mais complexo do que o imaginado pelos adversários sul-americanos, que por isso tiveram de pagar alto preço.

Neste contexto, nunca houve golpes de Estado nem na monarquia brasileira (1822-1889), nem na primeira república (1889-1930), portanto quase um século de estabilidade institucional, enquanto nos

hispano-americanos sucediam-se golpes após golpes, Constituição após Constituição, infundavelmente. Os próceres hispano-americanos não percebiam que vigorava no Brasil o pacto de elites, capaz de autocontenção dos rebeldes nos limites das insurreições locais, diante das anistias sempre concedidas pelos vencedores. Os próceres hispano-americanos não entendiam que, mesmo os grandes chefes militares brasileiros, Caxias, Tamandaré, Osório e outros, não conspiravam para depor do poder os líderes civis, ao contrario das crônicas guerras civis dos vizinhos.

Enquanto isso, no Paraguai a independência nacional popular fora sucedida por ditatoriais estruturas do Estado centralizador das oligarquias em recíprocos golpes armados internos.

A estabilidade institucional do Brasil foi modificada, sem cancelamento do pacto das elites, na mudança de monarquia à república. Só em 1930, sob o inicial impacto da industrialização e urbanização, houve luta armada para transformações institucionais, enquanto prosseguia crônica a instabilidade institucional nos Estados hispano-americanos. Mesmo assim, nenhum líder brasileiro convocou ou aceitou ajuda direta de aliados estrangeiros, ao contrário de Justo José de Urquiza e Venancio Flores aliando-se à intervenção armada brasileira contra Rosas e Aguirre na Argentina e Uruguai em meados do século XIX. Pouco antes, a Insurreição Farroupilha, proclamando a República Piratini no Rio Grande do Sul e República Juliana em Santa Catarina, não recorrera a ajudas militares e financeiras estrangeiras.

O Paraguai, sob a tirania de Solano López, não se dividiu internamente e foi ao derradeiro sacrifício sob o seu comando. Prevaleceu a linha vindo de José Gaspar de Francia – o dr. Francia admirado inclusive por Auguste Comte que por isso o incluiu entre os precursores do positivismo – a Carlos Antonio López pai de Francisco Solano López.

Valorizar a resistência, até o amargo fim, dos paraguaios e do próprio Solano López, significa valorizar a vitória brasileira.


Os erros de Solano López não eram os do seu povo.

Na realidade, o Paraguai foi derrotado antes de mais nada politicamente, já Clausewitz demonstrava que a guerra é a política por outros meios. No caso paraguaio, projeções do excessivo centralismo de Solano López, produto do legado isolacionista de Francia, apenas minorado por Carlos Antonio López.

O precursor desenvolvimentismo de Solano López foi por ele próprio interrompido, ao desencadear forças acima do seu controle: os equipamentos bélicos paraguaios eram em menor quantidade e qualidade inferior aos dos argentinos e principalmente dos brasileiros, com mais recursos para produzi-los ou comprá-los; portanto, a estratégia de Solano López equivocada, ao precipitar-se em ofensivas, invadindo o Brasil e Argentina, apesar do muito maior potencial de reação dos seus inimigos, a quem julgava conseguir intimidar, mesmo em posição de menor força diante de longa guerra de desgaste. Solano López dispunha, porém, de melhor conhecimento direto da sua área de ação militar e momentânea superioridade numérica pelo seu ataque de surpresa.

Solano López sabia disso tudo,⁴ mas seu senso de honra exagerava-se em líder autoritário filho de presidente autoritário, que o designara sucessor.

A tática de Solano López também estava equivocada, ao confiar excessivamente na possibilidade de deter os brasileiros, até cansá-los, diante das fortificações de Humaitá e Curupaiti, de cujas bases o Exército paraguaio partia para batalhas muito além das suas forças.

4  “El número de enemigos puede ser grande pero no podrá resistir a su decisión y patriotismo”. Francisco Solano López, *Cartas y proclamas*, Assunção, Editorial El Lector, 1996, p. 110.

Ademais, a Marinha paraguaia, muito abaixo da brasileira em couraça e poder de fogo, já tinha sido desbaratada em Riachuelo. Contudo, testemunhos, inclusive paraguaios, relatam a trágica surpresa dos residentes e transeuntes no Palácio do Governo de Assunção, ao vê-lo sob os disparos das belonaves brasileiras subindo o rio. Nesta ocasião, Solano López perdeu a última oportunidade de aceitar as propostas de diplomatas estrangeiros para negociar. Em vez disso, ele preferiu se fechar ainda mais dentro de si mesmo e das suas restantes forças, passando a fuzilar companheiros, inclusive o próprio irmão, por ele suspeitos de traição.

Daí a necessidade da continuação da caça a Solano López, após a queda da capital, Assunção, porque ele refluíu aos interiores do seu país, para lutar até o fim. Deixá-lo evadir-se significava receber imediato, ou posterior, contra-ataque. Seus possíveis sucessores paraguaios tremiam ao ouvir o seu nome e dependiam do Brasil e Argentina para se manterem no poder. O povo do Paraguai, acostumado desde França ao sacrifício total vindo desde muito antes na disciplina das reduções indígenas guaranis, acompanhou “*El Supremo*” numa tragédia emuladora das antigas gregas, ou num novo cerco de Tróia, onde ambos os lados em cruenta guerra tanto se distinguiram. Também na Guerra do Paraguai os povos, com alguns dos seus melhores líderes, foram os heróis maiores. O lopezguaismo é a tentativa de limitar o Paraguai a Solano López.


Sem a mesma grandeza, alguns amigos ou aliados dos novos donos do poder, passaram do mito heroico ao chamado lopezguaismo, tentativa de equivalência do Paraguai com os ultrapassados métodos e metas de Solano López. Um dos honestos, inteligentes, corajosos e bem documentados pesquisadores paraguaios, capazes de enfrentar a questão, é Guido Rodríguez Alcalá, no seu livro *Ideologia Autoritária em*

seus Conteúdos Ideológicos e Utópicos, se quiséssemos aplicar-lhes os conceitos de pensamentos justificadores ou renovadores, neste caso mais de justificação que renovação, a aparência desta a serviço real daquela.

Guido Rodríguez Alcalá centraliza nas obras de Juan O’Leary e J. Natalicio González sua crítica ao lopezguaismo: Juan O’Leary na biografia *El Mariscal Solano López*, 1920, com mais reedições que *El Paraguay eterno*, 1935, de F. Natalicio González, glorificações mitificantes de idealizada nação e seu chefe supremo, oficializadas em mistificações mais em religião de Estado que da sociedade civil, intimidada ao discuti-la. Até biógrafos liberais, ao modo de Justo Pastor Benítez, recebem estas influências de interpretação sobre Francia e López pai e filho, diante das ásperas discordâncias de Cecilio Báez, *La tiranía en el Paraguay*, 1903, amenizadas no póstumo (1985) *Ensayo sobre el doctor Francia y la dictadura en Sudamérica*, e de Manuel Domínguez, *La Constitución del Paraguay*, 1909. Já Julio César Chaves, *El Supremo Dictador*, 1946, prefere posição intermediária “entre a apologia e a crítica”.⁵

Guido Rodríguez Alcalá mapeou as genealogias intelectuais dos principais antepassados ideológicos de Juan O’Leary e J. Natalicio González: são a idealizada revificação estetizante do passado por Renan e a interação terra-meio social-homem em Taine glorificada por Barrès. Charles Maurras comparece com o nacionalismo conservador de nostálgico a autoritário regressista.

Juan O’Leary é o criador propriamente dito do específico lopezguaismo, ao pretender definir, pela sua biografia de Solano López e por seu livro *Apostolado patriótico* (1930), a paraguaidade como síntese

5  Guido Rodríguez Alcalá, *Ideologia autoritária*, Brasília, Fundação Alexandre de Gusmão-Centro de História e Documentação Diplomática-Instituto de Pesquisa e Relações Internacionais, 2005, pp. 22 e 21. Trad. do homônimo em castelhano.

do culto à pátria e ao herói máximo; “antes e depois da guerra, López foi e é o Paraguai.” Tratava-se, nas palavras de Juan O’ Leary, do revisionismo histórico na perspectiva do nacionalismo integral maurrasiano, para “devolver a fé à nossa raça”, dando um toque de moda biológica ao idealismo.⁶

A biografia de Solano López por Juan O’ Leary é hagiográfica, não historiográfica, uma canonização ideológica claramente direcionada. Pretende até prever o futuro, porém no condicional do pretérito mais que perfeito, no duplo sentido etimológico e semântico, quando configura o que poderia ter sido se não fosse o que houve...

O estilo e o conteúdo de Juan O’ Leary lembram muito o Maurice Barrès do culto do eu heróico e do magistério de energia nacional. O’ Leary foi consagrado a ponto de ser aceito como uma virtual ditadura intelectual, de modo a tornar-se o selecionador dos livros históricos didáticos oficiais de todas as escolas paraguaias, desde o curso primário ao secundário, numa época de poucas Faculdades de nível universitário no seu país. Também suas descrições de batalhas lembram o Barrès do sangue, volúpia e morte, mas ele próprio cita Victor Hugo, daí seus ecos pelos êxitos de um e fracassos do outro. O’ Leary chega a negar a tirania de Solano López, ao preferir saudá-lo como o maior arauto da liberdade nas Américas... A tirania seria a das brutais Ordenações Coloniais espanholas, às quais Solano López procurara superar pelo que depois veio a chamar-se de modernização conservadora: instrução pública e inícios de industrialização promovidos por Estado centralizador e autoritário, imaginado por Juan O’ Leary como pré-democrático.⁷

6 ☞ *Idem*, pp. 110 e 101-108.


7 ☞ Juan O’ Leary, *El Mariscal Solano López*, Madrid, Imprenta de Félix Moliner, 1925 (1.^a ed. em 1920), pp. 396, 397 e 394.


J. Natalicio González segue-lhe os passos. Ele começa pelo itinerário de Taine com o meio geográfico e a “raça” (mistura de guaranis e espanhóis, sem referência a outras tribos índias e outros imigrantes) vencendo a circunstância física ao construir a história, na diferenciação maurrasiana entre “nação autóctone” telúrica, verdadeira, e o “Estado exótico” com instituições liberais europeias impostas de fora para dentro⁸. Oliveira Viana fez análogas considerações, como ponto de partida da sua crítica ao Brasil na mesma época.


Mas J. Natalicio González adere ao antissemitismo, ao acusar o descendente de judeus Eusebio Ayala, deposto presidente do Paraguai, de professar “a concepção judaica da pátria”⁹, estrangeirada e estrangeirista. No Brasil Oliveira Viana não chegou a tanto, mas apresenta também explícitos racismos em *Populações meridionais do Brasil e Raça e assimilação*.

Dali J. Natalicio González inflete na direção de um nacionalismo social quase nacional-socialista, na realidade mais um estatismo populista dos muitos na Ibero-Latino-América, chegando à presidência da república do Paraguai sob o lema “A tiros e espadaços, Natalicio ao palácio”, deposto apenas com um semestre de 1948 no poder.¹⁰

O lopezguaismo de Juan O’Leary e J. Natalicio González foi incorporado, entre outras influências intelectuais (o salazarismo do jornal *El Tiempo*), a interesses de classes oligárquicas e grupos populistas no roteiro, não diríamos programa orgânico, do Partido Colorado em suas ramificações por vezes diferenças internas. Desencaminhadas pelas longas ditaduras dos generais Higinio Morínigo e Alfredo Stroessner, passando por outras mais breves também militares.

8  Rodríguez Alcalá, *op. cit.*, pp. III, II2, II3 e II4.

9  *Idem*, pp. II0.

10  *Ibidem*, p. I09.

Juan O' Leary e J. Natalicio González deixaram longo rastro nos livros didáticos que fizeram o Paraguai adotar oficialmente, deles e de autores esquerdizantes como Eduardo Galeano em *As veias abertas da América Latina*.¹¹

Para J. Natalicio Gonzáles foi Solano López até diplomata, não só comandante: diplomata jurista internacionalista nas suas negociações de tratados paraguaios com potências europeias e o Brasil, neste caso condicionado à navegação, pelos rios que percorrem o Paraguai, ao reconhecimento das fronteiras pelo Brasil. A divergência, por culpa ou mesmo dolo dos próceres brasileiros, segundo J. Natalicio González, teria sido a causa final de desentendimento e guerra.¹² Importante acrescentar que o Brasil negociou, sem traumas, a internacionalização do tráfego do seu Amazonas.

O prefácio a *Solano López diplomático* (1948) é de autoria do prestigioso coronel Juan Federico Garay, numa edição pela Biblioteca das Forças Armadas do Paraguai. A data da publicação marca a breve passagem do autor, J. Natalicio González, pela presidência da sua instável república.

Guido Rodríguez Alcalá é dos historiadores paraguaios que registraram a intimação de rendição “perfeitamente razoável” pelos Exércitos aliados, o do Brasil na última fase da guerra, a Solano López que tudo rejeitou, preferindo lutar “até o fim”.

“É difícil explicar esta dilatação desnecessária da guerra como heroísmo. Em todo caso, o heroísmo de López é similar ao de Hitler, disposto a se sair bem ou cair, arrastando consigo os demais”.¹³


11 ☞ *Ibidem*, pp. 92-100, 122-127 e 22.


12 ☞ J. Natalicio González, *Solano López diplomático*, Assunção, Biblioteca de las Fuerzas Armadas de la Nación, 1948, pp. 21-29, 34-43, 68-71 e 78.

13 ☞ Rodríguez Alcalá, *op. cit.*, pp. 66 e 67.

A tragédia paraguaia terminou marcando seu povo e os vizinhos envolvidos na guerra. A memória histórica não pode, nem deve, esquecê-la e sim dela retirar conclusões. Na Argentina, mais que no Brasil, as opiniões se dividiram, Sarmiento a favor e Alberdi contra Mitre em aliança militar com o Brasil. Ao término do mandato presidencial de Mitre, expulsos os invasores paraguaios, a Argentina retirou-se do conflito, deixando ao Brasil a tarefa de concluí-lo diante da irreduzível resistência de Solano López. Historiadores paraguaios vêm passando a ver a questão nas suas complexidades, em vez de unilateralizá-la, inclusive quanto ao número de perdas humanas¹⁴ diante da devastação econômica no Paraguai e excesso endividante de despesas no Brasil.¹⁵

O isolacionismo defensivo de Francia e Carlos Antonio López havia se extremado, ainda mais em ofensivo sob Solano López, porém o integracionismo ibero-latino-americano chegaria também ao Paraguai.

14  Bárbara Ganson de Rivas – *Las consecuencias demográficas y sociales de la Guerra de la Triple Alianza*, Assunção, Editora Litocolor, 1985, e Francisco Doratioto, *Maldita guerra (Nova história da Guerra do Paraguai)*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002 – procuram desemocionalizar o cálculo das perdas humanas, contra os que pretendem ter havido um milhão de paraguaios mortos em combates ou por suas consequências, número maior que o da população, antes de começar o conflito. Doratioto lembra ainda “a maioria dos mortos”, “devido à fome, doenças ou exaustão decorrente da marcha de civis para o interior, ordenada por Solano López” (Doratioto, pp. 459 e 456). O nível demográfico foi rapidamente recomposto pela alta taxa de natalidade paraguaia na época (Ganson de Rivas, p. II). Quanto às seguintes intermitências do isolamento do Paraguai, ele dependia dos respectivos interesses da oligarquia paraguaia. Vários grandes intelectuais foram, então, exilados ou preferiram exilar-se.

15  Foram as grandes despesas e endividamentos brasileiros pela Guerra do Paraguai que levaram o Barão de Cotegipe a escrever ao Barão de Penedo, dois grandes próceres monárquicos, em 12 de maio de 1866: “Maldita guerra, atrasa-nos meio século!” *Vide* Francisco Doratioto, *Maldita guerra (Nova história da Guerra do Paraguai)*, op. cit., pp. II, 484 e 91. Também Doratioto estuda o revisionismo lopezguaista (pp. 19, 85 e 86).

Também a cultura ou culturas paraguaias continuarão produzindo libertadores, denunciados por grandes poetas e romancistas do porte mundial de Augusto Roa Basto, ao contrapor as megalomanias tirânicas de *Eu, o Supremo* – metáfora de Francia, Carlos Antonio e Solano López e mesmo os posteriores Morínigo e Stroessner – diante dos sofrimentos e reivindicações do povo em *Filho do Homem*. Temática de vários escritores hispano-americanos.

A historiologia peruana de Jorge Basadre

A maioria dos críticos considera Jorge Basadre o maior historiador político social peruano¹ pertencente à geração de 1920 ou do Centenário de Independência do Peru (1921), que produziu Luís Alberto Sánchez outro tanto na história literária, o poeta César Vallejo e os mais conhecidos políticos de projeção internacional Víctor Raúl Haya de la Torre e José Carlos Mariátegui?²

Os principais livros escritos por esta geração, marcando profundamente o Peru, são *Perú (Problema y posibilidad)* de Basadre, *Siete ensayos de inter-*

1 ∞ David Sobrevilla, “Prólogo” à 2.^a edição de *Perú: Problema y posibilidad y otros ensayos*, publicada na Biblioteca Ayacucho, Lima, 1992 (1.^a ed. em 1931), p. IX. A partir daí, Jorge Basadre acrescentou-lhe o anexo “Algunas reconsideraciones cuarentasiete años después”, porém a referida 2.^a ed. tem, ademais, apêndices: “Notas sobre la experiencia histórica peruana”, “La promesa de la vida peruana”, “Reflexiones sobre la historiografía” e “Elogio de José María Eguren”. Nas “Reflexiones” (1973), ele apresenta interesse pela escola francesa dos *Annales*, que seu crítico Sobrevilla insere no conjunto da sua elaboração metodológica, desde quando (1951-1956) Basadre, na Comissão de História de UNESCO, passou a dedicar mais atenção à metodologia. As “Reflexiones” também estão em reedições da *Historia de la República de Perú*.

2 ∞ Sinésio López Jiménez, “Basadre: historiador, bibliotecario y ministro”. *Libros & Artes (Revista de Cultura de la Biblioteca Nacional del Perú)*. Número especial en homenaje a Jorge Basadre. Lima: n.º 3, novembro, 2002, p. 2.

pretación de la realidad peruana de Mariátegui, *El antiimperialismo y el APRA*, de Haya de la Torre fundador da Alianza Popular Revolucionaria Americana no México em 1924, enraizada no Peru e com projeções nas suas proximidades da Bolívia à Colômbia, Equador, Venezuela e América Central. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana* de Mariátegui teve grande influência no nascimento do Partido Comunista no Peru e na subsequente guerrilha Sendero Luminoso, após o falecimento do autor, portanto à revelia dele, A APRA conseguiu chegar à presidência do Peru com Alan García, após o falecimento de Haya de la Torre, Jorge Basadre sempre tentou evitar a política, porém desde o berço não conseguiu, nascido que foi em 1903 em Tacna, extremo sul peruano então sob ocupação chilena após a Guerra do Pacífico terminada em 1883 entre estes dois países, mais a Bolívia daí em diante privada de saída ao Oceano Pacífico ao perder Arica para o Chile. Em 1912 a mãe viúva leva Jorge e seus irmãos para Lima. Da infância na disputada Tacna, Jorge Basadre guardará a recordação do profundo início da sua consciência nacional peruana: “*Alli aprendi dolorosamente la emoción del Perú*”. Sonhavam com Lima, em seguida seu domicílio até o falecimento em 1980.

Na capital peruana, por falta de escola inglesa, sua mãe, filha de alemão, matricula o menino Jorge no Colegio Alemán, *Deutsche Schule*, disciplinada e disciplinante, porém sem os exageros que por vezes lhe atribuem: o ensino era rigoroso, embora com professores acessíveis no estilo paternalista autoritário da Alemanha dos tempos do Kaiser. Nem assim Basadre deixou de ser latino nas simpatias, inclusive políticas internacionais, ao posicionar-se, muito jovem, ao lado da França na Primeira Guerra Mundial, ao ter um parente combatendo e morrendo na Batalha de Verdun.

Após seis anos no Colegio Alemán (1912-1918), vai para o também tradicional Colegio de Nuestra Señora de Guadalupe, por Jorge

Basadre, ministro da Educação tempos depois, declarado honrosamente “*Primer Colegio Nacional de I Perú*”, para muitos a porta de entrada à Universidade de San Marcos vindo do século XVI. Ali foi contemporâneo de Haya de la Torre, Mariátigui e Luís Alberto Sánchez, entre outros. Nessa época eles foram presos, inclusive Basadre, por agitações estudantis.

O mais jovem professor de San Marcos aos vinte e cinco anos de idade, Jorge Basadre estendeu sua pessoal bibliofilia ao trabalho de bibliotecário na Biblioteca Nacional em Lima. Chegou a escrever que aprendera mais nela que na Universidade. Recebeu em 1931 bolsa da Fundação Carnegie para estudos de biblioteconomia nos Estados Unidos e, no ano seguinte, tomava um navio de Nova York à Alemanha, onde foi acolhido pelo Instituto Ibero-Americano de Berlim, com sua enorme biblioteca inicialmente doada pelo argentino Ernesto Quesada. Na turbulenta República de Weimar, o jovem Basadre ouviu nada menos que Josef Goebbels e Adolf Hitler num comício...³

Prosegue à Espanha, com apresentações pessoais do ministro-chefe da Legação do Peru na França, Francisco García Calderón, seu parente, cujo irmão morrera na Primeira Guerra Mundial na Batalha de Verdun.

Conhece pessoalmente o historiador Claudio Sánchez Albornoz, reitor da Universidade de Madrid. Pesquisa nos arquivos madrilenhos e sevilhanos a colonização da América Hispânica. Então escreve *El Conde de Lemos y su tiempo*, um vice-rei espanhol do Peru, e *Chile, Perú y Bolivia Independientes*.

3 ☞ Ernesto Yepes del Castillo (org.), *Jorge Basadre: Memoria y destino del Perú (Textos esenciales)*, Lima, Fondo Editorial del Congreso del Peru, Centenário de Nascimento, 2003, pp. 5, 8, 9, 14-20, 35, 37, 38, 46, 2, 49-56.


Neste último, sem polêmica e sim com objetividade documental, chega às suas conclusões peruanas, porém abertas, resumidas posteriormente na interpretação tornada clássica no seu país:


“*Mañana, Chile inspirará sentimientos de interrelación, de vinculación, de comunidad*”. Ao modo do seu amadurecido juízo hispano-americano enfim sobre a colonização espanhola, julgamento mais desapassionado e mais objetivo por pesquisas ao longo do tempo: “*Hoy España inspira respeto lejano, curiosidad artística, cariño atávico, desprecio estulto o indiferencia vaga, pero no odio*” (*Perú: Problema y posibilidad* 2.^a ed., 2000, p. 32).

Estavam concluídos os anos de viagens de formação de Jorge Basadre, ele iniciara a publicação dos seus textos logo considerados fundamentais para o conhecimento do passado, semente do presente e futuro no legado histórico do Peru.⁴

Um historiador do alto nível de Jorge Basadre é dos que ensinam a nítida diferenciação entre historiografia descritiva, historiologia interpretativa e historiosofia projetando-se filosoficamente. A obra de Jorge Basadre apresenta-se historiológica no sentido de história das instituições políticas em suas bases de geográficas e econômicas a sociais e culturais. Para sua interrelação muito contribuíram as aulas do antropólogo Richard Thurnwald, sobre etnologia jurídica, por ele ouvidas na Universidade de Berlim. Basadre confessa tê-lo muito usado nas suas posteriores aulas de história do Direito Peruano na Universidade de San Marcos e que chegara a aproximar-se da técnica e metodologia da História do Direito “*como disciplina con identidad propia*”.⁵

Realmente, lá está, desde sua primeira obra amadurecida, *Historia de la República del Perú*, na primeira edição (1939) num só volume, a explícita interrelação, logo no volume inicial, de meio geográfico, ativida-

4  Jorge Basadre: *Memoria y destino del Peru*, *idem*, pp. 57-61.

5  *Idem*, p. 54.

des econômicas, estrutura social e cultural, Igreja e Estado, interagindo ao determinarem sua idéia de pátria, condicionada auto-determinação nacional. As guerras de Independência peruana de San Martín a Simón Bolívar situam-se nesse contexto. O mesmo se aplica aos seguintes conflitos armados, em meio às contradições políticas com aquelas causas.⁶

Alguns críticos discutem a possibilidade da influência da escola francesa dos *Annales* em Jorge Basadre. Falecido em 1980, tomou conhecimento deste movimento, amplamente divulgado nas universidades do mundo inteiro, porém ele mesmo reconhecia a importância de Thurnwald, antropólogo das instituições, para seus estudos de História do Direito: E já em 1928 ministra aulas em San Marcos sobre *Historia del Perú* (*Curso monográfico*). No ano seguinte publica *La iniciación de la República*, sob os pressupostos a serem desenvolvidos, a partir de 1939, nas sucessivas aumentadas reedições de sua *Historia de la República del Perú*. Credite-se esta síntese ao talento metodológico e criativo de Jorge Basadre, a partir da inspiração em Thurnwald, paralelamente e autônomo diante da escola dos *Annales*, daí que, só após aquelas obras, Basadre cita Marc Bloch⁷, Lucien Febvre, Fernand Braudel e Pierre Chaunu.⁸

Duas grandes linhas percorrem as interpretações peruanas de Jorge Basadre, o nacionalismo e o socialismo, dois temas políticos maiores


6 ☞ A metodologia de Jorge Basadre está aplicada desde o primeiro volume da sua *Historia de La República del Perú*. Dela vide a 6.^a edição aumentada e corrigida, Lima, Editorial Universitaria, 1968.


7 ☞ *La vida y la historia (Ensayos sobre lugares y problemas)*, Lima, Fondo del Libro del Banco Industrial del Peru, 1975, p. 206.

8 ☞ Ademais das extensas referências de Jorge Basadre a Lucien Febvre, Fernand Braudel e Marc Bloch em 1973 nas “Reflexiones sobre la historiografía” (vide nota I), ele muito recorre a Lucien Febvre, Fernand Braudel e Pierre Chaunu em *El azar en la historia y sus límites (Con un apéndice: La serie de probabilidades dentro de la emancipación peruana)*.

no seu tempo, denotando a influência de Víctor Raúl Haya de la Torre e de José Carlos Mariátegui. Pode-se até afirmar que Jorge Basadre transita do nacionalismo de Haya de la Torre ao socialismo de Mariátegui, no livro por ele próprio intitulado *Perú: Problema y posibilidad* (*Ensayo de una síntesis de la evolución histórica del Perú, con algunas reconsideraciones, cuarentasiete años después*), em cujo prefácio à segunda edição (1978), a primeira foi de 1931, ele confessa ter pretendido ir além daqueles dois, integrado que estava num grupo de “*izquierda moderada*”, engajado e regozijante com as vitórias da implantação da jornada de oito horas de trabalho em 1919 e o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas pela Constituição de 1920.⁹

Jorge Basadre foi adiante de Haya de la Torre e Mariátegui, em pioneirismos como o estudo social da mulher em *Perú: Problema y posibilidad* já em 1931 (II.º capítulo), também ali sobre a arte, a música, a reforma universitária e, desde 1929, a massificação urbana por grandes migrações rurais no seu discurso de abertura do ano acadêmico de 1929 na Universidade de San Marcos em Lima, intitulado *La multitud*,

9  Pelo seu marxismo não dogmático, Mariátegui alcançou grande repercussão internacional, principalmente na Ibero-Latino-América. Vide, por exemplo Michael Löwy, “Mística revolucionária: José Carlos Mariátegui e a religião”. *Dossiê América Latina*, São Paulo, Universidade de São Paulo, vol. 19, n.º 55, setembro-dezembro, 2005, pp. 105-116.

10  Víctor Raúl de la Torre – ao concentrar-se intelectual e politicamente no nacionalismo indigenista peruano, daí aos afins nas próximas Bolívia, Colômbia, Equador, Venezuela, América Central, pela APRA (Alianza Popular Revolucionaria Americana) por ele fundada quando estava no México – Haya de la Torre autolimitou-se. Mesmo assim também despertou muito interesse, inclusive em extensa bibliografia a seu respeito. Vide, por exemplo, León Enrique Bieber, *En torno al origen histórico e ideológico del ideario nacionalista populista latino-americano* (*Gestión, elaboración y vigencia de la concepción aprista de Haya de la Torre*), Berlim, Instituto Ibero-Americano-Colloquium Verlag, 1982. O texto inicial da APRA, fundada em 1924 por Haya de la Torre já em exílio

la ciudad y el campo. Sem se tornar nacionalista na APRA de Haya de la Torre, Basadre enfatizou a consciência nacional,¹⁰ e – sem vir a ser marxista, nem membro nem simpatizante do Partido Comunista com Mariátegui – conclui *Perú (Problema y posibilidad)*, apontando no socialismo humanista e participativo o caminho do futuro. Nas “*Algunas consideraciones cuarentasiete años después*” explicita a necessidade de alfabetização, aprendizado também técnico, reforma agrária e diversificação industrial, em anotações capítulo por capítulo da obra inicial.

Para melhor entendimento de Víctor Raúl Haya de la Torre, lembre-se a sua formação de cultura humanística e a larga influência da Alianza Popular Revolucionaria Americana (APRA) por ele fundada¹⁰; outro tanto sobre Mariátegui merece atenção seu também humanista socialismo.¹¹ Ambos movimentos deformados, até desvirtuados, por alguns pretensos herdeiros no Peru e fora dele. Basadre inclinou-se mais para Mariátegui de breve vida, em cuja revista *Amauta* colaborou, que para Haya de la Torre, longamente envolvido com a APRA, refugiado em embaixada estrangeira em Lima e exilado.

no México, é *El antimperialismo y el APRA* por ele ali escrito e publicado em 1928, início de outros textos demonstrando as mudanças do pensamento dele e da ação da APRA. Sobre as relações aprismo-marxismo *vide*, por exemplo, também de Haya de la Torre, *Espacio-tiempo histórico (Cinco ensayos y tres diálogos)*, obra dedicada à Universidade de Trujillo (Peru), que concedeu o título de doutor *honoris causa* ao autor, impressa em Lima pela Fundación Navidad Del Niño Víctor Raúl Haya de la Torre, 1986. Outro dos maiores expoentes apristas está sintetizado por Roy Soto Rivera em *Luis Alberto Sánchez (Maestro, escritor y político)*, Arequipa, Instituto Luis Alberto Sánchez (Filial)-Edición Antonio de la Torre Luna, 2000. Luis Alberto Sánchez prefere o nome de Geração do Centenário (da Independência do Peru, 1821, constituída em República no ano seguinte), da qual fazia parte ele próprio, mais Jorge Basadre, Víctor Raúl Haya de la Torre, José Carlos Mariátegui, César Vallejo, Alfredo Gonzáles Prada, Luis E. Valcárcel e outros.

Jorge Basadre foi ao ponto de tentar quase uma historiosofia, a partir dos seus estudos historiográficos do Peru: *El azar en la historia y sus límites* (Con un apéndice: *La serie de probabilidades dentro de la emancipación peruana*), 1973. Em 1978 republicará, no livro *Apertura*, seus ensaios de história, educação, cultura e política, escritos de 1924 a 1977, vários deles inéditos.

Em *El azar en la historia y sus límites*, Jorge Basadre parte do pressuposto do imponderável do cálculo das probabilidades na teoria dos jogos de Von Neumann e Morgenstern em inúmeros predecessores e sucessores. Com a conclusão, baseada no estudo histórico de caso do Peru, que seu principal problema e da América Latina consiste na superação do que denomina “Estado empírico” e consequente busca de “*vasos comunicantes sólidos y anchos para que sea posible una sana movilidad dentro de una sociedad al servicio de quienes la integran y no de unos cuantos*”¹² Sem dogmatismo, seu raciocínio de experiente historiador, portanto estudioso do passado, projeta-se no futuro em prudente proposta de experimento e erro, do inglês *trial and error*. Assim se concentra Jorge Basadre da historiografia à historiologia, sem pretender historiosofia.

Jorge Basadre incorpora-se à linha de autoanálises nacionais hispano-americanas, que vem do século XIX de Sarmiento no *Facundo*, ao XX de José Vasconcelos (*La raza cósmica*), Germán Arciniegas (*Biografía del Caribe*), Martínez Estrada (*Radiografía de la pampa* e *La cabeza de Goliath*) e Alberto Edwards (*La fronda aristocrática en Chile*), entre outros, com a diferença de Basadre preferir o ofício de historiador social propriamente dito, ao lado de ensaísta, síntese que Gilberto Freyre conseguirá no Brasil com sua trilogia *Casa-grande & senzala*, *Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso*. Juntos representam etapas das visões dos ibero-americanos sobre si mesmos, lusos e hispânicos, mesmo em meio a posteriores diversificantes influências.


12  Vide nota 8.

O pensamento orgânico chileno: realismo conservador

O Chile está situado numa estreita faixa de terra de cento e cinquenta a duzentos quilômetros de largura, numa extensão de cerca de cinco mil quilômetros do Trópico de Capricórnio à Antártica. O deserto de Atacama e os Andes são proteção e limitação, o Oceano Pacífico seu acesso ao mundo. Já houve quem definisse o Chile como “louca geografia” de “uma terra oceânica”.¹

Não foi fácil, nem rápida, a fixação destas fronteiras ao longo de quatrocentos anos.

No século XVI, Pedro de Valdivia, companheiro de Pizarro na conquista do Peru, desceu ao Sul, atravessou o deserto de Atacama, fundando Santiago, Valparaíso, Concepción e Valdivia num núcleo duro no centro do que ia ser o Chile. Diego de Almagro antes tentara uma incursão na área, tendo de retornar a Lima, onde se envolveu nos conflitos contra Pizarro e foi assassinado. O núcleo, em torno de Santiago, permaneceu isolado e pequeno, até que seu crescimento demográfico o foi induzindo a expandir-se de início ao Norte, em busca das minas de salitre e cobre em

1  Benjamin Subercaseaux, *Chile o una loca geografía*, I.³ ed. em 1940 e *Tierra de océano (La epopeya marítima de un pueblo terrestre)* em 1946.


Antofagasta, Iquique e Arica, para sobrevivência econômica da maioria no centro. Aquela região estava dividida entre o Peru e Alto Peru depois Bolívia, região então remota, entre desertos e altas montanhas.

As incursões chilenas sobre Antofagasta, Iquique e Arica resultaram na Guerra do Pacífico de 1879 a 1883, com o resultado da sua incorporação ao Chile, mais Tacna depois devolvida ao Peru, enquanto a Bolívia perdia a saída ao mar, motivo de seguintes desentendimentos.

A vitória militar do Chile levou-o a frutificar economicamente, mas não eram fáceis os reajustes sociais internos. Em meio aos tumultos, o presidente Balmaceda suicidou-se em 1891. Fortalecido o Chile, houve crescente necessidade de força-de-trabalho, daí a sucessiva importação de imigrantes da Itália e Alemanha, depois vindo da Croácia então Iugoslávia, antes no Império Austro-Húngaro.

O pensamento orgânico chileno, no sentido de Gramsci, era ativo consolidador, não apenas na manutenção da ordem existente. Ele já almejava o que virá a chamar-se modernização do Estado em conservadora sociedade. O primeiro grande representante deste pensamento no Chile foi Nicolás Palacios (1854-1911), médico militar na Guerra do Pacífico que, a seu ver, comprovava mais uma vez o evolucionismo, o qual convergia na direção do nacionalismo chileno, confirmando-o como o mais forte na região. Palacios era explícito adepto do darwinismo social, para ele unindo materialismo de Darwin e idealismo de Nietzsche, síntese rara.²

O livro fundamental de Palacios é o de início publicado anônimo, *Raça chilena* (*Libro escrito por um chileno e para os chilenos*) em 1904, depois assumido pelo autor.

2  Nicolás Palacios, *Raça chilena* (*Libro escrito por un chileno y para los chilenos*), Valparaíso, Imprenta y Litografía Alemana, 1904, p. 501.

O positivismo dele era muito o inglês de Spencer e pouco o francês de Comte, apesar da influência comtiana no Chile daquele tempo. Muito agradava a Palacios o spencerismo formulando, antes do próprio Darwin, a evolução como transformação do simples ao complexo, do homogêneo ao heterogêneo. Cada equilíbrio é o recomeço de outra mudança, *ad infinitum*. Palacios e imediatos sucessores tendiam a identificar raça e cultura.

Herbert Spencer havia projetado este evolucionismo da biologia à psicologia e à ética, no conjunto por ele denominado filosofia sintética. Teve grande influência a partir da Inglaterra, a cujo expansionismo imperial saudou como confirmação histórica do evolucionismo, assim politizado e com paralela repercussão mundial ao lado do mais científico Darwin. No Brasil, Sílvio Romero transitava do entusiasmo pela cultura alemã, triunfante na unificação da Alemanha em sua vitória sobre a França em 1870, ao entusiasmo pela cultura inglesa acompanhando a mundialização do poder industrial, banqueiro e comercial britânico.

Não há cultura inocente, estes e outros comportamentos intelectuais demonstram-no. Não existe ato político gratuito, o poder britânico ideologizava-se na defesa dos seus interesses. O spencerismo veio da análise do combate das espécies biológicas pela sobrevivência, em evolução, à sua projeção em combates elitistas de culturas e civilizações pelo poder econômico e científico-tecnológico da Revolução Industrial, na expansão mundial da Grã-Bretanha no século XIX. Spencer foi aos Estados Unidos, por ele saudados como outra vitória anglo-saxônica.³

3 ☞ *Idem*, pp. 500-503. *Vide ib.* a apresentação à reedição fac-similar de 1904 em 1988, pelas Ediciones Colchagua, “Ideário de Nicolás Palacios” por Patrício Tupper, pp. XXV-XXVIII.


À medida que se enfraquecia o poder britânico e o dos Estados Unidos era contestado, surgiram as reações antimecanicistas de inspiração inicialmente alemã, dos neokantistas, neo-hegelianos, culturalistas, existencialistas, psicologistas e marxistas. Mais os neocartesianos franceses.

Nicolás Palacios era grande entusiasta da Grã-Bretanha de Herbert Spencer, então no auge. Acompanhava-o na intensa admiração pelos Estados Unidos em ascensão já nos começos do século XX. Palacios saúda com alegria o aparecimento das primeiras megaempresas transnacionais dos americanos Morgan e Rockefeller, como outros importantes passos evolucionistas adiante na história da humanidade. Neles não vê perigos ao Chile e sim exemplos a seguir. Daí propor a estatização das minas de salitre e construção de transnacionais chilenas, intervencionismo estatal a serviço do capitalismo de Estado, dada a incipiência do capitalismo privado chileno na época e os perigos de sucedâneos industriais do salitre natural.

Suas propostas estatizantes nada tinham, portanto, de marxistas. Palacios aceitava a democracia, porém rejeitava o socialismo, para ele o de Marx. Ambos combatem a desigualdade social, contudo o socialismo pretenderia o nivelamento e a democracia a seleção competitiva dos melhores, o socialismo querendo evitar a desigualdade, a democracia administrá-la evitando a autodestruição da sociedade. A seu ver, a democracia seria evolucionista e o socialismo antievolucionista;⁴

O intervencionismo capitalista de Estado de Palacios está a serviço do seu nacionalismo.

O nacionalismo de Palacios é étnico: considera a cultura produzida, não só condicionada, pela raça; ademais subestima a contribuição

4  Palacios, *op. cit.*, p. 560.

e o desempenho femininos, chega a desconsiderar a ascensão do feminismo já no seu tempo.

Palacios basea-se em Ludwig Gumplowicz, além de Herbert Spencer. Para Gumplowicz, a “lei da civilização” consistiria na dominação da raça fraca pela forte: “lei” dogmática (“sem exceção”), com “a solução completa do enigma do processo natural da história humana”, o que revela claramente sua direta inspiração darwinista, nisto sem mediações de Spencer ou outras. O próprio nome Gumplowicz, de origem polonesa, denota alguém germanizado em Ludwig, professor em universidade alemã, na então Breslau, após a Segunda Guerra Mundial repolonizada sob o nome de Wrocław. Convém fazer a epistemologia social, sociologia da sociologia dos seus principais teóricos, mais uma espécie de feitiço contra o feiticeiro...

A “lei evolucionista” de Gumplowicz tinha um sentido machista: para ele as raças “fracas” seriam matriarcais, “fortes” as patriarcais, embora uma dependesse da outra, porém sob a hegemonia masculina. O que também denota uma tentativa de resposta de Gumplowicz ao Bachoffen do livro antropológico, de etnográfico a filosófico, *O Direito matriarcal (Das Mutterrecht)*, ainda repercutindo na Alemanha. Na fundamentalidade da luta pelo Direito, Palacios prefere, porém, inspirar-se em Jhering.⁵

Ludwig Gumplowicz insere-se na linhagem evolucionista portanto não só de Charles Darwin e Herbert Spencer; ela se multiplicou em torno do impulso da segunda Revolução Industrial, a maior até então, irradiando-se principalmente da Grã-Bretanha no auge do seu poderio inclusive militar. Outros Estados europeus preparavam-se para desafiá-la, em breve, na Primeira Guerra Mundial.

5 ☞ *Idem*, pp. 297, 302, 412 e 413.


Gumplowicz faleceu antes da mudança dos tempos.


Contudo, o nacionalismo de Palacios não era agressivo e sim defensivo. Seu racismo aceitava o índio araucano, miscigenado com o espanhol, na linha de Gumplowicz interpretada como uma raça “fraca, matriarcal”, diante de uma raça “forte, patriarcal”.⁶ Nicolás Palacios nisto se aproxima, até algum ponto, do racismo de Oliveira Viana em *Populações meridionais do Brasil*, quando ambos atribuem a descendentes nórdicos germânicos, no Norte da Espanha e Portugal, visigodos, não aos latinos e árabes, a hegemonia de étnica a cultural. Todavia, Palacios considera positivo o saldo da miscigenação hispano-ameríndia, enquanto Oliveira Viana posteriormente chegará à oposta conclusão negativa quanto à miscigenação brasileira.

O racismo de Palacios era contra os poucos descendentes de negros e adversário da então imigração italiana ao Chile, fins do século XIX e começos do XX, ainda não haviam chegado os eslavos, porém favorável à alemã, apesar de preferi-la em região araucana para miscigenação com os índios, pois “*la raza chilena es mestiza*” no sentido hispano-ameríndio.⁷ Seu desempenho na Guerra do Pacífico, vista por dentro pelo médico militar Nicolás Palacios, convencera-o dos seus méritos. Euclides da Cunha chegara a idênticas conclusões na contemporânea Guerra de Canudos em *Os sertões*.

Palacios muito se preocupava com a integração do Sul, quase antártico, pela imigração sobretudo da Croácia.

Palacios fora médico militar do Exército chileno na Guerra do Pacífico (1879-1883), por causa da luta pela posse do Norte do Chile muito rico em minas de salitre, mais as de cobre que vieram a ser descobertas, em territórios de fronteira indefinidas, pouco povoadas e

6  *Ibidem*, pp. 209-211.

7  *Ibidem*, pp. 707, 708 e 590.

administradas por bolivianos e peruanos com seus respectivos Estados. O cobre, ainda mais que o salitre, tornar-se-á parte principal das exportações chilenas, considerando assim a questão como de vida ou morte nacional.

As duas gerações seguintes à de Nicolás Palacios tinham de pensar e agir para mais e melhor expandir o povoamento chileno além do então pequeno núcleo central em torno da capital, Santiago, rumo ao inóspito Sul antártico, outrora sem grandes oportunidades econômicas, e ao Norte tão rico apesar de entremeado pelo deserto de Atacama. Para isso era fundamental, até urgente, refundar e ampliar o Estado chileno herdado dos espanhóis, numa reconstrução modernizante conservadora conforme as possibilidades econômicas, políticas e culturais.

O primeiro grande projeto de modernização conservadora do Estado no Chile foi o de várias vezes ministro, durante sete anos, Diego Portales, na década de 1830, personagem histórico muito controvertido.⁸

Ainda estavam em vigência na América Hispânica os códigos castelhanos: as Partidas de Alfonso el Sabio, o Fuero Real e a Nova e Novíssimas Recompilações, equivalentes no Brasil às Ordenações Afonsinas, Manuelinas e Filipinas do Reino de Portugal, estas últimas do tempo da União Ibérica. Na Europa, Napoleão intentava enquadrar a Revolução Francesa em cinco códigos, desde o Civil, mais conhecido e com seu nome, ao Processual Civil, Penal, Processual Penal e Comercial. Na Prússia Frederico o Grande montara precursor edifício, culminado pelo Landrecht de 1794. O Código Civil austríaco é de 1811 e o espanhol de Comércio data de 1829. O Código Civil do

8 ☞ Alejandro Guzmán Brito, *Portales y el Derecho*, Santiago, Editorial Universitaria Metropolitana de Ciencias de la Educación, pp. 25, 59 e 60.


Chile vem de 1833-1834, confiada sua elaboração ao chileno Mariano Engaña e ao venezuelano Andrés Bello então em Santiago. O que levava ao debate sobre a revisão da Constituição de 1828, resultando na elaboração de outra em 1833.⁹

Muito se discute no Chile sobre qual objetivo conservador, modernizante ou meramente de poder pessoal, haveria orientado as reformas jurídicas de Portales.

Para alguns, ele era apenas um conservador cético pragmático: descrente religioso (querendo usar a Igreja domesticada para seus fins), sem patriotismo (suas reformas na Academia Militar visando criar uma oficialidade mais profissional, porém despolitizada), adepto enfim da oligarquia, à qual desprezava, embora lhe consolidasse o poder pelo reforço dos poderes do morgadio nos códigos, o Senado com mandato de nove anos e iniciativa de qualquer reforma constitucional a ser duas vezes aprovada por ele e pela Câmara dos Deputados, o presidente da república eleito indiretamente por eleitores qualificados e o Conselho de Estado como juiz nos conflitos entre os Poderes constitucionais, Conselho nomeado pelo presidente.

A burguesia recebia algumas compensações contratuais modernizantes nos códigos e tratamentos judiciários, apesar do pessoal desprezo de Portales também por ela.

Seria inútil buscar influências de Montesquieu e outras no pensamento e ação políticos jurídicos de Portales. O mais provável está na sua continuação da linha de decepções remontando ao Libertador Bernardo O' Higgins, que tentou, ao modo de Simón Bolívar, também Libertador, uma final ditadura pacificadora das facções buscando evitar e até conter guerras civis, mesmo assim incontroláveis. São famosas as increpações de Bolívar, entre as de O' Higgins a de que "é vão dar

9  *Idem*, pp. 92, 91, 95, 103-105 e 89.

instituições e garantias, porque os facciosos as desprezam e censuram”. Concluindo pela adesão ao despotismo esclarecido: “*nuestros pueblos no serán felices, sino obligándolos a serlo*”.¹⁰

O próprio Rousseau terminara por propor a vontade geral sobre a minoria só se libertando ao também endossá-la e, na prática, os projetos de Constituição de Rousseau para a Polônia e Córsega são realistas em suas concessões ao poder central, apenas amenizado por muito relativas participações populares na elaboração e cumprimento das decisões...

Em Portales, além do seu autoritarismo, só seria possível vislumbrar algo das suas motivações práticas, muito pouco as teóricas.

Ele pouco se importava com a legitimidade, o principal estaria na “legalidade, condição da convivência política”, factual porque tanto a monarquia quanto a democracia eram impossíveis na prática hispano-americana daquele tempo. A experiência de monarquia constitucional, conservadora porém não despótica no Brasil, era-lhe pouco ou nada conhecida institucionalmente, ele não se interessava pela América Portuguesa então longe, muito além dos Andes e com a Argentina de permeio.

A república seria o viável para a Hispano-América, em especial ao Chile a que Portales se referia. Mas qual república?

Portales responde: a república baseada (“*con resorte*”) na virtude política do homem público ético social e não só moralizado individual. Aí pode estar alguma influência das leis enquanto espírito, não só letra em Montesquieu, cujo livro *Espírito das leis* fora traduzido ao espanhol

10 ☞ Sergio Villalobos Rivera, *Portales (Una falsificación histórica)*, Santiago, Editorial Universitária, 1989, pp. 114, 103, 110, 109, 41, 40 e 213. O historiador Benjamin Vicuña Mackenna é de outra opinião. Para ele, “*Si Portales no fue por esto un gran revolucionario, fue más todavía, porque fue un gran inovador*”. (p. 454). “*Portales aparece entonces, desde cualquier horizonte que se le mire, como el coloso de la historia*”. “*Él va a hacer la mudanza de la sociedad, después de haber hecho su transtorno...*” (p. 453). São dois pontos de vista opostos.


castelhano desde 1821 ou 1822, embora Portales pudesse ler francês. Pelo seu desprezo à burguesia, e temor à aristocracia e à demagogia, a seu ver embutidas na oligarquia e democracia, a virtude republicana seria autoritária meritocrática.¹¹

Evidencia-se o ceticismo pragmático de Portales: na prática ele se engajou na criação dos códigos e regulamentos administrativos e judiciários, quanto à Constituição por ela se desinteressou e outros dela vieram a se ocupar. Quanto à indiferença concreta, era resultante da sua profunda descrença teórica em geral, com se vê em carta sua datada de 1832:

“não perderei tempo em observar o projeto de reforma; você sabe que nenhuma obra desse tipo é absolutamente boa ou absolutamente má; mas nem a melhor, ou nenhuma, servirá para nada quando estiver decomposto o principal dispositivo (*‘resorte’*) da máquina”.¹² Isto é, quando falta virtude ética política e não só moralidade pessoal.

Esse tipo de despotismo esclarecido ia vigorar no Chile mesmo em meio a percalços, alguns muito grandes, sem propostas de soluções alternativas, a realidade dificilmente conseguia ser enquadrada institucionalmente. Em 1839 o Poder Executivo renunciou aos seus poderes extraordinários, devolvendo-os ao Legislativo e Judiciário, e extinguiu os conselhos de guerra então permanentes, mas em 1859 ainda houve violento choque entre autoritários e liberais, com a vitória destes últimos. Todos os presidentes e ministros daí em diante foram menos ou mais liberais, com exceção do presidente Manuel Montt e

11  Guzmán, *op. cit.*, pp. 31, 54, 61, 71 e 67.

12  Villalobos, *op. cit.*, pp. 107 e 119.

ministro Antonio Varas, impondo seus projetos inclusive o de colonização alemã do Sul pré-antártico, com dureza de métodos evocativos de Diego Portales. Enquanto isso ia se ampliando e fortalecendo-se a burguesia de Santiago e Valparaíso, para quem a liberdade comercial tinha de ser acompanhada pela liberdade política. Mesmo durante a Guerra do Pacífico (1879-1883) – entre Chile, Bolívia e Peru – as instituições democráticas chilenas funcionaram normalmente, com direitos individuais e liberdades públicas respeitados pelos constitucionais Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.¹³

Este liberalismo entrou em choque frontal com o nacionalismo econômico anticonservador do presidente José Manuel Balmaceda, suicidando-se em 1891 após renúncia e asilo na Embaixada da Argentina, apesar das promessas que seria respeitado. O que torna o presidente Getúlio Vargas do Brasil em 1954 o primeiro no mundo a optar por aquele caminho, ainda no exercício da presidência, à qual também o compeliam a renunciar, o que ele não aceitou ao preferir o suicídio.

Balmaceda entrara em choque frontal com as mineradoras estrangeiras do salitre, então fundamental para a sobrevivência chilena. Os conservadores se opuseram a ele e os liberais de início o apoiaram, até que o presidente recorresse a um refortalecimento dos poderes do Estado considerado excessivo e a maioria congressual se lhe opusesse. Diante da violenta contrarreação, Balmaceda foi obrigado à renúncia e ao trágico desfecho.¹⁴ A magnitude do conflito repercutiu também no

13 ☞ *Idem*, pp. 216, 224, 218, 221, 222, 225 e 226.

14 ☞ *Vide* Villalobos e outros autores, *La época de Balmaceda*, Santiago, Centro de Investigaciones Diego Barros Arana-Dirección de Bibliotecas, Archivos y Museos, 1992 e “El poder contra el poder. Nacionalismo, progreso y libertad en la presidencia Balmaceda” de María Elena González Deluca in *Tres momentos del nacionalismo en Chile*, também sobre a efêmera Junta socialista de 1932 e a breve presidência Salvador Allende de 1970 a 1973.

Brasil no livro *Balmaceda* (1895) de Joaquim Nabuco, logo após a Revolta Armada no Rio de Janeiro e Insurreição Federalista gaúcha com a reação da presidência Floriano Peixoto tentando pela força consolidar a república.

Diante de todo esse quadro, com seus antecedentes antes descritos, quais as interpretações autocríticas nacionais do pensamento político no Chile?


Elas partiram inicialmente sobretudo do realismo conservador através de mais de uma geração. Nicolás Palacios (*Raza chilena*, 1904) teve sucessores que até o ignoraram, ao pretenderem novas visões metodológicas, cruzando-se em pontos ora convergentes ora divergentes.

Os historiadores chilenos das ideias políticas costumam dividi-las por cronologia de autor ou obra, afinal de contas historiografar exige periodização.

Por data de publicação, Francisco Antonio Encina viria em primeiro lugar na genealogia intelectual conservadora realista com seu livro *Nossa inferioridade econômica*, 1911, onde parte também do pressuposto da identificação de raça e cultura, comum na sua época.¹⁵

A herança cultural espanhola, Encina considera-a étnica, era a do grão-senhor heroico no sentido quixotesco, ostentatório, pródigo, porque ocioso.¹⁶ Cabe aqui lhe acrescentar a origem deste comportamento no Ocidente – segundo Aristóteles, ao escravo cabiam os trabalhos braçais, aos seus senhores o intelectual – comportamento assimilado pelas classes socioeconômicas inferiores, porque elas tendem de início a reproduzir os das superiores, já o jovem Marx aponta-o em *A ideologia alemã* e Gramsci nisto insiste com mais frequência.

15  *Nuestra inferioridad económica*, Santiago, Editorial Universitaria, 7.^a ed., 1990, pp. 35, 34 e 33.

16  *Idem*, pp. 88-93.

Aquele tipo de cultura no Chile havia encontrado solo geológico e clima adversos, na maior parte do território, à agricultura, embora com importantes minérios (principalmente cobre e salitre) dependendo de ferrovias de transporte e usinas de transformação, isto é, industrialização ensejando outras, derivadas; por consequência, todo um novo direcionamento industrial em geral.

Elas são impossíveis sem mudança de mentalidade das elites, causadoras de debilidade da raça (cultura) chilena, assim incapaz de recorrer a medidas protecionistas, aduaneiras e creditícias, para incentivo da industrialização, como as praticadas na gênese dos Estados Unidos por Alexander Hamilton e propostas no início da unificação prussiana da Alemanha por Friedrich List.

Daí a fundamentalidade de uma reforma educacional, não apenas setorial, buscando mudar toda aquela mentalidade.¹⁷

A reforma, apresentada por Encina, era pragmática radical. Concentrava-se no ensino secundário, como se vê em *A educação econômica e o liceu*, complemento-solução a *Nossa inferioridade econômica*. O chamado curso de humanidades (ginásio ou colégio) deveria ser dividido em dois ciclos: nos primeiros quatro anos, dignificação do trabalho manual, independência econômica como estímulo individual, leituras de biografias dos grandes pioneiros e visitas a empresas fabris e comerciais e granjas agrícolas, ao lado do ensino clássico de humanidades, como preparação aos diversos ramos universitários e técnicos superiores.

Este projeto de lei, preparado por Francisco Encina e companheiros, aprovado pelo Congresso Nacional do Chile, Senado e Câmara dos Deputados, não chegou a ser aplicado por “encarniçada oposição,

17 ☞ *Ibidem*, pp. 53, 57, 93, 94, 55, 54, 88-92, 242 e 243.

A obra de síntese teórico-metodológica de Encina é *La literatura histórica chilena y el concepto de la historia* (1935).


cujo centro foi a universidade”, dominada por liberais tradicionais e primeiros socialistas chilenos então em estranha aliança em favor da oligarquia. O que demonstra o peso inercial da cultura.

Este bloqueio confirmava as preferências de Encina pelos métodos autoritários de Diego Portales, levando-o a biografá-lo em 1934, quando insistia na sua eminente atualidade, cuja compreensão só cabia “a um curto número de [espíritos] eleitos”... Os intelectuais da época de Encina, quando liberais e socialistas, repeliavam-no e aos seus congêneres adeptos de Edmund Burke, Joseph de Maistre, Louis de Bonald, Donoso Cortés e Vásquez de Mella. Tão influentes na contrapartida europeia também da geração chilena de Francisco Antonio Encina: Charles Maurras, Oswald Spengler, Carl Schmitt, Giovanni Gentile, Ramiro de Maeztu e José Antonio Primo de Rivera.¹⁸

De dentro do próprio cerne da oligarquia do Chile emergiram de início seus maiores defensores, em seguida alguns dos melhores críticos.

A família Edwards é no Chile uma legenda.

As grandes fortunas aí foram passando de mãos, ou sendo criadas por imigrantes britânicos, mais do que outros: os Edwards se aparentando por casamento com os Ross, ao lado dos franceses, com especial destaque os Subercaseaux, além dos espanhóis, os Eyzaguirre, origem de gerações também de destacados intelectuais autocríticos deste sistema. Vários deles passando parte do ano em suas casas em Paris, um dos filhos da família Errázuriz, pintor, recebendo Apollinaire, Blaise Cendrars, Fernand Léger, Juan Gris, John Sargent e Stra-

18  Vide Carlos Ruiz, “Conservantismo y nacionalismo en el pensamiento de Francisco Antonio Encina” in *El pensamiento conservador en Chile (Seis ensayos)*, Santiago, Editorial Universitaria, 1992, pp. 51, 52, 59-62 e 49. Trata-se de antologia coordenada por Renato Cristi e Carlos Ruiz.

visnky. A esposa pintada em quadro por Picasso.¹⁹ Eyzaguirre e Errázuriz de origem basca.

Vários Edwards vêm sendo escritores e dos bons.

Agustín Edwards é autor de *Minha terra*, com o subtítulo *Panorama, reminiscências, escritores e folclore*, representando a Sociedade Chilena de História e Geografia no Sexto Congresso Internacional de Ciências Históricas em Oslo, 1928: visões impressionistas das regiões chilenas, em sua memória de histórica à religiosa, literária, sociológica, jornalística e folclórica.

Joaquín Edwards Bello escreveu contos, novelas e artigos ensaísticos. Seu livro *Mitópolis* reuniu estes mais representativos de 1927 a 1960: críticas irônicas ao imaginário chileno, no que lhe parecia desfrutável.

De Alberto Edwards vem *A fronda aristocrática em Chile* (1928), entre as mais importantes autocríticas políticas da elite local, em suas até rebeliões, mas para manter-se no poder, ao preço de renovadoras concessões.

Os analistas descrevem o itinerário circular de Alberto Edwards, em qualitativa espiral ascendente, de liberal conservador a conservador revolucionário cansado das mesquinhezias da democracia representativa oligárquica tradicionalista, desconhecedora do seu próprio esgotamento em todo o Ocidente (aqui se nota a influência de Oswald Spengler). Levando-o a optar vitalmente (afim do decisionismo de Carl Schmitt) pelo golpe de Estado do coronel, depois general Ibáñez, menos contra o presidente Alessandri que aos partidos políticos incapazes de realizarem um programa reformista, mesmo moderado, porém com apoio popular, na linha antes empreendida com êxito


19 ☞ Villalobos, *op. cit.*, pp. 54, 44, 25, 128 e 129.


autoritário por Portales. Seu confesso admirador, Ibáñez, fará Alberto Edwards ministro da Educação.²⁰

Não faltou quem erradamente atribuísse a Alberto Edwards simpatias por Mussolini e José Antonio Primo de Rivera, quando as fontes dele eram muito mais complexas e sofisticadas: já antes de Spengler, os liberais conservadores democráticos britânicos Burke, Carlyle e Bagehot (o historiador Lord Macaulay dizia no Parlamento em Londres: “*For myself, Sir, I hope that I am at once a Liberal and a Conservative politician*”).²¹ Alberto Edwards podia fazer suas estas palavras, mais um certo ceticismo spengleriano quanto à aplicabilidade delas.

Repercutiram intensamente seus artigos, publicados em 1927 no jornal *El Mercurio* de Santiago, ainda mais nos capítulos de *A fronda aristocrática em Chile* no ano seguinte. Nela o autor enfrenta, à sua maneira, a história política chilena, no que tem de mais importante, a seu ver começando em Portales e concluindo num apelo à sua permanente inspiração: “Os Portales não nascem, tampouco, todos os dias” na peculiaridade do cesarismo no Chile, com seus monarcas republicanos consagrados pelo povo, mesmo intimidado, à maneira de Roma, porém conseguindo afugentar os golpes de Estado pretorianos contra esse presidencialismo, forte diante da própria fronda aristocrática “quase constantemente pacífica de nossa oligarquia burguesa e feudal” de 1849 a 1891, desde as insurreições contra os sucessores de Portales ao suicídio de Balmaceda induzido pelos adversários.

Necessidade de mudança, força maior da resistência, medo diante da possibilidade de ruptura, resultando em concessões rumo às se-

20  Cristi, “El pensamiento conservador de Alberto Edwards del conservantismo liberal al conservantismo revolucionario” in *El pensamiento conservador en Chile (Seis ensayos)*, *op. cit.*, pp. 41, 35, 38 e 35.

21  *Idem*, pp. 33, 44 e 40.

guintes análogas etapas, eis a dialética de Alberto Edwards, para a qual ele só vê saída na revolução conservadora mais ao negociado modo britânico, mesmo sob pressão, que à maneira alemã perdendo o controle dos acontecimentos e tendo de recorrer a maiores violências. Balmaceda vira-se tragicamente encurralado, porque não tinha a quem recorrer. O combate era entre a antiga aristocracia conservadora e a monarquia republicana renovadora, Portales já o percebera no quadro herdado da época colonial espanhola, por ele próprio insuficientemente conscientizado, como se viu na sua queda e fuzilamento pelos adversários.²²

Alberto Edwards conclui em seu tempo a crescente insatisfação da ascendente classe média, ao ponto de insurreição, no esforço para resolver os dilemas e contradições sociais em vão na presidência Alessandri, até irromper o golpe de Estado do coronel, depois general, Carlos Ibáñez del Campo. Alberto Edwards deseja-o o primeiro ditador de “espada e gorro frígio”, atendendo ao “homem da rua”, “à massa trabalhadora e independente”, “este novo movimento de opinião”.²³

O Chile ia muito sofrer, em fins do século XX, no conflito entre Salvador Allende, tribuno da plebe, e Augusto Pinochet general pretoriano. Até que amainasse a fronda de aristocrática e de classe média a rebelião popular, diante de outra ditadura invocando o autoritarismo de Portales, tudo se resolvendo numa redemocratização mais ampla porque mais inclusiva, ao término daquele século e começos de outro.

O Estado unitário chileno, surgido e expandido da capital Santiago, desde o início pressupunha o presidencialismo centralista, tendendo ao autoritarismo à sua maneira específica. Com herança política

22 ☞ *La fronda aristocrática en Chile*, Santiago, Editorial Universitaria, 13.^a ed., 1992, pp. 32, 282, 280, 281 e 1962-173.


23 ☞ *Idem*, do capítulo XXXIV ao XLI e pp. 278 e 260.


indo até ao extremo de um presidente, Manuel Montt (1851-1861), ter dois filhos entre seus sucessores: Jorge Montt²⁴ e Pedro Montt.²⁵


Outra etapa o pensamento conservador realista chileno percorreu pela mais extensa obra de Jaime Eyzaguirre.


Eyzaguirre era de família tradicional e permaneceu católico conservador,²⁶ ao contrário, por exemplo, do contemporâneo Alceu Amoroso Lima no Brasil, que passou desta fase inicial, na sua conversão em grande parte influenciada pelo radical ortodoxo Jackson de Figueiredo, a posições liberais religiosas na linha de Jacques Maritain a Teilhard de Chardin. Eyzaguirre exerceu liderança intelectual carismática, fez escola, criou discípulos fiéis em mais de uma geração, ao proclamar e insistir na volta às raízes hispânicas, principais formadoras também do Chile.


Contudo, para ele a tradição era viva, existencial e não nostálgica pasadista, era uma problemática em vez de simplista solução. Se não fosse sua ortodoxia, lembraria ainda mais o Unamuno que também, e muito, trazia dentro de si, embora Eyzaguirre tendesse politicamente na direção do Maeztu ardente defensor da hispanidade: Maeztu basco, Eyzaguirre chileno, nenhum dos dois castelhano, embora ambos hispanizantes.²⁷ Daí seu conservadorismo, porém angustiado, nada triunfalista e sim com a sensibilidade social das encíclicas de Leão XIII e Pio XI.²⁸

24  “Jorge Montt”, *Enciclopedia de biografías ilustradas* por Julio Mattés Cortés e Lucía Corti Cortés, Barcelona, Bibliográfica Internacional, 2000, p. 624.

25  “Pedro Montt”, *Diccionario histórico y geográfico de Chile* por Fernando Castillo e Lía Cortés-Jord Fuentes, Santiago, Zig-Zag, 2.^a ed., 1998, p. 321.

26  *Vide* Walter Hanisch Espíndola SJ, “Jaime Eyzaguirre (1908-1968). A los 17 años de su muerte” in *Jaime Eyzaguirre (Historia y pensamiento)*, Santiago, Editorial Universitaria-Universidad Alonso de Ovalle, 1995, p. 23.

27  Ricardo Krebs Wilckens, “El pensamiento histórico de Jaime Eyzaguirre” in *idem*, pp. 68, 61, 66 e 67.

28  “Jaime Eyzaguirre, visión política y coporativismo” in *Jaime Eyzaguirre (Historia y pensamiento)*, *op. cit.* pp. 179 e 178.

Teve predecessores, entre eles se destacando Alberto Edwards com *A fronda aristocrática em Chile* de interpretação hispanizante, Francisco Encina com menor ênfase. Nisto os chilenos não estavam sós: o espanhol Julián Juderías, os venezuelanos Rufino Blanco Fombona e Laureano Valenilla Lanz, os mexicanos Toribio Esquivel Obregón e Carlos Pereyra, iam em análogas direções, apesar de todos seus patriotismos locais. Pouco depois, ainda na mesma época, o mexicano José Vasconcelos, o peruano José de la Riva Agüero, o argentino Ricardo Levene e, nisto, principalmente Pedro Henríquez Ureña da República Dominicana. Já companheiros de geração: o venezuelano Picón Salas, o peruano Jorge Basadre, o chileno Mario Góngora e outros.²⁹ Menos ou mais hispanizantes.

Todos deixaram rastros polêmicos, revivificantes do debate histórico. Antes dos cursos universitários de história, a maioria deles, ao modo de Basadre e Eyzaguirre, provinha de Faculdades de Direito e Ciências Sociais, também de Ciências Políticas, daí suas visões tão institucionais. Eyzaguirre e Basadre ademais haviam passado por escolas secundárias alemãs de antigamente no Chile e Peru, que lhes deram muita autodisciplina pessoal e intelectual, sem diminuir seu ímpeto de ânimo.³⁰

Eyzaguirre, independentemente da sua posição ideológica, do ponto de vista metodológico tem pontos em comum com outros, antes e depois, ao distinguir que a colonização hispânica, poderia ter dito ibérica se incluísse Portugal no Brasil, era obra, no final das contas, mais

29 ☞ Bernardino Bravo Lira, “Jaime Eyzaguirre, historiografía chilena y conciencia nacional en el siglo XX in *Jaime Eyzaguirre (Historia y pensamiento)*, op. cit., pp. 119-121. 101. 102. 124. 99. 100. 105 e 106 *Vide ib. op. cit.* “El pensamiento histórico de Jaime Eyzaguirre” in *idem*, p. 58.

30 ☞ Óscar Dávila Campusano, “Eyzaguirre, la Sociedad Chilena de Historia y Geografía y la Academia Chilena de la Historia” in *ibidem*, pp. 25 e 26.


do povo que do Estado espanhol ou português pelos imigrantes de muitos povos do mundo rumo às Américas. E que o próprio Estado, herdado da Espanha ou Portugal, terminou se transformando localmente após as Independências: “Assim como Valdívia foi o construtor da nacionalidade, Portales o foi do Estado”.

Portanto, não se trata de defender Espanha (ou Portugal) e sim analisar as próprias raízes das nacionalidades neo-hispânicas (neo-ibéricas).

Os diversos (vice) reinos espanhóis (México, Nova Granada-Colômbia, Peru e do Prata), com suas divisões administrativas (Chile, Paraguai, Uruguai e as da América Central e Caribe), subdividiram-se não só por exigências internas, também por externas influências intelectuais (da Revolução Política Francesa com seus adeptos). Nos Estados Unidos o processo se desenrolou em sentido inverso, o da convergência pragmática das doze colônias britânicas em federação.

Surgiram então dois tipos básicos de liderança: na Hispano-América o fidalgo (“*hidalgo*”) e na Anglo-América o cavalheiro (“*gentleman*”); personificados ao máximo por Bolívar, quixotesco descendente de aristocráticas famílias basca e castelhana, e Washington, prático “*gentleman farmer*” sempre acrescentando “*Sq.*” (“*Squire*”) ao seu nome, algo equivalente mais a “*Sir*” que “*Lord*”. São comentários aqui a Eyzaguirre. Também atento às contribuições de Max Weber e R. H. Tawney à contraposição entre cultura protestante e cultura católica.³¹

Politicamente o catolicismo de Eyzaguirre, na sua parte ideológica, optava sobretudo pelas encíclicas corporativas de Leão XIII, em espe-

31  Bernardino Bravo Lira, *op. cit.*, pp. 116-118, 108, 109, 112-114, 200 e 201.

cial a *Rerum Novarum*, e as de Pio XI contra o comunismo então marxista-leninista-stalinista (*Divini Redemptoris*), o fascismo (*Non abbiamo bisogno*) e o nazismo (*Mit brennender Sorge*). Nisto o tradicionalismo católico de Eyzaguirre não tinha a radicalidade de Joseph de Maistre, De Bonald e principalmente do seu afim hispânico Donoso Cortés, ao preferir a linha mais social conservadora de Ketteler e La Tour du Pin.³² Idêntica inflexão ocorreu no começo da ação prática política de massas do Partido Demócrata Cristão do Chile, levando-o mais de uma vez à presidência da república.³³

As aplicações do pensamento de Jaime Eyzaguirre estão principalmente na sua extensa e intensa historiografia, desde *Breve história das fronteiras de Chile* e *Fisionomia histórica de Chile*, aos mais especializados *Ideário e rota da emancipação chilena* e *História das instituições políticas de Chile*, com outros textos compondo ampla história do seu país, sem triunfalismo hispânico nem satelitismo à Espanha e sim com tanta intensidade, em toda extensão, que sempre permaneceu fiel ao que denominava, em opúsculo de 1944, depois na forma de livro (1947), *Hispano-America da dor* (*Hispanoamérica del dolor*) quase ao modo do “dói-me a Espanha”, “*me duele España*” de Unamuno, com o qual tinha também tantas afinidades.

Mario Góngora completa a série geracional desse tipo de ensaísmo, sem aqui se pretender esgotá-la, da historiologia à quase histo-

32 ☞ Vide de Carlos Ruiz todo o capítulo “Corporativismo e hispanismo en la obra de Eyzaguirre” com o Apêndice “Respuesta al profesor Gonzalo Vidal” in *El pensamiento conservador en Chile*, antologia organizada por Renato Cristi e Carlos Ruiz, *op. cit.*

33 ☞ Vide George W. Grayson Jr. do William and Mary College dos Estados Unidos, *El Partido Demócrata Cristiano Chileno* (do inglês *The Chilean Christian Democratic Party: Genesis and Development*, 1968), Buenos Aires-Santiago, Editorial Francisco Aguirre, 1968.

riosofia, além da inicial historiografia conservadora realista chilena. Ele é autor de outra extensa e intensa obra, continuando a tradição polêmica.

Apresenta-se diferente o itinerário pessoal de Mario Góngora, nas especificidades de outros tempos.

Ainda estudante de Direito, lê Spengler e é um dos fundadores da Juventude do Partido Conservador. Num discurso em 1937, numa convenção do Partido, afasta-se do corporativismo cristão das encíclicas pontíficas, ao optar por nacionalismo estatista na linha de Portales. Vê-se excluído do Partido Conservador.


Depois de percorrer a Espanha em plena guerra civil, 1938, após vir da França, torna-se membro do Partido Comunista do Chile e um dos editores da sua revista doutrinária *Princípios*. Dele se afasta ao se confirmar spengleriano até o fim da vida, as crises chilenas e hispano-americanas se entenderiam no contexto das crises do Ocidente. Acrescenta Jakob Burckhardt a Oswald Spengler entre suas preferências básicas.

O livro-síntese interpretativo de Mario Góngora é *Ensaio histórico sobre a noção de Estado em Chile nos séculos XIX e XX* (1981).

A fronda aristocrática em Chile de Alberto Edwards vê as reformas de Portales como transferências do poder da oligarquia fundiária ao poder centralizado, em meio às contradições das mútuas discordâncias e crises anteriores e posteriores.

São modernizações conservadoras, impulsionadas por decisionismos interpretados no sentido de Carl Schmitt.³⁴

Para Mario Góngora, as contradições e crises chilenas foram se tornando incontroláveis, após o esgotamento do “nacionalismo popu-

34  *Ensayo histórico sobre la noción de Estado en Chile en los siglos XIX y XX*, Santiago, Editorial Univesitaria, 5.ª ed., pp. 143, 145 e 144.

lar” nos fins do século XIX, em seguida às vitórias militares do Chile na Guerra do Pacífico contra a Bolívia e o Peru. Nos meados do século XX, a presidência Alessandri significa o término do “liberalismo aristocrático” e a ditadura do coronel, depois general Ibáñez, no esforço de ainda mais impulsionar a construção de grandes obras públicas e expansão do sistema educacional. Alberto Edwards foi um dos seus ministros.

Depois do retorno do liberalismo clássico, tradicionalizado chilenoamente, e as tentativas de reformismo social pela democracia cristã, veio a presidência Allende que perdeu o controle dos acontecimentos. Daí outra ditadura, a do general Pinochet, de início apoiada por Mario Góngora, por ele repelida assim que ela infletiu no rumo neoliberal. A seu ver era perigoso desvio contra a chilenidade econômica, política e cultural, cada vez mais ameaçada de fora para dentro por potências estrangeiras, com seus interesses e ideias tão alienígenas como os dos comunistas de inspiração soviética na Guerra Fria de então. Tanto uns quanto outros, dentro da básica visão de Portales: a substituição orgânica do Rei de Espanha pelo Estado chileno e não por observâncias tão estrangeirizantes desde os transplantes do liberalismo clássico europeu, fracassados por seu desenraizamento antinacional.³⁵

Os críticos do realismo conservador chileno insistem no seu déficit democrático, o povo ausente ao modo do também acontecido no liberalismo. Outros apontam as afinidades do realismo conservador chileno com os brasileiros Manoel Bomfim, Alberto Torres³⁶ e Olivera Viana,³⁷

35 ☞ *Idem*, pp. 145, 146, 144, 147, 140 e 143.

36 ☞ *Vide* Bernardino Bravo Lira, *op. cit.*, pp. 102 e 99.

37 ☞ *Vide* o Prólogo de Mario Góngora, “Alberto Edwards” a *La fronda aristocrática*, *op. cit.*, p. 16.


até com o português Antônio Sardinha.³⁸ A linha orgânica vem procurando moderar-se ao modernizar-se.³⁹


A ênfase do ensaísmo chileno transita, na virada do século XX ao XXI, do político-cultural ao cultural-político em estudos especiais,⁴⁰ ou ainda generalistas; entre estes Hernán Godoy com *Fisionomia cultural de Chile* (1986), antes organizando a ontologia *O caráter chileno* (1976), embora Octavio Paz advirta que a identidade cultural nacional é um processo e não uma essência, valendo mais pelo que oculta, que pelo revelado.

Noutra fase do século XX ao XXI, Sergio Villalobos dedica-se também ao ensaísmo com hábil síntese em *Para uma meditação da conquista* (1977) e *Origem e ascensão da burguesia chilena* (1987), indo até à *História do povo chileno*, num conjunto mais sociológico que ideológico.

38  Vide Bernardino Lira, *op., cit.*, p. 100.

A influência portuguesa ideológica no Chile incluía Salazar, como se vê em Gonzalo Larios Mengotti, “Jaime Eyzaguirre, visión política y corporativismo” in *Jaime Eyzaguirre (Historia y pensamiento)*, *op., cit.*, p. 180 e Carlos Ruiz, “Conservantismo y nacionalismo en el pensamiento de Francisco Antonio Encina” no Apêndice “Respuesta al profesor Gonzalo Vidal”, *op., cit.*, p. 100.

39  Eugenio Tironi está entre os representativos do neoconservadorismo, como se vê claramente desde o título do seu livro *El sueño chileno (Comunidad, familia y nación en el Bicentenario)*, Santiago, Aguilar Chilena de Ediciones, 2005, à sua própria auto definição como “*progresismo conservador*” buscando que a união de “*las ideas clásicas de libertad y igualdad, promueva el reforzamiento de aquellos núcleos comunitarios capaces de promover el calor humano que los chilenos buscan con cada vez menos timidez*” (pp. 26 e 27). Tironi parte da constatação da separação entre comunidade e sociedade, já percebida por Tönnies (pp. 74, 46 e 47), superável por novas buscas de coesão social (Durkheim, pp. 45 e 46), diante da cada vez maior insegurança da modernidade (Zygmunt Bauman, pp. 47 e 48). A solução seria a comunidade-empresa (p. 238), com responsabilidade corporativa ou empresarial (p. 232), sob liderança comunitária (pp. 280-286), com os enfoques pró-família (pp. 255-261), patriotismo (comunidade de memória pp. 301 e 302), para superação do conflito entre identidade europeia tradicional e identidade estadunidense modernizadora (p. 303).

40  Vide por exemplo *Identidad chilena* de Jorge Larraín, Santiago, LOM Ediciones, 2001.

O ápice do ensaísmo culturalista chileno está em *Chile ou uma louca geografia* (1940), irônico título de sério livro crítico e autocrítico de Benjamin Subercaseaux, alcançando alto nível tanto analítico quanto de expressão estética literária.

Seu ponto de partida é a geografia humana, então numa nova fase, mas o livro vem com prefácio da poetisa Gabriela Mistral em esplêndida convergência científica e artística. Ela lhe agradece a divulgação da origem indígena aimará do nome “Chilli”:⁴¹ Terra do Fim do Mundo para o Império inca, com fronteira sul às margens do rio Maule, ao norte dos indomáveis mapuches,⁴² ainda hoje resistentes nas reclusões que lhes foram impostas pelos conquistadores e colonizadores de espanhóis a muitos outros imigrantes europeus. Já os antigos romanos denominavam Finisterra um cabo no extremo oeste da Galícia, antes na Bretanha depois francesa, apesar da ponta mais ocidental da Europa ser o cabo da Roca na outrora Lusitânia, hoje Portugal. O Fim do Mundo chileno tem o deserto de Atacama ao norte e a Antártica ao sul diante do oceano.


Subercaseaux é mais contra que pró-herança imperial espanhola no Chile, cujas instituições autoritárias permaneceram marcando a herança cultural. Revoltar-se contra ela tem sido “o caos e a mediocridade”. Por mais que Subercaseaux insistisse menos em crítica que superação pela educação, foi processado ao denunciar como falsa a neutralidade chilena na Segunda Guerra Mundial, na realidade pró-Eixo nazifascista, posteriormente absolvido por “atentado contra a segurança do Estado”. Subercaseaux via com moderado otimismo as diversificantes imigrações alemã e iugoslava (croa-

41 ☞ Benjamim Subercaseaux. *Chile o una loca geografia*, Santiago, Editorial Universitaria, II.^a ed., 1973, pp. 18-21 e 14.

42 ☞ *Idem*, pp. 41, 44, 46 e 38.

ta), tanto quanto as riquezas do salitre, cobre e petróleo a serem melhor exploradas.⁴³

Tudo isso, em *Chile ou uma louca geografia*, envolto num itinerário onírico percorrendo suas regiões: País das Manhãs Tranquilas das praias ao norte, País da Senda Interrompida pelo deserto, País da Muralha Nevada dos Andes, País da Terra Inquieta pelos terremotos, País dos Espelhos Azuis dos Lagos Andinos e País da Noite Crepuscular na Antártica...

43  *Ibidem*, pp. 45, 47, 148, 149, 187, 96, 150, 192, 205, 206, 250, 251, 75 e 251.


Arciniegas, Uslar Pietri e Ortiz: dos Andes ao Caribe

O Novo Mundo nasceu no Caribe, o hispânico subiu os Andes e o português se estendeu pelo Atlântico. Na América do Sul só a Colômbia está nos dois lados oceânicos, o Panamá dela se desprende, mas em meços do século XX e por consequência da construção do canal Atlântico-Pacífico. As pequenas distâncias na América Central e o poder do México desde os astecas permitiram-lhes presença nestes oceanos.

Foi o colombiano Germán Arciniegas quem escreveu o ensaio histórico-sociológico, de sensibilidade literária, *Biografia do Caribe*, 1964. Dividida em séculos de vida própria, com vilões famosos ou anônimos, não apenas heróis, o autor explica-a no “Prefácio”.

“No princípio foi o Mediterrâneo”, “do mar greco-latino ao mar dos Caribes”, “passo a passo”: “Atenas, Cartago, Roma, Gênova, Marselha, Barcelona, Sevilha, Tunis, Veneza...”¹

Bloqueada a Europa a Leste pelas estepes de onde haviam descido tantas invasões, ditas bárbaras desde os romanos, e pelo Império Otomano no Oriente Próximo, a Espanha e Portugal adiantaram-se à


1  Germán Arciniegas, *Biografia de Caribe*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1964, pp. 17, 13 e 12.

França na arremetida a Oeste, bloqueado também ao Sul pelos mouros e bérberes do Marrocos, como se viu no fracasso de Dom Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir em 1578.

O século XVI presencia o irrompimento do ouro das Américas na Europa; é “o século da violência, do fogo, da lança, da paixão...” No Caribe instala-se longamente a guerra entre Inglaterra e Espanha, por motivos ideológicos religiosos e cobiças materiais. A Espanha queria fazer do Caribe seu segundo *Mare Nostrum*, após o Mediterrâneo. Caribe é sinônimo de índio bravo e bravio. Lá chegou Cristóvão Colombo, para Arciniegas “o desventurado” por sua dúvida inicial, glória maior e miséria final. A ilha Hispaniola, por ele descoberta, logo abriga Santo Domingo, “o mundo novo que nasce”, a primeira e já rica cidade das Américas de início imaginada na Índia.²

No Caribe não cabiam tantas desmedidas ambições dos aventureiros projetados em Conquistadores dos impérios, asteca e inca, maiores que os da Antiguidade europeia de Alexandre ou César, também com altas civilizações os das Américas.

Vasco Núñez de Balboa verifica a estreiteza do istmo do Panamá e proximidade de outro oceano, o Pacífico, confirmando seus guias índios. Pelo México de Hernán Cortés os espanhóis também chegam ao mesmo objetivo. Ao Sul desce Francisco Pizarro ao Peru, Diego de Almagro e Pedro de Valdivia ao atual Chile no enalço dos índios araucanos. Todos eram plebeus, Pizarro criador de porcos, a maioria deles oriunda da Extremadura, a mais pobre das Espanhas. Todos têm morte violenta, destino autodeterminado pela ambição sem limites, aos índios já o próprio Colombo dissera que os descobridores tinham doença só aliviável por tratamento com ouro... Os que conseguem evitar ser assassinados, morrem no ostracismo pela ingratidão dos reis ou

2  *Idem*, pp. 13, 12, 17, 24, 32, 55 e 63.

traição dos amigos, até por ambos motivos. Não havia democracia entre os próprios Conquistadores...

Balboa – ao ver o Oceano Pacífico aos seus pés, sonho inalcançado por Colombo que imaginava indianos os ameríndios – Balboa imagina-se tomando posse de todo aquele mar imenso até à Ásia.³ Delírios acumulavam-se sobre delírios, logo em seguida vem o da Fonte da Eterna Juventude no Eldorado onde tudo, portanto, só podia ser ouro... Outros aventureiros se somam aos espanhóis, (Sérgio Buarque de Holanda, lhes acrescenta os portugueses nestas buscas do impossível).⁴ Vêm os alemães Hans Staden ao Brasil e Ulrich Schmiedel ao Rio da Prata, sem direito a cartas patentes pelas Coroas de Portugal e Espanha. Além dos genocídios pelos descobridores ibéricos contra os índios, o rosto do Caribe torna-se ainda mais trágico por multiplicação de corsários e piratas.⁵

Mario Benedetti define o Caribe como “essa grande piscina onde se lambusaram todos os imperialismos” “*esa gran piscina donde se zambulleron todos los imperialismos*”.⁶ Entre eles se destacam “a Rainha da Inglaterra e seus quarenta ladrões”, com especial destaque para Francis Drake e William Hawkins de famílias de fora-da-lei. Também Walter Raleigh da Inglaterra à Virgínia e da Virgínia à Inglaterra caindo em desgraças piores que as de Colombo.⁷

O século XVI acrescenta a prata ao cortejo de riquezas e misérias de ouro, prata dos Andes transitando pelo Caribe onde estão de tocaia

3 ☞ *Ibidem*, pp. 104, 81-89 e 93.

4 ☞ *Vide* de Sérgio Buarque de Holanda, *Visão do paraíso (Motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil)*, 1959.

5 ☞ *Biografia de Caribe, op. cit.*, pp. 116, 132 e 144.


6 ☞ “Identidad y cultura” (outubro de 1992) in *La Comunidad Iberoamericana de Naciones en la Casa de América (El debate sobre las Cumbres)*, Madrid, Casa de América, 1997, p. 59.

7 ☞ *Biografia do Caribe, op. cit.*, pp. 144, 152, e 199-212.


os bucaneiros e flibusteiros, mais ingleses que franceses e holandeses. Nas palavras de Arciniegas, a “França está na ante-sala da grandeza” política e os holandeses em seu balcão comercial...⁸

Cromwell, no auge do poder revolucionário puritano, apostrofa e incita da sua alta tribuna no Parlamento em Londres: “Nosso grande inimigo no exterior é Espanha, um inimigo natural pela inimizade que tem contra Deus... A verdade é que nunca se pode fazer paz com um Estado papista...” Daí as expedições inglesas a Barbados e Jamaica, para instalação de bases necessárias aos corsários (portadores de carta oficial de corso, transformando a Coroa em sócia da pirataria) e mesmo aos piratas propriamente ditos, sob os indistintos nomes de bucaneiros e flibusteiros de muitas procedências, no que Arciniegas denomina internacional “briga de galos”...⁹


O século XVIII foi Século de Luzes também nas Américas Ibéricas, porém Alejo Carpentier descreve realidades transfiguradas pelo imaginário em novelas: o Governador de Guadalupe, Martinica e Guiana, nomeado pela Revolução Francesa, descendo do navio com a Declaração Universal dos Direitos do Homem e do Cidadão numa mão, a outra empunhando a guilhotina...¹⁰ No Haiti a república, recém-proclamada pelos nativos, efetua massacres por conta própria...¹¹ Napoleão casa com martiniquense, Josefina, porém esmaga militarmente o Haiti e vende a Luisiana aos Estados Unidos...¹² Mesmo assim o iluminismo fará escolas pacíficas de Independência menos ou mais por quase todas as Américas, no Brasil principalmente pela Inconfidência Mineira.

8  *Idem*, pp. 215-217, 223-229 e 225.

9  *Ibidem*, pp. 246-252, 287 e 262.

10  Alejo Carpentier, *O século das luzes (El siglo de las luces, 1962)*.

11  Alejo Carpentier, *O reino deste mundo (El reino de este mundo, 1949)*.

12  *Biografia de Caribe, op. cit.*, pp. 367-393 e 400-403.

O século XIX é o século do liberalismo, matizado de romantismo: Miranda, revolucionário na França e América Hispânica; o Caribe transformado em “Mar de Simón Bolívar” na Revolução começada no livre Haiti, terminada às suas margens na Grã-Colômbia, onde ele se preparava para o exílio evitado pela morte. Século XIX também do realismo comercial do Canal do Panamá, separando-se ou separado da Colômbia com ajuda, mesmo incentivo, por parte da política dos Estados Unidos com interesse em ligar também por mar os seus litorais atlântico e pacífico. Controle do Canal reivindicado e obtido pelo Panamá em fins do século XX. Só em começos do XIX foi eliminado o último foco de piratas do Caribe, o de Lafitte, nada menos que em Nova Orleans, no Sul dos Estados Unidos...

O século XX presencia ainda o advento da democracia para os povos da Ibero-América, não só das suas elites mesmo esclarecidas.

Arciniegas termina *Biografía do Caribe* não com uma conclusão e sim um prólogo, no começo estava o prefácio, mas “Prólogo da vida”, “porque ao final da história é que está o prólogo da vida”.¹³

Arciniegas foi dos primeiros a notar a preferência de Espanha e Portugal por Ibero-América, em vez de “América Latina”.¹⁴

No lugar de ambas, ele preferia América “Ladina” no sentido de sabedoria dos seus povos duramente aprendida em conflitos, mais que diálogos com seus invasores:¹⁵ a América é um ensaio marcado na história pelos povos antes dos seus escritores, sua realidade faz quebrar

13 ☞ *Idem*, pp. 407-409, 432-446, 448, 461, 483, 498-517, 411, 415-523, 523 e 521.

14 ☞ Germán Arciniegas, “América Ladina?” in *América Ladina*, antologia compilada e apresentada por Juan Gustavo Cobo Borda, México, Fondo de Cultura Económica, 1996, pp. 291, 298 e 296.


15 ☞ *Idem*, p. 429.

“a filosofia da história preparada por europeus” com ideologias liberais, comunistas, fascistas, mais impostas que propostas aos ibero-americanos, tão ladinos em recusá-las, por vezes fingindo que as aceitam, enquanto buscam respostas próprias desde o argentino Sarmiento (*Conflitos e harmonias das raças na América*, ademais do também clássico *Facundo*) ao mexicano José Vasconcelos de *A raça cósmica*, “tudo isto sem contar a vasta produção dos sociólogos do Brasil”.¹⁶

Em *Biografia do Caribe*, Germán Arciniegas fez um grande quadro culturalista orteguiano na forma, mas com sabor telúrico e mesmo político muito próprio. Diante dele, o ensaísmo do também andino, o venezuelano Arturo Uslar Pietri, apresenta-se mais casuístico na linha inovada por Montaigne.

Uslar Pietri não quis escrever obra síntese, preferiu crônicas, contos, novelas e até poemas, ao lado dos ensaios. Engajou-se diretamente na política, foi três vezes ministro e candidato à presidência da república, após doutorar-se em ciências políticas e exercer funções executivas tecnocráticas de Estado. Viveu dez anos no exterior: em missão diplomática em Paris (1929-1934) e exilado (1945-1950) nos Estados Unidos por ter sido ministro de presidente deposto por golpe de Estado. Chegou a ser entrevistador e apresentador em programas culturais na televisão venezuelana por vários anos.

Larga e longa antologia reúne o principal das suas obras, compilada e apresentada por Gustavo Luís Carrera, sob o título *A invenção da América Latina*, no sentido de herança hispano-americana recriada pela mestiçagem mais cultural que socioeconômica. Após tantos cargos políticos e administrativos, Uslar Pietri permaneceu sobretudo escritor, assumido enquanto tal.

16  “América es un ensayo” in *América Ladina*, *op. cit.*, p. 339.

O que ele entendia por hispano-americano?

Antes de mais nada, a hispano-americanidade nele se completa em ibero-americanidade; ele colabora no relatório de 1989 em Madrid, *Ibero-América*, uma comunidade. A ponto de considerar as guerras de independência, pelo menos na América Hispânica, mais conflitos ideológicos entre republicanos e monárquicos, e liberais contra absolutistas, que apenas opondo as nascentes consciências nacionais diante do colonialismo espanhol.¹⁷ Uslar Pietri concorda com Américo Castro, que a tragédia da história política da América Latina começa pelo “*intento de desvivir la propia historia*”. Pois não se criaram ideologias ou filosofias novas, desde o liberalismo ao marxismo, e sim formas mestiçadas tanto quanto as raças. Daí o espanhol José Gaos demonstrar como os escritores, não só os juristas, na Hispano-América, são “educadores de seus povos”.¹⁸ Uslar Pietri também e em tal escala que chega a candidatar-se a presidente do seu país, recebendo significativa votação nas grandes cidades mais politizadas da Venezuela.

A América Latina é uma invenção da mestiçagem, José Vasconcelos já assim a descrevera desde 1925 em *A raça cósmica*. *A invenção da América mestiça* é como Gustavo Luís Carrera intitula, a mais ampla antologia de prosa ensaística e literária, com versos entre épicos sentimentais de toda a vida de Arturo Uslar Pietri, mais até contos, novelas e uma peça de teatro trágico-romântica em fragmento.

Em meio a tudo isso, Uslar Pietri tem naturalmente de lembrar-se da sua mais íntima Venezuela, berço de não só de Bolívar, também do seu mestre Simón Rodríguez e das Américas Hispânicas por onde

17 ☞ Arturo Uslar Pietri, “Somos hispanoamericanos”, *La invención de América mestiza*, antologia compilada e apresentada por Gustavo Luis Carrera, México, Fondo de Cultura Económica, 1996, pp. 291, 298 e 296.

18 ☞ *Idem*, p. 297.

Andrés Bello viveu e doutrinou. Pois se há vários Brasis, existem outros tantos quase países dentro de cada um de língua castelhana nos trópicos.

Foram coletados, naquela antologia, os ensaios histórico-culturais na sequência lógica: “Caminhos da hispanidade” (“reino de Cervantes” e não de ideologias sob aquele nome); “Paixão americana” meridional (“Existe América Latina?” é o título de um dos ensaios, com a resposta da neoibérica das muitas culturas indígenas nativas, mais as africanas e europeias importadas em imigrantes diversos). Enfim, neste gênero Uslar Pietri termina celebrando “A invenção da Venezuela” e a irradiante presença de Caracas.

“Realismo mágico” é ensaio de crítica literária, ainda em *A invenção da América mestiça*, apontando no cubano Alejo Carpentier e no guatemalteco Miguel Ángel Asturias o início da torrente então desembocando em Gabriel García Márquez. Uslar Pietri reivindica o termo, inspirado por classificação do crítico alemão Franz Roh ao pós-expressionismo europeu, depois Alejo Carpentier preferiu também o “real maravilhoso”. Carpentier, Asturias e Pietri, exilados, disso já tratavam em Paris, 1929, pretendendo ir muito além do surrealismo da época, pouco adaptável aos trópicos.¹⁹

A mestiçagem da Ibero-América, Hispânica e Portuguesa – tão demonstrada, mesmo enfatizada desde José Vasconcelos a Gilberto Freyre, passando por vários dos seus intérpretes – tem Cuba em Fernando Ortiz um dos seus maiores cenários e dos principais analistas.

Ortiz, no livro *Os negros escravos* (cubanos), traça longo e pormenorizado estudo concentrado na “procedência geográfica dos afro-cubanos”, “história da escravidão afro-cubana”, “estatísticas dos escravos importados”, “o contrabando negreiro”, “o trabalho escravo rural nos enge-

19  “Realismo mágico” in *La invención de América mestiza*, op. cit., pp. 333, 334 e 336.

nhos”, “o das mulheres” e “o barracão” dos endividamentos impossíveis de serem pagos, “os castigos”, “bailes de tambores, os cantos, o jargão”, “a morte do escravo rural”, “o escravo urbano do servo na população”, “os emancipados e o regresso à África”, “condição jurídica” (“o Código Negro espanhol”), “a rebelião dos escravos”, “insurreições negras em Cuba” e “o movimento abolicionista”, entre outros temas.

No artigo “Contraste econômico do açúcar e do tabaco”, ele se concentra nessas duas atividades econômicas, demonstrando suas diferenças: o tabaco atrai o cultivo (“*verguero*”) do açúcar e o açúcar cria o latifúndio. Na indústria: tabaco é da cidade e o açúcar um só mercado no mundo. Centripetismo e centrifugação. Cubanidade e estrangeirismo (“*extranjería*”).²⁰

O ensaio maior em síntese por Fernando Ortiz é *O furacão (Sua mitologia e seus símbolos)*, no qual apresenta desde uma antropologia de cultura etnológica, sobre os hábitos e costumes tornados tradicionais pela violenta vinda quase anual dos tormentos dessas tormentas no Caribe atingindo Cuba, a uma antropologia culturalista histórica do fenômeno remontando a antiquíssimos povos orientais e europeus, daí os símbolos mágicos das espirais, em desenhos e danças rituais de ventos vingativos redescritos e reencenados em muitas partes do mundo, até à África e Oceania, enquanto emanações do sopro divino, o “*pneuma*” grego, nem sempre diretamente ao homem, porém às vezes violentamente pela natureza.²¹

Fernando Ortiz é das figuras cimeiras da cultura cubana afrocaribenha, personagem uno e múltiplo: uno em sua formação hispânica de curso primário, secundário e conclusão do universitário em Direito na

20 ☞ Fernando Ortiz, “Contraste económico del azúcar y el tabaco” in *Revista Bimestre Cubana*, Havana, Molina & Cia., 1936, n.º XXXVIII, p. 4.

21 ☞ *El huracán (Sus mitos y sus símbolos)*, México, Fondo de Cultura Económica, 1986 (I.ª ed. em 1947), capítulo III, pp. 107-128.

Espanha, após interregno na Universidade de Havana; ouvinte da Criminologia de Lombroso e Ferri, quando em serviço consular na Itália; personagem também múltiplo ao enveredar daí à Etnologia, além da Etnografia, vindo a receber elogio de Malinowski pelo pioneirismo do seu conceito de transculturação, primeiro apresentado no artigo “Contraste econômico do açúcar e do tabaco”. Multiplicidade metodológica (foi professor de Economia Política, Direito Público e Direito Constitucional, antes de dedicar-se à Antropologia Cultural) e multiplicidade política, ao protestar contra a ditadura do presidente Gerardo Machado e ter de exilar-se no Estados Unidos, depois vindo a ser um dos fundadores da Universidade Popular de Havana e do movimento de esquerda pró-paz no seu país, enfim falecendo com glórias de herói nacional intelectual celebrado pelo governo revolucionário de Fidel Castro.

Fernando Ortiz está entre os mais competentes e ardorosos adversários do racismo na América Latina.

Seu livro *O engano das raças* nisso é exemplar, numa época (1945) na qual os racistas, apesar da derrota do antissemitismo nazista na Segunda Guerra Mundial, ainda dispunham de muita força contra os negros, índios e mestiços. Aquele livro foi dedicado a Henry Wallace, que protagonizava a esquerda dos liberais dos Estados Unidos, mesmo exercendo o cargo de secretário (ministro) no governo americano, porém na presidência Roosevelt. Henry Wallace agradeceu em carta a homenagem e elogiou o livro.

Fernando Ortiz percebia não estar esgotado o racismo por baixo do torvelinho das disputas políticas em vésperas de Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética, quando “raça” ainda era “palavra de mau berço e má vida”, no seu espanhol delicioso: “*Raza es voz de mala cuna y de mala vida*”... Perante a Biologia, História, Antropologia e Etnografia, não existem raças puras.

Thomas G. Masaryk – “*gran repúblico*” fundador da Tchecoslováquia após a Primeira Guerra Mundial, tentativa de república multi-étnica e multi-cultural malograda nas mãos dos marxistas-leninistas então adeptos da União Soviética em colapso – Masaryk, interrogado pelas autoridades americanas, ao entrar nos Estados Unidos, à pergunta a que raça ele pertencia, respondeu: “À raça humana”. Karl Kautsky na mesma época demonstrava serem os judeus uma cultura e não uma raça. E José Vasconcelos apontava na “pan-etnia” da raça cósmica o futuro da humanidade, já começando na Ibero-América.²²

Com amplas bibliografias especializadas, Fernando Ortiz desmonta a crença na existência de pureza racial desde o mais remoto passado ao presente mais contemporâneo, mas “Todo indivíduo humano, pela forçosa disparidade dos seus genes progenitores, é em rigor um mestiço”. “A mestiçagem não é a exceção e sim a regra”. “Há uma mestiçagem universal: não há raças puras”. “Todas as chamadas ‘raças’ são, pois, impuras. E impurificáveis, se por isso há de entender-se a eliminação dos cruzamentos heterogêneos; muito pelo contrário, tudo permite assegurar para o futuro um amálgama crescente de todas as substâncias humanas”.

Quanto à hierarquia das raças, ela existe? Superiores e inferiores? E Fernando Ortiz nega essas diferenciações, declarando-as “ovos podres da antropologia” (literalmente: “*buevos podridos de la antropología*”).²³ O que há são transculturações, em Ortiz um conceito inspirado por Richard Thurnwald, além da aculturação de J. W. Powell aplicada por Franz Boas e outros, até Melville J. Herskovits defini-la com mais rigor. Ortiz distingue transculturação recíproca, em vez de predomínio de umas culturas sobre outras.²⁴

22 ☞ *El engaño de las razas*, Havana, Editorial Páginas, 1945, pp. 11, 17 e 45-51.

23 ☞ *Idem*, pp. 323, 326, 328, 335, 343, 330, 334, 338, 343, 347, 383, 419, 420 e 399.


24 ☞ Diana Iznaga, *Transculturación*, Havan Editorial de Ciências Sociais, 1989 (1.^a em 1969), pp. 43-65.


O que há é a cultura, “típico e complexo conjunto de meios artificiais que funcionam num grupo humano para sua coesão e luta pela vida”: cultura, conceito “essencialmente humano e sociológico”; raça, “exclusivamente zoológico” (*sic*). “Raça” é mito político, “perigoso precisamente por sua indefinição”.²⁵

A obra de Fernando Ortiz, antropológica cultural em projeção política, alcançou grande repercussão, reconhecida por Bronislaw Malinowski na Universidade de Cambridge e Gilberto Freyre no Brasil com análogos conceitos e conclusões, aplicados às realidades polinésica e brasileira pelas respectivas pesquisas: Malinowski em introdução ao *Contrapunteo cubano del tabaco y azúcar*, após seu *Contraste económico del azúcar y el tabaco*; Gilberto Freyre em *Sociologia (Introdução ao estudo dos seus princípios)*, primeira edição em 1945, aumentada e atualizada a partir da segunda, 1957.

Ademais de cientista social, Fernando Ortiz também era escritor, desde cedo vocacionado no chamado Grupo Minorista, amigo tanto do poeta afro-cubano Nicolás Guillén e romancista franco-cubano Alejo Carpentier, quanto dos espanhóis Federico García Lorca, Juan Ramón Jiménez, Fernando de los Ríos, María Zambrano e outros.²⁶

O ensaísmo hispano-americano desceu dos Andes para reconhecer o berço cultural da América Hispânica no Caribe. Germán Arciniegas, Arturo Uslar Pietri e Fernando Ortiz são importantes etapas do itinerário.

25  Ortiz, *op. cit.*, pp. 419, 420 e 399.

26  Apresenta-se grande a fortuna crítica de Fernando Ortiz, há até uma Fundação e um Editorial com seu nome em Cuba, e vários artigos-ensaios sobre suas obras, entre os quais “El Fernando Ortiz que yo conocí” por Julio Le Riverend in *Revolución y cultura*, Havana, agosto, 1981 e “Fernando Ortiz, los intelectuales y el dilema del nacionalismo de la República (1902-1930)” in *Temas*, n.º extraordinário 22-23, julho-dezembro, 2000. Está traduzido ao inglês *Cuban counterpoint tobacco and sugar*, Durham, Duke University Press, 1995.

Henríquez Ureña, Haya de la Torre e Mariátegui: A utopia da América

A América nasce sob o signo da utopia, apresentada por Montaigne entre seus *Ensaíos*, alguns sobre os primeiros índios trazidos à Corte do rei de França no século XVI, pelas mãos de companheiros da expedição de Villegaignon ao Rio de Janeiro, a chamada França Antártica. Era um dos resultados da série de surpresas, inéditas e insólitas, diante da natureza e dos povos indígenas, motivações edênicas na descoberta e colonização do Brasil e outras terras americanas:¹ visões de inocências perdidas pela civilização, recuperáveis nas propostas reformistas de Tomás Morus no Renascimento, ou por apelos de Rousseau no Iluminismo.²


Também da Hispano-América irromperam sonhos quiliásticos, com muito maiores motivos porque desde dentro, vividos, muito além dos es-

1 ∞ Sérgio Buarque de Holanda demonstra-o em *Visão do paraíso (Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil)*, Rio de Janeiro, 1939. Germán Arciniegas, *Biografía de Caribe*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1964, pp. 17, 13 e 12.

2 ∞ Afonso Arinos de Melo Franco, *O índio brasileiro e a Revolução Francesa (As origens brasileiras da teoria da bondade natural)*, vol. 71 da Coleção Documentos Brasileiros da Livr. J. Olympio Edit., 1937, o primeiro a respeito.

trangeiros nem sempre conhecedores das realidades meridionais. Pedro Henríquez Ureña, reformista, Victor Raúl Haya de la Torre e José Carlos Mariátegui revolucionários, foram dos que agiram em entusiasmo humanístico político por radicais transformações na América Hispânica.

Rafael Gutiérrez-Girardot muito bem intitulou *A utopia de América*, sua prefaciada seleção dos ensaios da autoria de Henríquez Ureña. Henríquez Zuleta Álvarez outro tanto subintitulou *Vida de um hispano-americano universal* seu livro de críticas *Pedro Henríquez Ureña e seu tempo*. Dentro desse espírito, José Rafael Vargas destacara *O nacionalismo de Pedro Henríquez Ureña*. São dimensões que nele se completam, tendências frequentes, embora nem sempre tão exitosas, nos escritores ibero-americanos, hispanófonos ou lusófonos. Henríquez Ureña testemunhou de perto acontecimentos decisivos do século XX. Filho de presidente da República Dominicana, presenciou a guerra de Independência de Cuba contra espanhóis e norte-americanos, o começo da Revolução Mexicana e os preparativos para a Guerra Civil espanhola. No entretempo, doutorou-se nos Estados Unidos pela Universidade de Minnnesota, onde veio a ser professor e em Harvard, mas preferiu a Universidade de La Plata para longa docência na Argentina, onde faleceu. Fez breve incursão na política, não propriamente feliz, pois aceitou, apesar de brevemente por dois anos, a chefia da Superintendência do Ensino (*Superintendencia de Enseñanza*) na ditadura de Rafael Trujillo.³

3  José Rafael Vargas, *El nacionalismo de Pedro Henríquez Ureña*, República Dominicana, Editora de la Universidad Autónoma de Santo Domingo, 1984. Assim o crítico define o nacionalismo aberto de Henríquez Ureña: “*Ser nacionalista es resaltar y valorar lo nuestro, es reconocer, apreciar, admirar y si es necesario utilizar todo lo bueno y justo que haya producido otro pueblo o cultura en cualquier latitud y época*”. (p. 93). Nacionalismo cultural também político antirregressista e anti-imperial; a favor do “*nacionalismo de los que creen firmemente en la nación como tal y aspiran tener su plena autonomía política, económica y social*”. Com “*compromiso político y social*” (p. 37), para definir sua cultura, seus interesses econômicos e poder político (pp. 39 e 40).

Gutiérrez-Girardot declara “peculiar nacionalismo”, o de Henríquez Ureña, nacionalismo ibero-americano além de hispânico, ao incluir em *A utopia de América* “As letras brasileiras”, ensaio no qual demonstra considerável conhecimento também da leitura do Brasil, através inicialmente da sua história por Ronald de Carvalho, “meu amigo”, então recém-falecido.⁴

Henríquez Ureña era ensaísta de corpo inteiro, enquanto conteúdo racional e não só na forma literária. Seu irmão Max, selecionador da sua primeira *Antologia* (1950), descrevia como Henríquez Ureña “aprendia ensinando e ensinava aprendendo”; na definição de Gutiérrez-Girardot: “foi discípulo de si mesmo, mas não autodidata”⁵. Só podia ser realmente um ensaísta, quem pensava e escrevia assim. Daí a estreia com *Ensaíos críticos* em 1905. Após décadas de análises literárias, volta à tentativa de síntese estilística e conceitual com *Seis ensaios em busca de nossa expressão* (1928). Estava definido seu itinerário.

Ele não se deterá nas preparatórias leituras efetuadas pelo caminho, apesar de antes escrever *Minha Espanha* (1922) e, depois (1940), *Plenitude de Espanha*. Para ele, o principal era “A América Espanhola e sua originalidade”, pela própria “Vida espiritual em Hispano-América”, títulos de ensaios representativos desta visão. Daí sentir e expressar senso de continuidade, ao prosseguir a linha ensaística do *Facundo* (1845) do argentino Sarmiento e do uruguaio Rodó mais em *Motivos de Proteu* (1909) que no *Ariel* (1899). Henríquez Ureña foi dos que primeiro apontaram o modernismo literário hispanófono como uma das com-

4 ☞ Rafael Gutiérrez-Girardot, “Prólogo” à antologia de Pedro Henríquez Ureña *La utopia de América*, compilação e cronologia por Ángel Rama e o próprio Rafael Gutiérrez-Girardot, Caracas, vol. 37 da Biblioteca Ayacucho, 1978, p. XII, e “Las letras brasileñas”, p. 365.

5 ☞ Gutiérrez-Girardot, p. IX e “Cronología”, p. 568.


pensações culturais pela derrota militar espanhola perante os Estados Unidos, gerando indignação intelectual política da chamada geração de 1898, mesmo ano da publicação do *Rubén Darío* de Rodó.⁶

Tendo residido e estudado nos Estados Unidos, doutorando e professor na Universidade de Minnesota, professor também em Harvard – ao contrário de Rodó que nunca lá esteve e Sarmiento só em vi-
legiatura – Henríquez Ureña pôde concluir sobre Rodó, a propósito do seu último ensaio, *Liberalismo e jacobinismo*, contra o início (1906) da Questão Religiosa no Uruguai:

“Nessa virtude de seriedade sincera reside o mérito de Rodó: em sua alta e secreta aspiração de dar à nossa América um ideal construtivo. Poderá equivocar-se por momentos e de fato se equivoca; poderá desanimar-se e pelo menos cala: mas sua será sempre a palavra animadora de *Ariel*”. “Contra esse afã anárquico, contra essa impotência da filosofia (...), se levanta Rodó, com a seriedade de quem estuda e sobretudo medita, na solidão do silêncio, longe das feiras de vaidade internacional onde a eminência científica permite que se lhe enfrentem o sábio improvisado e literato dile-
tante, e, insegura de sua própria excelência, pactua com a mediocridade invasora”⁷.

A solução fora entrevista por Sarmiento, ao término da vida, após ter sido até presidente da República Argentina, confiando “deixar por herança milhares em melhores condições intelectuais, tranquilizado nosso país, asseguradas as instituições e sulcado por vias férreas o ter-

6  Henríquez Ureña, *La utopía de América*, op. Cit., pp. 256, 257, 338, 336 e 332.

7  *Idem*, p. 333.

ritório, bem como cobertos por navios os rios, para que todos participem do festim da vida”⁸

Assim era o humanismo de Henríquez Ureña: intelectual sem intelectualismo, engajado porém não ideológico, capaz de entender e louvar Diego Rivera sem se tornar seu correligionário, e pressentir no horizonte de Cuba a tempestade que se armava desde a luta de José Martí pela Independência até o falecimento de Enrique José Varona, e quando do golpe tornando Fulgêncio Batista ditador sobre os presidentes nominais, enfim a revolução liderada por Fidel Castro. O ensaísmo crítico de Henríquez Ureña chega aos tempos de Alfonso Reyes, Jorge Luís Borges e Victoria Ocampo, no limiar da pós-modernidade.⁹

A utopia maior de Pedro Henríquez Ureña deveria ser construída pela Ibero-América. Após todos os traumáticos fracassos europeus, “convulsões de largos anos, dores incalculáveis”, cabia-lhe “devolver à utopia seus caracteres plenamente humanos e universais”, pelas ações vindo da “nossa América” justificada em “Magna Pátria” [já Simón Bolívar a definia como “Pátria Grande”], exemplo de sociedade onde se cumpre a emancipação do braço e da inteligência”, “forte e próspera pela cultura a serviço dos povos.”¹⁰

Também era de escritor a mais profunda vocação de Victor Raúl Haya de la Torre, mas sua ideologização da utopia indo-hispano-americana tornou partidário seu engajamento ensaístico.

Ele fundou em 1924, já em exílio no México, a APRA, Aliança Popular Revolucionária Americana, num claro propósito continental além de nacional. A autodefinição do movimento e o lugar do seu começo oficial demonstravam a latino-americanização dos iniciadores

8 ∞ *Ibidem*, p. 259.

9 ∞ *Ibidem*, pp. 454-456, 290-304, 383-389, 399-401 e 403-405.

10 ∞ Gutiérrez-Girardot, *op. cit.*, pp. XXXVI e XXXV.

em especial do peruano Haya de la Torre. A ênfase no índio advém da maior importância dele nos países andinos e da América Central inclusive o México, enquanto no Brasil era a dos africanos, uns ao lado dos espanhóis, outros com os portugueses, ambos os escravizando. Daí os pioneiros protestos em defesa dos índios pelo dominicano Bartolomeu de las Casas no México do século XVI e o jesuíta Antônio Vieira no Brasil do século seguinte.

Haya de la Torre pertence à geração de 1920 ou do Centenário da Independência do Peru (1821), que produziu o historiador social Jorge Basadre, o historiador de ideias literárias Luís Alberto Sánchez, o poeta César Vallejo e o pensador político José Carlos Mariátegui.

Em 1928 Haya de la Torre publicava *O anti-imperialismo e a Apra*, primeiro texto doutrinário do partido recém-criado. Ainda em 1928 estava Mariátegui entre os fundadores do Partido Socialista no Peru, cujos descendentes prosseguiriam na direção do Partido Comunista e de movimentos e tendências mais polêmicas, após o falecimento do inicial inspirador, com ideias daí em diante muito diversamente interpretadas. Também de 1928 são os livros fundamentais de Mariátegui, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, e de Pedro Henríquez Ureña *Seis ensaios em busca de nossa expressão*. Portanto, um ano decisivo para a Hispano-América, com grandes repercussões nos tempos seguintes.

Há quem veja em Haya de la Torre influências também de Spengler, com sua teoria vitalista da crise do ocidente e retomada do comando da civilização por outros povos¹¹, e os que insistem nas raízes ibero-latino-americanas. Entre estes está León Enrique Bieber.

León Bieber aponta afinidade entre Haya de la Torre e os contemporâneos hispano-americanos Jorge Basadre, Luís Valcárcel, Ciro Alegría, José Vasconcelos, Germán Arciniegas e o próprio José Carlos

11  *Idem*, p. XI.

Mariátegui, apesar das mútuas diferenças e até distanciamentos. Antes deles, o peruano Manuel González Prada, acerbo crítico do oligarquismo.

Quanto aos fatos, ressaltaria o impacto direto das recentes Revolução Mexicana de 1910-1917 e Reforma Universitária de Córdoba na Argentina de 1918, e indireto da política de Bukharin tentando continuar a convivência construtiva de Estado Soviético e iniciativa privada pelo NEP (Novo Plano Econômico) de Lênin recém-falecido. Era a época da aliança de Moscou com Kuomintang, partido nacionalista chinês de Chiang Kai-Shek na década de 1920. Portanto, não teria sido nas ruínas incas de Macchu Pichu que a APRA havia se inspirado para sua proposta de Frente dos Trabalhadores Manuais e Intelectuais...

Haya de la Torre passara dois meses em 1924 na União Soviética, onde dialogou com bolcheviques intelectuais (Lunatcharsky), políticos (Trotsky) e até militares (Frunze). Observou que, em vez da marxista previsão revolucionária para os países mais industrializados do Ocidente, a insurreição popular tinha irrompido na então ainda distante e pobre China. Daí o afastamento dele diante da Internacional Comunista e confrontação com o Partido Comunista em vias de organizar-se no Peru¹².

Os seguintes rumos das heranças políticas tanto de Haya de la Torre, quanto de Mariátegui, seriam marcados pelas circunstância dos tempos. Aqui cabe analisá-los enquanto escritores.

Os livros de Haya de la Torre, não propriamente seus panfletos, são ensaísticos mesmo quando políticos. Ele próprio subintitula *Cinco ensaio e três diálogos o Espaço-tempo histórico*, no qual pretende apresentar

12 ☞ León Enrique Bieber, *En torno al origen histórico e ideológico del ideario nacionalista populista latinoamericano (Gestación, elaboración y vigencia de la concepción aprista de Haya de la Torre)*, Berlim, Coloquium Verlag, 1982, pp. 7-10 e 34-37.

uma síntese de historicismo antigo e fiscalismo moderno de Hegel a Einstein¹³... *anti-imperialismo e a Apra*, querendo superar José Enrique Rodó e José Vasconcelos, vai noutra direção, desde a constatação de Hegel que a América do Norte havia sido colonizada enquanto era conquistada a América do Sul, à teoria leninista do imperialismo e à análise do conflito também étnico-cultural entre as duas. Haya de la Torre propõe inspirar-se em Bukharin, no NEP e na experiência de aliança com o Kuomintang, reconhecendo, com Vicente Lombardo Toledano, a Revolução Mexicana enquanto camponesa e operária. Quanto ao Brasil, reconhece sua peculiaridade étnica e cultural e deseja que colabore com a Revolução Indo-Hispano-Americana, contra as intrigas divisionistas impostas de fora para dentro pelos imperialismos então sobretudo dos Estados Unidos.

O *anti-imperialismo e a Apra* conclui com um retorno à questão do Brasil, reconhecendo sua grande força potencial e confiando na solidariedade ibero-latino-americana¹⁴.

O maior escritor aprista é, contudo, Luís Alberto Sánchez, fiel admirador do seu líder mais político que intelectual, como se vê no perfil biográfico de 1934, *Raúl Haya de la Torre ou o político (Crônica de uma vida sem trégua)*.

Luís Alberto Sánchez vai adiante do aprismo partidário, captou o espírito da Aliança Popular Revolucionária Americana desde o berço, na geração por Luís Alberto Sánchez pela primeira vez denominada “Geração do Centenário” da Independência (1921) do Peru, à qual

13 ∞ Haya de la Torre, *Espacio-tiempo histórico (Cinco ensayos y tres diálogos)*, Lima, Serie Ideología Aprista, Editorial Monterrico, 4.ª ed., 1986, passim.

14 ∞ Haya de la Torre, *El antimperialismo y el Apra*, Lima, Fundación Navidade del Niño del Pueblo Victor Raúl Haya de la Torre, 8.ª ed., Editorial Monterrico, 8.ª ed., s.d., pp. 34, 126, 102, 130, 67, 87, 138 e 139.

seus membros procuravam completar e ampliar na política, economia e cultura. Sua dissertação de doutoramento foi o *Elogio de Don Manuel González Prada*, prenunciando as interpretações sobre sua inicial influência nos pensamentos de Luís Alberto Sánchez e Haya de la Torre, companheiros desde a primeira hora.

Em meio a atividades e escritos políticos apristas, durante longas vidas (Haya falecido aos oitenta e quatro anos, Sánchez aos noventa e três), o segundo consegue enveredar pelo ensaísmo além do político, no que o primeiro não o alcança, arrebatado pela ação em lugar da reflexão. Luís Alberto Sánchez, porém, chega até a apresentar opiniões inéditas e ousadas, do tipo da existência de uma literatura americana em geral, reunindo as ibéricas hispanófona e lusófona e mesmo a de expressão inglesa dos Estados Unidos, pela diferença de temática em relação às dos países europeus de origem, como se vê na sua *História comparada das literaturas americanas*, publicada em quatro volumes pela Editorial Losada de Buenos Aires. Pesquisador, historiógrafo literário, além de político militante, ainda teve tempo para ser três vezes reitor da tradicional Universidade de San Marcos no Peru, uma das mais antigas das Américas.¹⁵

Era a culminação do itinerário do escritor ensaísta, tornado tratadista ao término da existência física, após exercer cátedras universitárias quando de exílios no Chile e Porto Rico, com o vigor tão bem expresso em títulos de livros seus – *Vida e paixão da cultura na América* e *O povo na Revolução Americana* – capazes de coexistir com sua erudita *História geral de América* em dois volumes.


Substituindo na presidência do Senado o enfermo Haya de la Torre, numa das cíclicas Constituintes redemocratizadoras também do Peru, Luís Alberto Sánchez concluiu longo itinerário político e intelectual.¹⁵


15 ☞ Roy Soto Rivera, *Luís Alberto Sánchez (Maestro, escritor y político)*, Arequipa, sem ref. à edit., 2000, pp. 2, 4, 30, 33, 32, 15 e 27.


Num dos seus últimos textos, saúda, numa difícil tentativa de síntese, “Victor Raul (Haya de la Torre) e (José Carlos) Mariátegui, o analista e o propulsor” de “uma solução dialética e cooperante para tanto problema, para tanta angústia, para tanta fome de corpo e espírito...”¹⁶

Mariátegui será a figura intelectual mais completa e politicamente mais complexa da Geração de 1921, a do Centenário da Independência do Peru com repercussões na Ibero-América de hispânica a lusa. Antes daquela geração, os vultos exponenciais de maior influência em Lima, ecoando na seguinte, eram o poeta José Santos Chocano e o historiador Ricardo Palma, com toques mais tipicamente peruanos que seus antecessores, sobre todos se destacando o nacionalismo conservador, porém condigno, de José de la Riva Agüero. No extremo oposto político estava Manuel González Prada, paradoxal figura de erudito e agitador de massas.¹⁷

José Carlos Mariátegui provinha de empobrecida família de classe média baixa. Seu pai, pequeno funcionário público, descendia de ardoroso prócer liberal, admirador do iluminismo e de Rousseau em especial; o jovem Mariátegui confidenciara, a um dos melhores amigos, ter renegado os primeiros escritos literários de juventude futurista, porém decadentista no espírito literário da década de 1920 da França e Itália.¹⁸

16  *Apud idem*, p. 44.

17  Armando Bazán foi grande amigo pessoal e primeiro biógrafo com *Mariátegui y su tiempo*, que dá o título à antologia de depoimentos coord. por ele como vol. 20 das *Obras completas* de José Carlos Mariátegui, Lima, Biblioteca Amauta, Librería Editorial “Minerva”-Miraflores, 3.^a ed., 1975, pp. 29, 31, 32, 18-22, 32, 33 e 45.

18  Robert Paris, *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*, México, Ediciones Pasado y Presente-Siglo XXI Editores, 1981, pp. 19, 18 e 20. Trata-se de tese universitária, sob influência do movimento *Annales* na École Pratique des Hautes Études de Paris, então dirigida por Fernand Braudel, pp. 7 e 17.

Das leituras desse tempo, Mariátegui guardará da Espanha apenas recordação da Geração de 1898, em especial de Unamuno e Ortega y Gasset. A língua literária espanhola, pouco antes e logo depois da perda de projeção política internacional da Espanha em seguida à derrota militar diante dos Estados Unidos, passara a rebrilhar a partir da Nicarágua de Rubén Darío e do Peru de César Vallejo, repercutindo na própria Espanha.¹⁹

O impacto emocional da Primeira Guerra Mundial atinge também os meios intelectuais de Lima. Mariátegui escreve artigo contra o assassinato de Jaurès e simpatiza com a França²⁰, já com adeptos preparados no Peru principalmente Francisco García Calderón.²¹

Manuel González Prada, após viagem à França, transitara de Taine e Renan ao anarquismo de Kropotkin. Nesse clima se reuniam deslumbrados no efêmero grupo denominado Colônida²².

Armando Bazán, dos grandes amigos pessoais de José Carlos Mariátegui, entre seus vários testemunhos anota que, sem a viagem e permanência na Europa, Mariátegui teria muito possivelmente se condenado ao destino de tantos companheiros de geração, perdidos no beletismo e provincianismo, “*con sus fuerzas creadoras dormidas*”:

“Europa foi pois, para ele, como para a maioria de nosso grandes homens, sua salvação, sua revelação, seu nascimento à vida do pensamento que não morre”.²³

19 ☞ *Idem*, p. 15.

20 ☞ *Ibidem*, pp. 21 e 27.

21 ☞ Francisco García Calderón, destacado publicista e diplomata peruano, foi dos mais ardorosos e influentes escritores do seu país na defesa do especial relacionamento da Ibero-América, por ele chamada de Latina, com a França em vésperas da Primeira Guerra Mundial. Seu livro *Les démocraties latines de l'Amérique*, Paris, Flammarion, 1912, teve como prefaciador nada menos que Raymond Poincaré, presidente da República Francesa. García Calderón era parente do historiador Jorge Basadre.


22 ☞ R. Paris, *op. cit.*, pp. 16, 17, 34, 35, 37, 45, 47, e 59.


23 ☞ Bazán, *op. cit.*, p. 46.

Na sua obra máxima, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, ele reconhece: “Fiz na Europa meu melhor aprendizado” (textualmente: “*He hecho en Europa mi mejor aprendizaje*”),²⁴ referindo-se aos quatro anos (1919-1923) ali passados. Não lhe faltaram acusações de “europeizante”, por mais que Mariátegui se defendesse que nunca propunha “decalque e cópia”, “*calco y copia*”.²⁵

Caio Prado Júnior, no Brasil, da família Prado lendária por sua grande fortuna, estudara o curso secundário na Inglaterra e Direito na tradicional Faculdade do Largo de São Francisco. Fundou a Editora Brasiliense e a Gráfica Urupês e editava de 1955 a 1964 a *Revista Brasiliense*, portanto com importante destaque na cultura. Do ponto de vista metodológico escreveu, como obra máxima, *Dialética do conhecimento*, aplicada desde *Evolução política do Brasil* em 1933, mas não alcançou a mesma repercussão internacional de José Carlos Mariátegui.

A explicação apresenta-se muito simples: Mariátegui era um escritor, não só pensador, escritor vindo do jornalismo ao ensaísmo, ambos em grau superlativo. Seu conteúdo surge sempre claro e cáldo, inclusive quando expressa suas ideologias, não só ideias. O que na grande maioria de outros casos não costuma ser frequente.

24  Mariátegui, “Advertencia” a *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana*, vol. 2 das *Obras completas*, Lima, Biblioteca Amauta, Librería Editorial “Minerva”-Miraflores, 31.ª ed., 1975, p. 12.

25  Jorge Basadre, amigo pessoal tanto de José Carlos Mariátegui quanto de Victor Raúl Haya de la Torre e que nunca se tornou nem marxista nem aprista, testemunha a originalidade do pensamento de Mariátegui desde o início até o fim da sua breve vida, no livro de memórias intelectuais e políticas *La vida y la historia (Ensayos sobre personas, lugares y problemas)*, Lima, Fondo del Libro del Banco Industrial del Perú-Editorial Ausonia, 1975, p. 230. Os soviéticos de início receberam Mariátegui com muitas restrições, porém terminaram reconhecendo-lhe as inovações (p. 239). Basadre alonga-se sobre Mariátegui em *Perú (Problema y posibilidad)*, Lima, 1931 e no vol. XIII da sua *Historia de la República del Perú*, acerca do aprismo no vol. XIV deste último livro.

Mariátegui parte de navio do Peru em 1919, logo após a Revolução Bolchevique e ao término da Primeira Guerra Mundial. Passa pelo Canal do Panamá do Pacífico ao Atlântico, Armando Bazán relembra sua admiração pelo capitalismo, ianque, ele próprio assim o denomina. A ponto de prever, atente-se bem à data, a superação, em breve, da hegemonia britânica no mundo pela dos Estados Unidos. Os dias em Nova York confirmam-lhe esta convicção.²⁶

Chega a Paris, de passagem à Itália. Visita Henri Barbusse, fundador da editora, revista e movimento Clarté²⁷, depois divulgados na América Hispânica pelo grupo Claridad.²⁸ Nesta fase o francês de Mariátegui não era dos melhores, depois voltará com mais proveito a Paris. Ele muito recordará os comícios operários em Belleville.²⁹

Enfim na Itália, dela ele depois dirá em carta de 10 de janeiro de 1921: “Residi mais de dois anos na Itália, onde espousei uma mulher e algumas ideias”. Assume cargo burocrático no Consulado do Peru em Gênova, logo em Roma, por nomeação pelo presidente populista Augusto B. Leguía, o que lhe valerá ataques e defesas, mas que na prática serviu como uma espécie de bolsa de estudos, costume comum na época na América Hispânica³⁰.

26 ☞ Bazán, *op. cit.*, pp. 47-49.

27 ☞ *Idem*, pp. 53 e 54.

28 ☞ No Rio de Janeiro surgiu a revista *Claridade* afim à *Claridad* de Buenos Aires, no Brasil fundada por Nicanor do Nascimento. O jurista Pontes de Miranda neste grupo publicou em 1933 *Anarquismo, socialismo e comunismo*. Seu desengajamento nos preparativos do Levante de 1935 interrompeu esta sua linha, daí em diante só jurídica.


29 ☞ Bazán, *op. cit.*, p. 56.


30 ☞ R. Paris, *op. cit.*, pp. 75, 76 e 74. O presidente Leguía prendeu Mariátegui e alguns líderes operários e estudantis em 1927, alegando uma conspiração comunista. Mariátegui defendeu-se reconhecendo seu próprio marxismo, porém negou sua participação num “complo folhetinesco de subversão”. A revista *Amauta*, então fechada por ordem de Leguía, dele recebeu autorização de reabertura sem qualquer restrição da censura. Vide Basadre, *op. cit.*, pp. 216 e 217.


A experiência italiana o marcará para sempre. Os pensadores italianos que mais o influenciaram foram Croce, Gentile, Labriola e Gobetti. Também teve tempo para ler o francês Sorel e o americano Whitman, entre vários autores, sem perder contacto com movimentos sociais, cujas reuniões assistia pessoalmente. Croce, hegeliano liberal, Gentile hegeliano autoritário social, Labriola marxista independente e Gobetti, social democrata croceano sem vinculações partidárias. O método, mais que mito de Sorel, muito o impressiona; em Walt Whitman é o amor pelo povo e à natureza.³¹

O livro *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana* (1928) é o que o título diz, uma coleção de textos autônomos, porém, ao mesmo tempo, com vida orgânica própria que vai do econômico (em especial agrário) ao etnológico indianista, sua necessidade de instrução pública, seu fator religioso ancestral quéchua e aimara, o conflito entre regionalismo e centralismo, e a cultura literária no contexto por Mariátegui chamado de indo-ibero a esta coleção, na realidade uma série homogênea na forma, mesmo com variedade de objetos, visando o objetivo da sua totalidade. Segue um caminho previsto e desejado, não se trata do conjunto fragmentário pela difícil circunstância em que Antônio Gramsci redigiu seus apontamentos.

Há afinidades e convergências entre Gramsci e Mariátegui, não propriamente influência daquele sobre este, ambos estavam imersos no mesmo ambiente cultural político, o da Itália logo após a Primeira Guerra Mundial. Mariátegui só cita explicitamente Gramsci duas vezes, ambas a propósito da direção do jornal *L'Ordine Nuovo* por ele e

31  R. Paris, *op. cit.*, pp. 122-140.

32  As duas breves referências jornalísticas de Mariátegui a Gramsci estão no vol. 15 das *Obras completas (Cartas de Itália)*, e no vol. 5 *Defensa del marxismo*.

33  Vide R. Paris, *op. cit.*, pp. 122, 123 e 87.

Umberto Terracini.³² As afinidades e convergências têm o denominador comum do humanismo social e culturalismo histórico de ambos, nisto sob influência inclusive e principalmente de Benedetto Croce, cujas aulas Gramsci chegou a ouvir. Croce era amigo da família da esposa de Mariátegui, portanto lhe dando acesso às suas obras ou até ao conhecimento pessoal, apesar de Mariátegui não registrar qualquer encontro direto entre eles. Com Gramsci e Terracini deve ter cruzado caminhos, conforme esse último vagamente se lembrava³³.

José Carlos Mariátegui retorna ao Peru em 1923.

Ele tinha muita consciência das ligações históricas culturais do ensaísmo não só peruano, também o do uruguaio Alberto Zum Felde e o mexicano José Vasconcelos, até o de Jorge Luís Borges então em inicial fase portenha. Aponta a superação do nativismo por Zum Felde, na Montevideú tão cosmopolita quanto a Buenos Aires de Borges, diante do indigenismo peruano hegemônico em Lima, e vê em Vasconcelos oportuna consagração da mestiçagem, embora mais do passado que do presente. Prefere-os ao intelectualismo de Rodó. Concorda com a opção nativista de Henríquez Ureña,³⁴ considera-a mais social em vez de basicamente nacional como em Haya de la Torre. Seus adeptos vão se distanciar ainda mais. Cada qual a seu modo busca a utopia de América.

Mariátegui tinha o propósito de editar uma revista na sua volta ao Peru. Será *Amauta* (“guia” em quéchua) de 1926 a 1930 com o suplemento *Labor*.


Neles colaboram com artigos-ensaios desde Haya de la Torre a Armando Bazán e Jorge Basadre, entre outros companheiros peruanos de geração, a José Vasconcelos do México e Alberto Zum Felde

34 ☞ 7 ensayos de interpretación de la realidad peruana, op. cit., pp. 329, 330, 239, 340, 320, 35 e 254.

do Uruguai. Também Ortega y Gasset e Unamuno da Espanha, mais Henri Barbusse e Romain Rolland da França, Hermann Keyserling da Alemanha e Waldo Frank dos Estados Unidos então muito em evidência.

A Revolução Mexicana de 1910 e a Russa de 1917, bem como os começos dos movimentos operários organizados peruanos, recebem especial destaque. Sempre com vibração intelectual, mas moderação de sentimentos, ao lado do gosto pelo rigor e exatidão, Mariátegui passa um ano na Alemanha para aprender o idioma e poder ler no original Goethe e Marx.³⁵

José Carlos Mariátegui publicou ensaios e livros ao longo de apenas sete anos (de 1923 a 1930) dos seus breves trinta e seis de vida. Ele foi importante polarizador e aglutinador, prossegue polêmico ao longo do tempo. Permanece um dos principais marcos do ensaísmo hispano-americano. Nele a paixão política inflama até o escritor e diplomata, erudito e liberal Juan Montalvo, contra o por ele considerado clerical ultramontano presidente García Moreno do Equador.

35  O amigo pessoal Bazán inclui mais este testemunho, *op. cit.*, p. 71 e o próprio Mariátegui, tão heterodoxamente criativo, começa seu livro *7 ensayos de interpretación de la realidad peruana* com longa citação no original alemão de *O viandante e sua sombra* de Nietzsche. Também no Brasil há importante recepção da obra de José Carlos Mariátegui.

Martínez Estrada: o pampa de Golias

A Argentina começou a noroeste nos Andes, emanação da riqueza da prata do sul do Alto Peru, prosseguiu na direção leste pelas planícies dos afluentes do Rio da Prata, daí o nome deste acesso ao Atlântico e o mundo. Foi o caminho de Salta e Tucumán a Córdoba, Rosário e Buenos Aires, marcos fecundos mesmo após sucessivas transferências de hegemonias. A foz portenha, concentrada e mais acessível aos contactos internacionais, terminou por preponderar em meio às resistências das províncias.

O enriquecimento material de Buenos Aires, de entreposto comercial a centro também irradiador industrial, propiciou o aparecimento do que José Luís Romero denominou “grupo portenho ilustrado”, político e intelectual, nacionalista e centralista mais que apenas patriótico e centralizador: convocando o povo, mas para impor-lhe aqueles princípios, com muita consciência (“*Buenos Aires se pone a la frente / de la ínclita nación*”) e ardor até apaixonado:

*“Calle Esparta su virtud;
su grandeza calle Roma;*


*silencio, que al mundo asoma
la gran capital del sur*¹

O debate político institucional argentino desde o início gira em torno da questão unitarismo–federalismo, com extremos de confederação e até secessão no caso de Manuel Dorrego por dentro em Buenos Aires e, vindo de fora, o uruguaio José Artigas do seu país às províncias argentinas antiunitárias. Buenos Aires era de início capital da província, a mais rica, com seu nome, ao mesmo tempo capital da Argentina. O espanhol Vice-Reinado do Prata incluía Argentina, Uruguai e Paraguai.

O nome na Independência era o de Províncias Unidas do Rio da Prata, desde as primeiras proclamações argentinas, a Constituição vem do Congresso Unitário de 1823. Em 1826 o Congresso Nacional criou um Poder Executivo central e Bernardino Rivadavia primeiro presidente da Argentina, os anteriores haviam sido das Províncias Unidas. O título não deve parecer estranho, o oficial da Holanda é Províncias Unidas dos Países Baixos, porém lá se optou pelo federalismo desde o começo, em seguida sob monarquia e parlamentarismo.

Juan Bautista Alberdi queria um Executivo forte, o que veio a ser abusado por Juan Manuel Rosas, implantando em plena capital o caudilhismo habitual nas províncias. Facundo Quiroga foi sua máxima expressão no livro clássico de Domingo Faustino Sarmiento com seu nome, *Facundo*, e o significativo subtítulo *Civilização ou barbárie*, primeira edição publicada em fascículos de jornal em 1845, quando do exílio do autor no Chile.

Buenos Aires renunciou a ser capital da província do mesmo nome, transferida a La Plata, e passou a sê-lo plenamente de toda a Argenti-

1  José Luís Romero, *Las ideas políticas en Argentina*, México-Buenos Aires, 19.³ ed., 2001, pp. 67, 75, 87, 85 e 82.

na, em meio às opções de unitarismo, federalismo e confederação. Pouco após 1860, o presidente Bartolomé Mitre fez aprovar federalmente a Constituição. Em 1854 Mitre proclamava que “*hay una nación preexistente*”, à qual Buenos Aires e as demais províncias deviam reconhecer e aceitar antes de mais nada. Mitre criou seu jornal *La Nación* para defesa e divulgação deste básico princípio. O presidente Nicolás Avellaneda consolidou oficialmente Buenos Aires como capital federal em 1880, daí o obelisco também em seu nome no mais importante cruzamento de ruas desta cidade, o da Avenida de Mayo com a Avenida 9 de Julho, efemérides da Independência. O projeto cultural pretendia sua europeização pelas imigrações.

O símbolo máximo rural da Argentina, também do Uruguai e do interior do Rio Grande do Sul, tornou-se o gaúcho, dito gaúcho em português, ou guasca, o vaqueiro, “*cow-boy*” platino. Sarmiento no *Facundo* descreveu-o, analisando e até o mitificando um tanto quanto Euclides da Cunha com o sertanejo em *Os sertões*, ambos dos pontos de vista negativo e positivo.

O gaúcho paroxítono platino faz parte de uma cultura também política autoritária e mesmo violenta: metáfora da liberdade no poema regionalista argentino *Martín Fierro* de José Hernández – estóico, lacônico, herói fatalista – com similares nas literaturas equivalentes do Uruguai e Rio Grande do Sul; ou metáfora da tirania irrompendo das suas cíclicas guerras civis de atrozegolias. No Brasil seu “*epos*” em prosa foi escrito por Érico Veríssimo em *O tempo e o vento*, com o frio minuano trazendo os uivos da natureza e os das paixões dos homens, em intermináveis combates armados na planície imensa dos pampas em três países.


Ricardo Güiraldes, em prosa poética, foi quem primeiro tentou transmitir do gaúcho uma imagem psicológica mais completa, o

próprio autor grande proprietário rural, sua estância em San Antonio de Areco transformada num museu e hospedaria. Güiraldes era outro senhor da grã-fortuna, afim do Jacinto de *A cidade e as serras* de Eça de Queirós: sua Tormes era estância nas planícies do pampa, em vez de quinta nas montanhas do Alto Douro. Eça passa a viajar como diplomata de carreira, Güiraldes sai da Argentina já com um ano de idade, para viver os primeiros quatro de infância em Saint-Cloud nos arredores de Paris, seus pais de origem em parte basca, ricos criadores de gado.

De volta, ele vai ao campo e à praia, tem de fixar-se em Buenos Aires para estudar o curso secundário e ingressar na universidade, de início arquitetura, depois na Faculdade de Direito. As primeiras leituras são Rubén Darío e Leopoldo Lugones, o nicaraguense então já com maior repercussão internacional que o argentino.

Em 1910, aos quatorze, retorna à França passando pela Espanha. Aos dezesseis viaja pela Itália, Grécia, Constantinopla, Egito, Índia, China, Japão, Rússia e Alemanha com seus pais. Aos dezoito, acompanhado por eles, vem passear no Brasil em 1914. Tem paixão pelos longos roteiros; recém-casado incursiona pelo Chile, Peru e Antilhas. Terminada a Primeira Guerra Mundial, em 1919 está em Paris, com bastante maturidade para frequentar escritores franceses, Jules Romains e Saint-John Perse entre eles, principalmente Valéry Larbaud. Em carta a este, Güiraldes explica seus retornos à estância no pampa, como “*la necesidad de ponerme en contacto con las cosas que pueden servir de base a mi obra literaria*”.²

Para conhecer ainda melhor a Argentina profunda, Güiraldes vai do pampa ao noroeste onde ela nasceu em Salta e Tucumán, deslumbra-se

2  Yvonne Bordelois, *Génio y figura de Ricardo Güiraldes*, Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires (Eudeba), 1998, pp. 11-14.

ao vê-las ainda paradas no tempo. Volta a Paris em 1922/1923, férias no Mediterrâneo em Malhorca. Era sua pendulação de sempre, entre o telúrico e o universal, busca da síntese de ambos. Entusiasma-se com a estreia de Jorge Luís Borges, *Fervor de Buenos Aires*. Muito depois, Borges renegará as origens regionalistas. Güiraldes virá a conhecer pessoalmente Borges. Outra grande admiração será o esfuziante, porém intenso Leopoldo Lugones.

Em 1927 fez a última viagem, gravemente enfermo, para falecer em Paris aos quarenta e um anos de idade. No anterior, publicou seu *Don Segundo Sombra* de duradoura repercussão; deixa póstumo *O livro bravo* ampliando a visão do heroísmo com toques nietzschianos, mais *O sendero* e *Poemas místicos* em misteriosos tons esotéricos de “aristocrata liberal”, preocupado em ver o progressismo cair na Primeira Guerra Mundial e rumar para a Segunda em breve.³

Don Segundo Sombra havia sido grande êxito editorial repercutindo na França. As exéquias de Ricardo Güiraldes em Paris tiveram numerosa presença de intelectuais franceses. No seu definitivo retorno à Argentina, foi recebido oficialmente pelo presidente Marcelo T. de Alvear e em trem especial conduzido para sepultamento no pampa de San Antonio de Areco, onde se criou museu especial em sua honra. Pouco depois morria o vaqueiro Don Segundo Ramírez, de quem Güiraldes ouvira muitos dos relatos de *Don Segundo Sombra*, algo como Guimarães Rosa entre os de Minas Gerais para *Grande sertão, veredas*.

O gaúcho Dom Segundo Ramírez, ao ajudá-lo a descer ao túmulo, disse apenas, em sua linguagem guasca: “Aqui é não-mais, patrãozinho.” O “não-mais” tornara-se “sua terra de sempre”, como ficou escrito na lápide.⁴

3 ☞ *Idem*, pp. 145, 151 e 147.

4 ☞ Don Segundo Ramírez: “*Aqui es nomás, patroncito*” e epitáfio, “*Aquí yace Ricardo Güiraldes, crucificado de calma, bajo su tierra de siempre*”, *apud op. cit.*, p. 157.


Don Segundo Sombra teve a felicidade de encontrar tradutor em português brasileiro no erudito, porém poeta, teuto-gaúcho Augusto Meyer, que lhe acrescentou as despedidas dos dois maiores admiradores argentinos, por Güiraldes também tão admirados: Jorge Luís Borges e Leopoldo Lugones. Este relembrando “a noção de vida como um ato de dominação”, “herança do antigo conquistador, cujo idioma o gaúcho conserva em seu castelhano arcaico e saboroso”; aquele num dos seus raros poemas: “Aí estás, mágico e morto. Teu, Ricardo, é agora o aberto campo de ontem, a aurora dos potros”.⁵


Ricardo Güiraldes, em *Don Segundo Sombra*, é contraponto ao estranhamento de Eduardo Mallea, em *História de uma paixão argentina* o exaltado conflito íntimo das velhas heranças culturais europeias e o confronto nas novas terras. Tragédia, mais que drama, de tantos escritores argentinos, por extensão menos ou mais em toda Ibero-Latino-América, no dilema tão bem sintetizado por Adolfo Bioy Casares em *Memória sobre o pampa e os gaúchos*:

“Como não tenho resposta, invoco o destino e num murmúrioamento que nem a própria morte há de comover estes gauchos, tão versados numa imemorial solidão”.⁶

Essa era a época ainda de Ezequiel Martínez Estrada, autor de também dois clássicos, porém no gênero ensaístico de interpretação das realidades da Argentina profunda, *Radiografía do pampa e A cabeça de Golias*.

Vários críticos apontaram o parentesco intelectual do Martínez Estrada da *Radiografía do pampa* com o Sarmiento do *Facundo*, na oposição entre civilização (cosmopolitismo) de Buenos Aires e barbárie

5  Leopoldo Lugones, “Don Segundo Sombra”, *La Nación*, Buenos Aires, 12 de setembro de 1926 e Jorge Luís Borges, “Ricardo Güiraldes”, *Elogio de la sombra*, 1969. Reproduzidos na tradução de Augusto Meyer, *Don Segundo Sombra*, Porto Alegre, L & PM Editores, 2.ª ed., 2001, pp. 7-9 e 5.

6  Adolfo Bioy Casares, *Memorias sobre la pampa y los gauchos*, Buenos Aires, Emecé Editores, 2.ª ed., 1986, p. 59.

(insubmissão) das províncias aos cânones importados da Europa pela capital e por ela impostos. Antagonismo por Alberdi visto como exagerado, as culturas seriam capazes de vencer os condicionamentos geográficos e econômicos.⁷ *Radiografía do pampa* (*Radiografía de la pampa*) foi publicada em 1933, com reedições, até que a de 1991 estabeleceu sua versão final, elaborada por especialistas de universidades da Argentina, Espanha, Alemanha, França, Canadá e Estados Unidos.

As metáforas são a principal linguagem do texto, metáforas até mesmo kafkianas, com pessimismo por Martínez Estrada racionalizado através de Schopenhauer, em meio a impulsos nietzschianos de sua superação, num grande quadro trágico cultural muito influenciado pelas visões de Spengler. Sem se subestimar a influência de Ortega y Gasset: antes da publicação de *Radiografía do pampa* ele fizera duas visitas a Buenos Aires com grande repercussão entre os intelectuais argentinos.⁸ Entre eles Martínez Estrada muito se aproximou tanto do telúrico Horacio Quiroga, quanto do drama universal humano em Leopoldo Lugones.⁹ Por isso, *Radiografía do pampa* é por alguns chamada de “*costumbrismo crítico*”¹⁰, apesar de ser mais completa a definição por Fernand Braudel: “A Argentina de Ezequiel Martínez Estrada é o próprio Martínez Estrada.”¹¹

7 ☞ Nicolás Shumway, *La invención de Argentina (Historia de una idea)*, Buenos Aires, Emecé Editores, 4.ª impr., 2002 (do original em inglês pela University of California Press, 1991), pp. 153 e 154.

8 ☞ *Radiografía de la pampa*; edição crítica com Leo Pollmann da Universidade de Regensburg (Ratisbona), Alemanha, como organizador; Coleção Archivos sob os auspícios da Unesco e Ministérios da Cultura da Espanha e França e coparticipação da Sociedade Estatal Quinto Centenário de Espanha; Centro de Pesquisas Latino-Americanas, Nanterre, 1991. Vide comentário crítico, de Dinko Cvitanovic, “*Radiografía de la pampa* en la historia personal de Martínez Estrada”, pp. 347 e 346 e também a nota na p.71.

9 ☞ *Radiografía de la pampa*, op. cit., p. 375.

10 ☞ *Idem*, p. 71.

11 ☞ *Ibidem*, p. 349.

Realmente, escritores com a retorcida intensidade de Martínez Estrada e Euclides Cunha – ensaístas maiores nas suas interpretações do Brasil e da Argentina, radicalmente vividas, não só profundamente pensadas – são acima de tudo eles mesmos, superando agonicamente todas as influências intelectuais recebidas. Na política, Martínez Estrada, tão intenso argentino, preferiu sê-lo em visões dialéticas existenciais, em vez de adotar nacionalismo linear como o de Ricardo Rojas.¹²

Radiografía do pampa, antes *Facundo (Civilização e barbárie)* de Sarmiento, são sinfonias, em vez de murais pictóricos. Euclides da Cunha, em clave também própria, fez algo idêntico em *Os sertões* vindo da terra ao homem e à luta épica. O “*epos*” de Martínez Estrada apresenta mais minúcias culturalistas.

Quais são os que ele denomina “rumos da bússola”?

Atenta leitura apreende os sinais emitidos pela Argentina mais profunda: deserto, isolamento, solidão e distância, inclusive em léguas e quilômetros, são palavras-conceitos mais presentes.¹³

Este o cenário do drama, *Radiografía do pampa* é uma trágica interpretação da Argentina, não em torno de uma guerra, Canudos em *Os sertões*, e sim de sucessivos e entremeados conflitos, superpondo-se em vez de se construindo ou anulando-se dialeticamente.

Os primeiros espanhóis são apresentados como aventureiros e não conquistadores, já Cervantes o reconhecia com realismo autocrítico acerca do seu próprio povo naquela própria época, Unamuno interpreta-o na sua *Vida de Dom Quixote e Sancho*:

“Te denigrem, povo meu, porque dizem que fostes impor tua fé a ferro e fogo, e o triste é que não foi de todo assim e sim que ias tam-

12 ∞ *Ibidem*, p. 399.

13 ∞ Leo Polmann, “Introducción del coordinador”, in *Radiografía de la pampa*, *op. cit.*, p. XX.

bém e muito principalmente arrancar ouro aos que o acumularam; ias roubar”.¹⁴

Diogo do Couto, da mesma época de Cervantes na contrapartida portuguesa das descobertas e conquistas ibéricas, no *Soldado prático* desvenda e denuncia outro tanto no lado lusitano. O que não costuma ser muito do agrado dos triunfalistas messiânicos em ambos os países, empenhados na louvação política ideológica das supostas predestinações salvíficas das suas incursões colonialistas, não só coloniais. Por isso Gilberto Freyre tão bem distinguia luso e hispano-tropicalismos ideológicos, diante da lusa e hispano-tropicologia, ciências interdisciplinares na mais ampla tropicologia dos muitos povos locais e europeus, africanos e asiáticos nestas regiões.

Martínez Estrada está entre os maiores desmistificadores das autoelogiosas louvações da hispanidade e europeidade argentinas, ele opta por perquirir as raízes psicossociais profundas. Quando sonha, é à maneira de Goya, para quem os piores pesadelos são os da razão de olhos acordados; Martínez Estrada neste sentido atinge o grau da brutalidade onírica. Os aventureiros hispânicos, nas imensidões do pampa argentino, são senhores do nada, o desengano é o seu estímulo. O Eldorado aparece como mítica, irônica e trágica Trapalanda, algo como a Yokpanatphwa do Sul dos Estados Unidos decadente pós-escravocrata nos delírios romanescos de Faulkner, não beneficiada pela utopia capitalista norte-americana.

A dominação surge como represália pelo real aventureiro, mais que do imaginário civilizador. Novas culturas emergirão como dolorosos partos gerados por violentas fecundações, Gilberto Freyre demonstra estes sadismos e masoquismos também na formação brasileira em *Casa-grande & senzala*. Martínez Estrada entende as semelhanças:

14 ☞ Apud Ezequiel Martínez Estrada, *Radiografía de la pampa*, op. cit., p. 5 e 8.

“Apesar de muito diferirem entre si, os traços comuns de todos, de todos no conjunto, compõem um território cultural e geográfico indiferenciado, semelhante a uma imensa península helênico-turca. A característica fundamental é étnica: Ibero-América; e dela derivam outras relativas à técnica de governar, obedecer, viver e ser livre. Tudo o que entendemos por unidade é Portugal ou Espanha; e o que nos diferencia é nulo em relação ao que nos assemelha”.

Por outras palavras: Portugal e Espanha legaram ordenadores Estados à Ibero-América, as sociedades são tumultuadas criações dos seus miscigenados novos povos, buscando reconstruir e aperfeiçoar suas próprias instituições. Povos vizinhos, aparentados étnica e culturalmente pelos lados ibéricos, índios, africanos e de imigrantes do mundo inteiro, tendem a aproximar-se, precisam compatibilizar seus interesses. Há discontinuidades, mas que elas não predominem como no fraccionamento da Grã-Colômbia de Simón Bolívar em Venezuela, Colômbia, Equador, e depois Panamá; ou ao modo das Províncias Unidas do Rio da Prata de Belgrano e San Martín outro tanto em Argentina, Uruguai e Paraguai. Vice-Reinados espanhóis sucessores do primeiro, Lima no Peru, enquanto poucas vezes o Brasil esteve dividido em dois, predominando a unidade com capital primeiro em Salvador da Bahia, em seguida no Rio de Janeiro.

Martínez Estrada prossegue e insiste:

“Tais como enfim resultaram, com o Brasil e a Argentina maiores que todo o resto, e Paraguai e Uruguai inversamente exíguos, os mapas não estão coordenados com os povos, nem os povos, que constituem uma população em geral muito afim, vivem co-

ordenados por eles. Poderiam mudar-se de colocação uns e outros e de imediato seguiriam sendo os habitantes naturais”.¹⁵

As experiências de euro-regiões, transfronteiriças imediatas na União Europeia, demonstram a importância e mesmo necessidade de articulações econômicas, administrativas e culturais também desse gênero entre Portugal e Espanha. Outro tanto entre cidades do Brasil, às vezes separadas por uma rua ou um rio, das vizinhas no Uruguai, Argentina, Paraguai, Bolívia, Colômbia, Venezuela e mesmo das Guianas. São tantas entre nós, contanto que seus regionalismos não prejudiquem os conjuntos nacionais a que pertencem, por sua vez articulados em escala maior numa integração continental, mesmo transcontinental na Grã-Ibéria linguística provindo de Portugal e Espanha, incluindo também as Áfricas lusófona e hispanófona e Timor Leste.

Martínez Estrada não é escritor regionalista, sequer nacionalista, e sim de regional a nacional na medida do universal do seu humanismo que vai de Cervantes a Goethe, no que classifica de América Celtibera ao mundo.¹⁶ Martínez Estrada não é, porém, idealista desfrutável à procura de aceitação por misericórdia das matrizes. Sua autocrítica apresenta-se brutalmente construtiva porque desafiante.

Quanto à Argentina, nela Buenos Aires tem a força dos dedos da mão se esticando em estradas, depois teia ferroviária de aranha, ponto de chegada e partida, elo portuário com o mundo. O que Martínez Estrada denomina “incomunicação” deste grande centro ibero-americano – nisto paradigmático para os outros, em idênticas diferenças ou indiferenças de assimilação de heterogeneidades locais e importadas¹⁷

15 ∞ *Ibidem*, pp. 7, 8, 10, 62, 64 e 63.


16 ∞ *Ibidem*, especialmente nas pp. 63-65.

17 ∞ *Ibidem*, pp. 34-37 e 57.

– está muito bem expresso na síntese de prosa de ficção e ensaísmo por Eduardo Mallea em *História de uma paixão argentina* (1940): “Desterrados do espírito, desterrados da civilização de que viemos, daquele nó ancestral”, ao contrário dos com ele ainda intrinsecamente ligados à maneira da “fértil solidão” de Unamuno, “*nada más poderosamente universal que una soledad fértil*”.¹⁸

Martínez Estrada aponta os planos “antagônicos e até disjuntivos” portenhos, já Alberdi dizia: “Não são dois partidos, são dois países; não são unitários e federais, são Buenos Aires e as províncias”, “Oeste contra Leste”, no recíproco medo em luta, defesa e fuga, com as envergonhadas astúcias das formas, funções e valores das “pseudo-estruturas”. Sua incapacidade de articulação na Ibero-América, paradigmaticamente representada então pela Argentina, evoca a inspiração por outro paradigma, o da Espanha invertebrada de Ortega y Gasset, radicalizada nesse além-mar, o espírito incompreendido por trás ou acima da letra.

O impacto industrializante precisaria do pressuposto da receptividade civilizatória, inexistente ou escassa naquele tipo, ou tipos, de cultura das ibéricas às miscigenadas na América. As Faculdades de Agronomia e Veterinária deveriam ter precedido as de Letras e, antes, ser eliminado o analfabetismo. Daí mais outras mitologias de valores em suas “transferências defensivas” e a “ciência da improvisação” assim tornada inevitá-

18  Eduardo Mallea, *Historia de una pasión argentina*, Madrid, vol. 102 da Colección Austral de Espasa-Calpe, 6.^a ed., 1969, pp. 156 e 157. No prólogo (“Nuevo discurso del método”), Francisco Romero demonstra como a paixão é para Mallea o que a razão é para Descartes: um autêntico método em si e não só para escrever. Isto se sente desde os títulos dos livros de ficção de autoria de Mallea: *Contos para uma inglesa desesperada*, *Rodeada está de sonho* (*Memórias poéticas de um desconhecido*) e *Todo verdor perecerá*. Apesar de filósofo, Giovanni Gentile saudou-o quando de sua visita, a convite oficial, na Itália em 1934, onde foi recebido também pelo escritor Cesare Zavattini.

vel, sem assimiladora mediação da historiografia transbordando em autocaricatura exageradamente para melhor, não só pior.¹⁹

Ezequiel Martínez Estrada conclui sua *Radiografía do pampa* com um debate sobre a civilização e barbárie do *Facundo* de Domingo Faustino Sarmiento, no grande eixo de interpretações da formação argentina. Nela o debate sobre Sarmiento estadista e presidente, não só a respeito do escritor e do pedagogo, apresenta-se menos ou mais recorrente.

Martínez Estrada enfrenta essa questão do ângulo da mitologia dos valores culturais, ao das ideologias políticas, no seu entrelaçamento: a colonização ibérica não aboliu na América a “idolatria dos bárbaros” e sim sua “liturgia”. “Não se incorporava a fé (...) e sim os ícones e o ritual. O panteão desses mitos não tinha significado, vitalidade, demiurgia, eram fantasmas. Contudo se chegou a crer neles e a render-lhes culto”, “ídeos estrangeiros” em prejuízo dos “ídeos locais e autóctones”.

“Chegou-se a falar francês e inglês; a usar fraque; mas o gaúcho estava sob a camisa engomada”:

“Os males eram muito graves, mas os bens que se propunham no seu lugar, pela imprensa, sistema de governo, reiterada imitação de Virgílio e hiper-valorização do cosmético cultural, resultaram todavia piores. Eram os males da aparência, da paródia, que poderiam durar vigentes maior ou menor quantidade de anos, porém que enfim tinham de cair...”

Martínez Estrada volta-se contra Sarmiento, “o mais prejudicial destes sonhadores, o construtor de imagens”. Sua promoção de estradas de


19 ☞ *Radiografía de la pampa, op. cit.*, pp. 143, 153, 217, 221, 229, 233, 241, 243, 244, 248-248, 252 e 245-247.

ferro e do telégrafo era “um salto de cem anos no vazio”, “pseudo-estrutura” de civilização deixando intacta a Argentina profunda, de refugiada na periferia do país a invasora pela periferia da própria capital, a partir da primeira grande crise da utopia em 1910, “revanche das forças aborígenes vencidas”. Nota-se aqui o eco da invasão vertical dos bárbaros de *A rebelião das massas* de Ortega y Gasset. Na Argentina seria consequência do Sarmiento que “arranca o que há e planta o que não há”.²⁰

Foi seguido por Rivadavia, primeiro presidente da República Argentina após os das Províncias Unidas do Rio da Prata, e o ministro Vélez Sarsfield, principal autor do Código Civil argentino, em grande parte inspirado no projeto de Teixeira de Freitas para o Brasil e por outros. Alberdi previra o perigo da imposta coletiva alienação, ao opor-se a Sarmiento, como Davi a Golias, propondo mudança cultural de baixo para cima, transformação educacional básica através da educação popular e leis adaptáveis às tradições locais. A instrução formal precisa acompanhar-se pela educação cívica.

O ensaísmo estilístico de *Radiografia do pampa* avulta nas suas finais palavras, clamando pela síntese nacional argentina, por extensão, as dos demais povos ibero-americanos que também tardam:

“O que Sarmiento não viu é que civilização e barbárie eram uma mesma coisa, como forças centrífugas e centrípetas de um sistema em equilíbrio. Não viu que a cidade era como o campo e que dentro dos novos corpos reencarnavam as almas dos mortos. (...). Volta a nós a realidade profunda. Temos de aceitá-la com valor, para que deixe de perturbar-nos; trazê-la à consciência, para que se esfume e possamos viver em saúde”.²¹

20  *Idem*, pp. 241, 243 e 253.

21  *Ibidem*, pp. 254, 251, 255 e 256.

O conflito entre país real e país legal perpassa a maior e melhor parte da autocrítica cultural política dos ibero-americanos; no Brasil desde Euclides da Cunha a Alberto Torres, Oliveira Viana e, por caminhos diferentes, tanto na antropologia cultural em Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro e Roberto Da Matta, quanto pela sociologia cultural política weberiana de Sérgio Buarque de Holanda e Raymundo Faoro, mesmo sob o marxismo inicial no Brasil por Caio Prado Júnior. O que não conseguiu impedir que a senzala acabasse invadindo a casa-grande não só nas cidades nordestinas, quanto nas outras metrópoles e megalópoles brasileiras e em toda a Ibero-Latino-América, fenômeno cada vez mais se universalizando na mundial revolta dos fatos contra os códigos antigos e novos.

Já em 1940 Martínez Estrada pressentia o alastramento do problema em *A cabeça de Golias (Microscopia de Buenos Aires)*, onde começa, em epigrafe literária, como escritor que sempre foi, citando carta de Rainer Maria Rilke:

“Sabe você que Paris me é infinitamente estranha e hostil? Há grandes cidades que parecem desditosas e tristes de serem grandes. Estendem-se sempre, mas uma secreta nostalgia as devolve a si próprias. Seus tumultos não afogam a voz interior que lhes repete sem cessar: uma grande cidade é contra a natureza”.

Mesmo assim não nos iludamos.

Martínez Estrada não tem mensagem regressista, a questão consiste em como enfrentar o presente e preparar o futuro. Para isto a realidade tem de conhecer a si mesma.


Na Introdução à segunda edição, ele declara buscar “um pensamento e um idioma (...) particularmente argentinos”, numa dialética visão

através de Buenos Aires, desde 1810 se associando vibrante ao movimento independentista, em diminuição ou até prejuízo das partes a que se propunha representar e defender: processo resultante da macrocefalia portenha, o gigante Golias com cabeça maior que o corpo.²²

Em 1870 ainda havia maioria de portenhos em Buenos Aires. Quando (1880) Lucio V. López escreveu *A grande aldeia*, desatava-se o nó: Buenos Aires deixara de ser capital da província do mesmo nome e tornava-se mais de si que do próprio país, em estranha, embora previsível, hipertrofia. Clemenceau, pouco depois, ao visitá-la, deslumbrava-se com o bairro residencial de Palermo arborizado às margens do Rio da Prata. Mudara completamente a propriedade rural que fora do tirano Rosas. Por mais que os portenhos a quisessem parisiense, Martínez Estrada em meados do século XX (Jorge Luís Borges ao seu término) viam madrilenha a substância última de Buenos Aires, menos impessoal, mais individualista.

A Buenos Aires antiga se tinha comemorado com a construção da Pirâmide, a moderna pela do Obelisco, ambos apontando para o céu, não para os lados, nem para dentro. Buenos Aires nasceu e renovou-se procurando superar-se por cima. Aqueles monumentos se tornaram seus símbolos distintivos, autoafirmadores, identificantes inclusive para os estrangeiros.

Já no século XIX, não faltaram os proponentes de mudança da capital. Duas vezes o presidente Sarmiento teve de vetar leis determinando a transferência para a vizinha Rosário. Ele pretendia uma nova, denominável como Argirópolis, a ser construída na vizinha ilha Martín García, para ser eventual capital da Argentina, Uruguai e Paraguai, num republicano federalista Vice-Reinado do Prata. Juan Do-

22  *La cabeza de Goliat (Microscopía de Buenos Aires)*, Buenos Aires, Editora Losada, 7.^a ed., 1983, pp. 11, 19, 236 e 27-31.

mingo Perón também sonhou com a reunificação platina, mesmo sem mudar a capital. Raúl Alfonsín – o que preferiu aceitar o Brasil na tentativa do Mercosul de reaproximar institucionalmente a Argentina, o Uruguai e o Paraguai – chegou a propor a transferência para Viedma na Patagônia. Buenos Aires conseguia resistir a tudo.

Uma cidade se percorre a pé, não em automóveis ou ônibus em trâfegos atravancados, muito menos por trens subterrâneos, o de Buenos Aires o primeiro construído na América Latina. Só assim se conhece a megalópole, desde o tumultuado centro de tabuleiro de xadrez nas ruas Florida, Corrientes, Callao e Carlos Pellegrini, aos mistérios dos bairros de ricos, classe média e pobres, cada qual com espírito inconfundível: a Boca, onde nasceu o tango, Boedo onde se compra mais barato, resistindo às derrubadas das casas pela fúria imobiliária. No centro da metrópole, a Casa Rosada, sede do Poder Executivo, não a do Legislativo nem a do Judiciário.²³ Perto do seu berço intelectual jesuíta, a Maçã das Luzes (“*La Manzana de las Luces*”), entre as ruas Alsina, Moreno, Peru e Bolívia.

Roma ou Cartago, qual a mais íntima vocação de Buenos Aires?

Martínez Estrada tenta evitar o monopólio do elogio heroico a uma e o prejorativo comercial à outra, pois também há heróis no comércio e, quando não se confundem, pelo menos não podem se separar na vida concreta e prática. Ademais, são notórias as importantes livrarias em Buenos Aires, ao lado das enormes bibliotecas públicas, com grandes escritores entre seus principais diretores: o argentinizado francês Paul Groussac, [“canoro e luminoso” Guillermo Enrique Hudson] e o ardente e erudito Leopoldo Lugones, podemos acrescentar-lhes Jorge Luís Borges, que nunca quis sua obra limitada por classificações e geografias.

23 ☞ *Idem*, pp.85, 125, 93, 212, 213, 65, 149, 28, 113, 72, 73, 78, 79 e 88.

As metrópoles e megalópoles, tão cansativas na vida cotidiana, costumam dormir pouco após o anoitecer. Não, porém, Buenos Aires, onde a população, mesmo fatigada, ainda se despede ruidosamente no seu centro urbano e nos dos bairros, nisso Buenos Aires também é muito mais madrilenha que parisiense. A deusa Juno tinha duas faces, o Golias de Buenos Aires quatro, cada uma olhando os pontos cardiais da sua vida: a leste o Rio da Prata, caminho do mundo; um pequeno rio, Riachuelo, na direção da Patagônia ao sul; o pampa das províncias mais rivais a oeste e o Vice-Reinado se projetando ao norte no Uruguai e Paraguai.

Já Darwin havia comentado, em livro de viagem, o desaparecimento dos pássaros sobre Buenos Aires, afugentados pela urbanização maciça, depois só restando espaço e atrativo aos pardais trazidos pelos imigrantes com ambas descendências tornadas afoitas e não mais submissas, gaivotas do vizinho rio-mar e pombos gordos de tão mal-acostumados ao demasiado comer pelas mãos dos turistas nas praças principais...²⁴

Martínez Estrada reconhece o que deve a Ortega y Gasset, o “primeiro conferencista que ensinou a arte magnífica do ator e da comédia das ideias”, “sempre será lembrado porque foi também o primeiro a dizer-nos com franqueza, desprovida de implicância, o que lhe parecíamos ser”; ao Ganivet do *Idearium español* a repulsa a “uma ideologia invariável de povos diversos, de diversas origens e história”, “etiqueta” e “rótulo” uniformizadores e inúteis quando não prejudiciais, “pois, a filosofia mais importante, de cada nação, é a sua própria”, “cimento sobre o qual se há de construir, quando o artificial desmorona”.²⁵ Ortega, e outros escritores e artistas estrangeiros, após conferências

24  *Ibidem*, pp. 121, 129, 123, 124, 138, 128, 262, 263, 243, 332, 87, 242, 243, 246 e 250-252.

reunindo Martínez Estrada, Jorge Luís Borges e outros com Victoria Ocampo, grande dama da cultura argentina à frente, no tradicional Café Tortoni.

Daí advém o ensaísmo de Martínez Estrada, de anteriores e posteriores obras mais literárias, com *Radiografía do pampa* e *A cabeça de Golias* de permeio. Ele oscila entre as raízes de José Hernández, em *Morte e transfiguração de Martín Fierro* (*Ensaio de interpretação da vida argentina*), 1948, em dois tomos inclusive com a íntegra do texto do poema analisado, e *Sarmiento*, biografia crítica de 1946, mais *As invariantes históricas no Facundo* no ano seguinte, além de *O irmão* (Horacio) *Quiroga* (1966): básicas matrizes do autoser e autoser argentinos. Acrescenta a confissão de outras fontes do seu estilo e imaginário em *Arautos da verdade* (*Montaigne – Balzac – Nietzsche*), 1958. Estudiosos de Martínez Estrada demonstram como, para ele, o ensaísmo era sempre a busca da autoconsciência ibero-americana.²⁶

Tendo sofrido na própria pele os altos e baixos da fortuna, socorrido por Victoria Ocampo grande dama da cultura argentina,²⁷ mais preocupado e ocupado com as vicissitudes do seu país, que com as dele próprio, Ezequiel Martínez Estrada poderia ter dito “dói-me a Argentina”, tanto quanto Unamuno com idêntica pungência dizia “*me duele Espana*”.²⁸

25 ☞ *Ibidem*, pp. 167, 156 e 157.

26 ☞ Comentário de Dinko Cvitanovic na edição crítica *Radiografía de la pampa*, *op. cit.*, p. 51.

27 ☞ Vide, por exemplo, a biografia por María Esther Vázquez, *Victoria Ocampo* (*El mundo como destino*), Buenos Aires, Seix Barral, 2.^a ed. 2002, pp. 20, 250 e 254.

28 ☞ Dinko Cvitanovic, “*Radiografía de la pampa* en la historia personal de Martínez Estrada”, um dos apêndices à edição crítica de *Radiografía de la pampa*, também evoca a influência de Ortega y Gasset, *op. cit.*, p. 346. Outros apêndices críticos são de autoria de professores de universidades da Argentina às dos Estados Unidos, Canadá, Alemanha, França e Espanha.


Jorge Luís Borges: argentino e cosmopolita

Não há cultura inocente.

Dizer que não se está a fazer política, é uma das formas de fazê-la.

Jorge Luís Borges passa por apolítico, até seus íntimos pretendem testemunhá-lo, mas envolvem-se em contradições, ao apontarem Borges, tão cerebral, deixar-se levar por paixões políticas inclusive motivadas pelos seus interesses de classe e família.¹

Volodia Teitelboim – que tem a grandeza de estudar objetivamente Borges, apesar de ele, Teitelboim, haver estado sob perseguição chilena na época em que Borges apoiava abertamente os regimes militares argentino e chileno – Teitelboim interroga-se e responde: “Borges

1  Estela Canto, amor platônico dele, segundo ela, conheceu e conviveu muito de perto com Jorge Luís BORGES ao longo de décadas, abruptamente interrompidas. Ela testemunha os elos políticos e de classe dele em *Borges a contraluz*, 2.^a ed, Madrid, n.º 93 da Colección Austral, Espasa Calpe, 1999, pp. 33-48. BORGES entreteve diversos relacionamentos muito ambíguos com mulheres, até casar-se, já tarde, com Maria Kodama, de mãe japonesa e pai uruguaio, nascida na Argentina.


apolítico? Não parece tão certo. Já conhecemos suas proclamações anarquistas e comunistas de juventude”.²


O próprio Borges mais uma vez se encarregou de explicar-se, em seu *Um ensaio autobiográfico*, ter começado politicamente pelo elogio da “revolução russa, a fraternidade do homem e o pacifismo”, em livro destruído pelo autor, *Os salmos vermelhos* ou *Os ritmos vermelhos*, em versos livres em parte publicados... Eram influências de Pio Baroja, confessa Borges, e da recente Primeira Guerra Mundial vista quase de perto, de Genebra, onde seus pais passavam temporada, a alongar-se por cinco inesquecíveis anos de formação. Fiel a eles, Borges optará por passar seus últimos dias na Suíça. Interessante também a iniciação de Borges na poesia por Walt Whitman, cujo intenso amor ao povo deve ter contribuído para aquela fase inicial.

Em lenta volta a Buenos Aires, a família de Borges passa quase três anos na Espanha, em Sevilha e Madrid interessa-se pelo ultraísmo a ponto de trazê-lo à Argentina e por ele, depois, desinteressar-se.³

Daí em diante, Jorge Luís Borges entra numa espiral nacionalista-cosmopolita, pendulando, por assim dizer dialeticamente, entre os dois extremos, dos vários do seu temperamento inquieto e paradoxal.

No Brasil, Mário de Andrade, já em 1928, captou muito bem esta bipolaridade íntima, entre outras, em Borges: “eu falei que o nacionalismo argentino era mais inconsciente que rotular”. “Quem

2  Teitelboim, Volodia. 2.^a ed. *Los dos Borges*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1996, p. 149. O próprio BORGES reconhece no seu *Um ensaio autobiográfico*, a propósito da sua juventude, sob o impacto da Primeira Guerra Mundial: “eu ainda era anarquista, livre-pensador e a favor do pacifismo”. Este texto foi ditado originalmente em inglês ao seu colaborador Norman Thomas di Giovanni, *An Autobiographical Essay* (1970), aqui cit. na tradução em português *Um ensaio autobiográfico (1899-1970)*, São Paulo, Globo, 2000, pp. 58 e 59.

3  *Um ensaio autobiográfico*, ob. cit., pp. 67-70.

se preocupa mais com ele é Jorge Luís Borges. Este poeta e ensaísta me parece a personalidade mais saliente da Argentina. Depois de Ricardo Güiraldes”, o autor do celebrado romance gauchesco *Don Segundo Sombra*.⁴

Mário de Andrade referia-se aos livros de poemas *Fervor de Buenos Aires* (1923) e *Luna de enfrente* (1925) e ao de ensaios *Inquisiciones* (1925), todos por Borges renegados, mais, na mesma linha argentinista, *El tamaño de mi esperanza* (1926), *El idioma de los argentinos* (1928), ambos de ensaios, e *Cuaderno San Martín* (1929) com nome não por conta do Libertador e sim pelo tipo (!) de caderno usado, todos igualmente refugados pelo autor por idênticos motivos.

Na sua busca de universalidade, Borges confessava haver concluído pela necessidade de “evitar hispanismos, argentinismos, arcaísmos e neologismos” na sua estilística. Mas, antes, “Fui ao outro extremo: tentei ser o mais argentino que pude. Peguei o dicionário de argentinismos de Segóvia e introduzi tantos termos locais que muitos de meus compatriotas mal conseguiram entender. Como perdi o dicionário, não estou seguro de que eu mesmo possa entender o livro, de modo que o abandonei por estar além de qualquer esperança” (*sic*).⁵

Apesar do expresso repúdio a estas obras por Borges, a viúva Maria Kodama decidiu republicá-las após o falecimento do autor, e elas vêm demonstrando ainda ter um grande público favorável, ao lado das mundialmente aclamadas de sua autoria.

Rafael Olea Franco demonstrou como o crioulismo, sinônimo de argentinidade literária, permaneceu subjacente atuante em toda produção de Borges: crioulismo *versus* europeísmo, nacionalismo *versus*


4 ☞ Mário de Andrade. “Literatura Modernista III”, São Paulo, *Diário Nacional*, 13 de maio de 1928.


5 ☞ *Um ensaio autobiográfico*, *ob. cit.*, p. 82.

cosmopolitismo, emergindo, por exemplo, na sua mudança de opinião sobre Sarmiento, o presidente pedagogo da Argentina, diante de Rosas, o ditador xenófobo, um urbano (a “civilização”) e o outro rural (a “barbárie”) como se vê no clássico *Facundo*, biografia sociológica de um dos caudilhos por Sarmiento incansavelmente combatidos na prática e na teoria.⁶ Estela Canto, sua íntima por décadas, vai adiante, testemunha a inseparabilidade entre Borges e Buenos Aires num relacionamento profundo e indissolúvel de amor e ódio recíprocos:⁷ Jorge Luís Borges conseguiu, muito no seu estilo de vida paradoxal, não só literário, ser pelos seus conterrâneos o mais amado e o mais odiado dos autores e dos personagens da sua época, com frequência ao mesmo tempo...

Os motivos desta repulsa—atração vêm de longe, já o pai e a mãe de Borges desde criança lhe ensinavam as trágicas sagas das famílias paterna e materna, esta com ainda maior intensidade passional.

O avô Borges, coronel, era, “em princípios da década de 1870, comandante-em-chefe nas fronteiras do norte e oeste de Buenos Aires”. Morreu em combate numa das guerras civis argentinas. Romanticamente, na “sua derrota em La Verde, envolto em um poncho branco, montou um cavalo e, seguido por dez ou doze soldados, avançou de-

6  Rafael Olea Franco, *El otro Borges, el primer Borges*, México, Fondo de Cultura Económica, 1993, pp. 108, 109, 102, 103 e 105-108.

7  Estela Canto insiste longamente na fundamental argentinidadade de Jorge Luís Borges, tanto por opção, como ele reconhecia, quanto por imposição das circunstâncias mais profundas de formação e até de deformação pessoais, desde o berço e ao longo da maior parte da vida em Buenos Aires, daí Borges ser tão desta cidade, isto é, porteño, como se diz. *Vide*, mais uma vez, *Borges a contraluz*, *ob. cit.*, pp. 11, 48, 56, 57, 202, 69, 64, 65 e 53. Alicia Jurado, outra colaboradora de Borges, também testemunha a visceral paixão de Borges pela Argentina e Buenos Aires em *Gênio y figura de Jorge Luís Borges*, Buenos Aires, Editorial Universitaria de Buenos Aires, 3.^a ed., 1996 (1.^a em 1964), p. 164 e *passim*.

vagar em direção às linhas inimigas, onde foi atingido por duas balas...” O pai de Borges gostava de lembrar isso ao filho.

Um dos bisavôs maternos, Suárez, também coronel, “comandou o famoso ataque de cavalaria peruana e colombiana que decidiu a Batalha de Junín, no Peru. Essa foi a penúltima guerra sul-americana pela independência. Embora fosse primo em segundo grau de Juan Manuel Rosas, ditador na Argentina de 1835 a 1852, Suárez preferiu o desterro e a pobreza em Montevideú a viver sob uma tirania em Buenos Aires. Suas terras foram, evidentemente, confiscadas, e um dos seus irmãos foi executado”. A mãe gostava de lembrar isso ao filho.

Donde Jorge Luís Borges conclui, com autoironia bem típica sua: “Assim, de ambos os lados da família tenho antepassados militares; isso talvez explique minha nostalgia desse destino épico que as divindades me negaram, sem dúvida sabiamente”.⁸

Cedo falecido o pai, a mãe, antes do filho, protestou de público ao ver a chegada do coronel populista, autopromovido general, Juan Domingo Perón, ao poder. A mãe, presa pela polícia política peronista, confirmou, aos olhos do filho, o que para ele era o regime de Perón.⁹

Daí a adesão dos Borges aos militares que depuseram Perón.

8 ☞ *Um ensaio autobiográfico, ob. cit.*, pp. 15, 16, 20 e 21.


9 ☞ A mãe de Borges, Leonor Acevedo – descendente de cristãos-novos portugueses (cuja ascendência lusa se combinava com a dos Borges paternos de Moncorvo), mais motivo de grande enaltecimento pessoal, repetidas vezes, para o filho – era uma católica liberal conservadora e contra o populismo de Perón, depois despeitado por sua esposa Evita não receber homenagens do Vaticano. Por essas e outras, Dona Leonor, em companhia da filha Norah, foram presas pela polícia política peronista numa ruidosa manifestação de protesto no centro de Buenos Aires, o que evidentemente serviu para cada vez maior repulsa do filho contra o peronismo. Estela Canto privava da amizade dos Borges naquela fase e deu testemunho no seu livro *Borges a Contraluz. ob. cit.*, pp. 47, 48, 68 e 92.


Entende-se: estes militares reintegraram Borges na direção da Biblioteca Nacional, da qual havia sido demitido com humilhação. Borges, em crescente reação, foi ao ponto de apoiar publicamente a ditadura chilena de Pinochet, o que talvez lhe tenha causada a perda do Prêmio Nobel, para o qual estava muito celebrado pela imprensa mundial.¹⁰

Em tempo, durante a Guerra das Malvinas (lembremos também a admiração de Borges pelos britânicos, herdada da avó inglesa...), Borges voltou-se contra a ditadura militar no seu país e em todo o continente, como se vê na sua resposta, em 1984, a um jornalista (“E o que o senhor pensa sobre os militares latino-americanos?”): “Uma calamidade, realmente. Mas veja: quando eles tomaram o poder na Argentina, eu acreditava neles”. “Eu falei contra os militares quando eles ainda estavam no poder e era perigoso fazê-lo. De modo que minha consciência está tranquila”.¹¹

O desdém de Borges pelos políticos, aliás antigo, insere-se no seu elitismo intelectual, relativismo filosófico e niilismo religioso, envolto na sua erudição humanística e estilo literário.

O relativismo filosófico borgiano está muito bem analisado por Juan Nuño em *La filosofía de Borges*, onde se demonstram as influências recebidas principalmente do ultraidealista inglês Berkeley, dele a Plotino, enfim a Platão, com a preocupação central girando em torno da irrealidade do tempo em ciclos de pesadelos, no caso de Borges pesadelos até pessoais, pesadelos de cego.

10  Teitelboim (*ob. cit.*, pp. 226-228) descreve reações negativas contra Borges no Conselho da Fundação Nobel em Estocolmo, a propósito do seu apoio explícito e veemente à ditadura de Pinochet no Chile (ademais de apoios dele, então, também à ditadura militar argentina, só muito depois repudiados).

11  Entrevista a Renato Modernell na revista *Status*, São Paulo, agosto, 1984, sob o título “Um Encontro de *Status* com gente muito importante”.

Assim Borges evita Heidegger (“Heidegger inventou um dialeto alemão, nada mais”). Lembre-se também o interesse de Borges pelo empirismo de Hume e até pela lógica analítica de Korzybski, na busca da impossível exatidão.¹²

Neste trágico impasse, o Borges final crê na solução em Buda¹³, o que o devolve a Schopenhauer, sua primeira influência filosófica,¹⁴ Schopenhauer acreditando encontrar no Nirvana oriental a solução das suas dúvidas racionalistas ocidentais. Ainda tão ocidental, Borges fica na admiração, não vai à adesão a Buda. Permanece a angústia profunda em Borges. Portanto, não é de estranhar sua preferência extremada por Unamuno (“o primeiro escritor do nosso idioma”)¹⁵ e seu paralelo desprezo pelas amenidades de Ortega y Gasset.¹⁶

12 ☞ Juan Nuño, *La filosofía de Borges*, México, Fondo de Cultura Económica, 1986, pp. 10, 133 e 134.

13 ☞ *Buda* (coletânea por Jorge Luís Borges e Alicia Jurado), Madrid, Alianza Editorial, 2000.

14 ☞ Schopenhauer permaneceu o autor filosófico mais preferido por Borges do começo ao fim da vida, como se vê no seu final *Um ensaio autobiográfico* (*ob. cit.*, p. 44): “Enquanto vivíamos na Suíça, comecei a ler Schopenhauer. Hoje, se tivesse de escolher um único filósofo, eu o escolheria. Se o enigma do universo pudesse ser formulado em palavras, penso que essas palavras estariam na obra dele. Eu o li muitas vezes em alemão...” Borges, naquele livro (breve como os dele), explica ter aprendido alemão quando adolescente estudante de liceu na Suíça, mais por conta própria. Gostou muito do expressionismo alemão, a seu ver superior aos outros modernismos vindos da França, não lhe agradando, porém, o romantismo tido e havido como tão fundamental na Alemanha, muito menos o iluminismo prototípico em Kant. “Na literatura alemã eu procurava algo germânico [...], mas só o encontraria, mais tarde, no inglês e no escandinavo antigos” (*idem*, pp. 42-44). Mesmo assim incluiu o idioma alemão, ao lado deles, num dos seus poemas de louvor: “doce língua da Alemanha, te escolhi e busquei solitário [...]. Hoje, na linde dos anos cansados, te diviso/ distante como a álgebra e a lua”, pois “meu destino é a língua castelhana” (“Ao idioma alemão”).


15 ☞ “Presença de Unamuno” nas *Obras completas* também em tradução no Brasil pela Editora Globo, São Paulo: 2001, IV vol., p. 289.

16 ☞ Canto (*ob. cit.*) testemunha-o (p. 253).


Daí não haver também surpresa diante da repulsa de Borges a Pablo Neruda, que em vão o procurou pessoalmente, e mesmo ao humanismo social tão puro e despretenhoso em Gabriela Mistral. As opções de Jorge Luís Borges iam noutra direção muito diferente, tanto a André Malraux quanto a Ernst Jünger: ao primeiro desejava que recebesse o Prêmio Nobel e ao segundo chegou a visitar pessoalmente e com ele entreter longo diálogo, menos sobre filosofias de vida que sobre pormenores dela.¹⁷

Ao ficar ao mesmo tempo com Jünger e Malraux, Borges demonstrava pairar acima da política fascista e antifascista, embora nem uma posição, nem outra, nem de longe esgotasse cada um destes, por mais que adversários e adeptos tentassem a isto limitá-los. O interessante a respeito, na época, foi a obra do então iniciante Jorge Luís Borges ter atraído a atenção nada menos que de Drieu La Rochelle de visita a Buenos Aires¹⁸: Drieu em tão acidentado itinerário de herói nacional na Primeira Guerra Mundial a anti-herói colaboracionista na Segunda.

Em defesa de Borges, diante das intermináveis acusações posteriores em relação às suas simpatias autoritárias senão totalitárias, lembre-se ter ele protestado contra os triunfos militares nazistas, ao auge em 1940, e seu regozijo com as derrotas deles em 1944.¹⁹

17  Teitelboim, *ob. cit.*, pp. 190-193, 196, 241 e 242, reproduz as anotações de Jünger sobre seu longo diálogo com Borges na Alemanha em 27 de outubro de 1982, e, em entrevista ao brasileiro Álvaro Alves de Faria, Borges insiste que “seu candidato ao Nobel sempre foi André Malraux”, o “grande Malraux”, *Borges (O mesmo e o outro)*, São Paulo, Escrituras, 2001, p. 40.

18  Teitelboim, *ob. cit.*, p. 260.

19  Borges contra os nazistas em “Definição de germanófilo” (*Obras completas, ob. cit.*, IV vol., p. 514): “O hitlerista, sempre, é um rancoroso, um adorador secreto, e às vezes público, da ‘esperteza’ foragida e da crueldade”; e “o grau físico de minha felicidade quando me comunicaram a libertação de Paris”. “Anotação ao 23 de Agosto de 1944” (*Otras inquisiciones*, Madrid, Alianza Editorial, 1976, p. 130).

Quanto ao regime militar argentino, Borges dele esperava um anti-populismo dirigido contra Perón²⁰, substituído por populismo ainda pior porque belicista na Guerra das Malvinas²¹, para decepção de Borges, culminando no mútuo repúdio entre ele e aqueles militares.²² O caso de Pinochet foi de muito maior complicação para Borges, dado o maior envolvimento deste com aquele.²³ Terminando pela generalizada decepção borgiana diante de todos os militaristas latino-americanos, a quem acabou dedicando acerbas condenações por suas incompetências e seus desmandos.²⁴

Antes de Borges, era análoga a tragédia de Leopoldo Lugones, atraído pela ilusão militarista, da qual fez vibrante elogio no seu *A hora da espada*, sua decepção o levando ao suicídio. A relação Borges-Lugones foi do elogio ao afastamento e à reaproximação daquele diante deste.

Após a Guerra das Malvinas, em 31 de dezembro de 1982, no jornal *El Mercurio* de Santiago do Chile, Borges declarava textualmente:

20 ☞ Canto, op. cit., p. 245.

21 ☞ María Esther Vázquez relata uma tentativa de suicídio de Borges em julho de 1982, pouco depois da derrota militar argentina diante dos britânicos na Guerra das Malvinas (*Borges. Esplendor y derrota*, Barcelona, Fábula Tusquets Editores, 1999, pp. 314 e 315), durante a qual ele se dissociara publicamente da causa argentina e elogiara os britânicos. Terá sido mera coincidência?... Ou mais uma das profundas contradições borgianas???

22 ☞ Vide Teitelboim, *ob. cit.*, pp. 211 e 212, contudo também a p. 221.

23 ☞ Vide nota II.


24 ☞ Borges por um lado declarava protesto contra os oficiais argentinos que haviam sacrificado, por incompetência, os despreparados soldados argentinos (entrevista a Roberto d' Ávila e Walter Salles Jr em *Borges no Brasil* org. por Jorge Schwartz, São Paulo, Editora UNESP-Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001, p. 532) e, por outro, prometia prefácio a Rubén Oscar Moro, patriota historiador de *La guerra inaudita (Historia del conflicto del Atlántico Sur)*, Buenos Aires, Edverm, 2000, p. VIII). Esta e outras contradições, políticas e filosóficas sublimadas literariamente, podem tê-lo induzido à tentativa de suicídio da nota 21.

“No mundo há atualmente um erro ao qual todos temos propensão, do que também eu tenho sido culpado: este erro se chama nacionalismo. É causador de muitos males. Eu, por exemplo, até pouco tempo me sentia orgulhoso dos meus antepassados militares. Agora, não”.

Acontece que um dos historiadores argentinos da Guerra das Malvinas, Rubén Oscar Moro, relata haver procurado em casa Jorge Luís Borges, para pedir-lhe o prefácio ao seu *La guerra inaudita (Historia del conflicto del Atlántico Sur)*, e Borges aceitou, lembrando seu avô o coronel Borges tombado numa das guerras civis argentinas. Muito pouco tempo depois, Borges faleceu sem concluir a tarefa. Contudo, aquele autor dedica-lhe o livro e começa-o com um dos últimos poemas borgeanos (sobre Caim e Abel), que termina assim: “Enterraram-nos juntos. A neve e a decomposição os conhecem. O fato referido ocorreu num tempo ao qual não podemos entender”.²⁵

Mais uma das tantas fundamentais contradições de Jorge Luís Borges?

Claro que sim, mas, nós todos, não somos menos ou mais contraditórios?... As novas gerações argentinas vêm conseguindo entender as fontes das contradições de Borges.²⁵

25  Pedro Orgambide mostra como as atitudes políticas de Borges estão enraizadas “em seu próprio pensamento político”, de difícil análise. Seus contemporâneos Martínez Estrada e Eduardo Mallea haviam optado por visões opostas da Argentina: Estrada, a visão objetiva, ensaística; Mallea, a subjetiva, novelística. Borges declarava-se mais “poeta”, que “intérprete da realidade”. Acontece que Leopoldo Lugones, um dos seus poetas prediletos, foi dos grandes poetas argentinos e veio do socialismo universalista ao “nacionalismo imperial” e ao “culto da coragem”, itinerário frequente na época, décadas de 1920 e 1930, inclusive entre intelectuais (*vide* Orgambide, Pedro. “Borges y su pensamiento político” in *Antiborges*, compilações e comentários reunidos por Martín Lafforgue, Buenos Aires, Ediciones Argentina Javier Vergara Editor-Grupo Zeta, 1999, pp. 257, 271, 272 e 261). O comportamento político de Borges complicava-se pelo seu gosto do “paradoxo como provocação”(p. 258).

O crítico Juan Nuño, que foi o primeiro a alongar-se na subjacente filosofia de Borges, demonstrou o seu básico solipsismo (Borges sempre cita favoravelmente Berkeley), sua consciência do dilema moral (“Ainda ignoro a ética do sistema por mim esboçado”), portanto a ausência nele, Borges, sequer de um *refugium peccatorum*. Enfim, na última inclinação na direção de Hume (do idealismo alemão Borges só aceita Schopenhauer na constatação da necessidade de total desprendimento dos sentimentos, não só das paixões, exceto a estética, noutra grande contradição, como se vê no seu ensaio sobre Swedenborg), conclui sob o brutal impacto da realidade: “Negar a sucessão temporal, negar o eu, negar a ordem astronômica, são desesperos aparentes e consolos secretos. Nosso destino [...] é espantoso porque é irreversível e de ferro. O tempo é a substância de que sou feito. O tempo é um rio que me arrebatava, mas eu sou o rio; é um tigre que me destroça, mas eu sou o tigre; é um fogo que me consome, mas eu sou o fogo. O mundo desgraçadamente é real; eu, desgraçadamente, sou Borges”. Ao término da vida, foi que acabou aceitando: “A já avançada idade me ensinou a resignação de ser Borges”.²⁶ Textualmente: “*El tiempo está viviéndome*”.

O médico, que assistiu seus derradeiros momentos, testemunhou que nunca vira um paciente tão indiferente à morte. Mesmo assim um padre católico e um pastor protestante foram para a beira do seu túmulo, na hora do sepultamento em Genebra, reivindicar suposta conversão final de Jorge Luís Borges²⁷... Dele que certa vez polemizou com um bispo católico argentino, sobre a existência de Deus²⁸, e que,

26 ☞ Nuño (*ob. cit.*, p. 136) comenta-o extensamente.

27 ☞ Teitelboim, *ob. cit.*, pp. 298, 306 e 307.


28 ☞ Foi com o bispo de Jujuy, norte da Argentina, onde Borges havia pronunciado uma conferência na universidade local e dissera que era ateu. O incidente repercutiu intensamente nos jornais de Buenos Aires (*vide* Faria, *ob. cit.*, pp. 36 e 37).

mais de uma vez, reconheceu a única influência religiosa mais íntima, proveniente da avó metodista inglesa²⁹ ...

A minha própria explicação consiste na permanente argentinidade pessoal de Borges, em especial sua portenidade, isto é, a permanência de entranhado amor à sua portenha Buenos Aires querida, tão mutante como tudo na vida, em mudanças nem sempre aceitas por cada um de nós: este lhe foi o derradeiro refúgio afetivo profundo, mais que vagamente psicológico, muito menos filosófico. Seus amigos mais próximos testemunham a complexa relação amor-ódio de Jorge Luís Borges com a Argentina em geral e Buenos Aires em especial, onipresente em tudo que disse e escreveu, de modo direto ou indireto, em menor ou maior intensidade, mas sempre, sempre, presente. Relação muito típica da elite argentina, em especial a de Buenos Aires.

Este cosmopolita assumido – que dizia pertencer à literatura universal e não propriamente à argentina, daí proibir a republicação póstuma dos seus primeiros livros, *O idioma dos argentinos*, *O tamanbo da minha esperança*, não só o polêmico *Inquisições* – o cosmopolita assumido que preferiu agonizar e morrer na Genebra querida da adolescência, em vez de receber em Buenos Aires as homenagens finais às quais foi tão instado nos últimos momentos, o cosmopolita repetiu, intermitente, ao longo da vida, a sua profunda, inerradicável, argentinidade em autênticos literais atos de fé: “Pertencer a um país é, antes de tudo, um ato de fé”. “Que significa ser europeu, ser argentino? Um ato de fé”. Enfim, “Ser argentino é um irrevogável ato de fé, ou então um ato di-

29  Vide, por exemplo, Canto, *ob. cit.*, pp. 45, 46 e 283.

30  Vide *O Dicionário de Borges* (*O Borges oral, o Borges das declarações e das polêmicas*) reunido por Carlos R. Stortini, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 1990, pp. 20 e 78. Ivan Junqueira e Carlos Nejar muito contribuíram a tornar Borges melhor conhecido no Brasil.

ante do espelho, uma simulação, uma aparência”³⁰. Ou de um europeu exilado na América.

Quanto à sua cidade natal – tão mudada fisicamente pela substituição dos edifícios e humanamente pela das pessoas, em ambos os casos nem sempre para melhor, da qual Borges podia refugiar-se por cegueira numa cidade etérea, parada no espaço e no tempo, tentação de todos nós – dela Borges disse, no seu poema “Fundação Mítica de Buenos Aires”, ser “tão eterna quanto a água e o ar”. O seu bairro de Palermo com o armazém El Preferido pairando no tempo.


O radical cosmopolita anglófilo, que escrevia em inglês as cartas amorosas mais íntimas,³¹ também permaneceu sempre fiel à iberidade em mais de um verso (“estais, Espanha, silenciosa entre nós”, “incessante e fatal”; o Quixote foi um sonho de Cervante e o Quixote recriou Cervantes, personagem e autor confundidos numa só pessoa; mais Luís de Camões, “flor de Portugal” em “tua Eneida lusitana”: “Bem pouco sei de meus antecessores portugueses, os Borges: vaga gente que prossegue em minha carne”, Borges de Moncorvo, Trás-os-Montes, aos quais procurou quando visitou Lisboa); portanto, o não tão cosmopolita como se dizia, menos crendo nisto do que querendo nos fazer crer, este paradoxal cosmopolita ibero-argentino-bonaerense também foi muito bem recebido nada menos de quatro vezes no Brasil, do que deixou longas entrevistas reunidas em livro.³²

Borges não fugiu mesmo ao mais delicado momento histórico das relações Brasil-Argentina, a participação militar brasileira ao lado dos argentinos querendo se libertar do caudilho Juan Manuel Rosas nas guerras platinas do século XIX, ainda hoje tão discutidas pelos dois lados: “Brasil e o tirano. Aquela história desenfreada. O todo pelo todo”. (“Elegia da Pátria”).

31 ☞ A Estela Canto, por exemplo, *op. cit.*, p. 143.

32 ☞ Reunidas por Jorge Schwartz em *Borges no Brasil* (vide nota 24).

Nas suas passagens pelo Rio de Janeiro e São Paulo, então aclamadas mais pelos brasileiros que pelos argentinos em seu próprio país, Jorge Luís Borges demonstrava conhecer Euclides da Cunha e Carlos Drummond de Andrade, e confessava haver Gonçalves Dias se incorporado tanto à sua memória e sentimento, que sequer se lembrava do nome do autor, ao recordar os versos que lhe ensinaram, menino: “Minha terra tem palmeiras, onde canta o sabiá; as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá...” Versos por ele repetidos, com seu sorriso habitualmente irônico, no mais puro sotaque brasileiro³³ ...

33  Na primeira entrevista, a Leo Gilson Ribeiro em 1970 e na quarta e última (a Roberto d'Ávila e Walter Salles Jr.), em *Borges no Brasil, ob. cit.*, pp. 498 e 538.

O ensaísmo uruguaio das ideias às realidades

Montevidéu projetou-se economicamente após Colônia do Sacramento, no seu lado do rio, e Buenos Aires no oposto. O Rio da Prata, que as separa, tem esse nome não das suas águas barrentas e sim por conta da prata de Potosi no Alto Peru, depois Bolívia. Barcos desciam pelos afluentes rumo àqueles portos perto do mar. O controle da foz era fundamental aos portugueses, para o acesso pelos rios Uruguai e Paraguai ao Oeste do Brasil, que tinha estradas rude e íngremes.

Assim se efetuaram longas e largas guerras entre Portugal e Espanha, em seguida Brasil e países platinos, pelo controle de tão importante acesso. Buenos Aires tem desenvolvimento mais antigo e contínuo, Colônia do Sacramento deteve-se diante da expansão de Montevidéu, mais próxima do oceano. O crescimento da produção de lã no Uruguai foi o inicial fator da prosperidade do porto exportador de Montevidéu, principalmente após meados e fins do século XIX. O declínio da prata peruano-boliviana fora compensado na Argentina pela carne e também a lã. O gado bovino uruguaio destinava-se sobretudo ao mercado brasileiro, daí tantos conflitos de fronteira.

Montevidéu chegou a rivalizar com Buenos Aires, antes que o crescimento econômico do mais amplo território argentino atraísse inten-

sa e extensa imigração, em especial de espanhóis, italianos e judeus, também rumando a Montevideu na formação da cultura platina e até sotaque, que lhes são comuns, em meio a variantes locais. Montevideu manteve e desenvolveu importante vida econômica e cultural, inclusive com artistas e escritores de renome internacional. O primeiro deles a alcançar grande repercussão, além-fronteira, foi Rodó.

José Enrique Rodó nasceu em Montevideu, 1871, foi à Europa por Portugal, Espanha e França, faleceu em Palermo na Itália em 1917, portanto com quarenta e poucos anos. Seu livro *Ariel* surgiu em 1900, repercutindo fortemente nos começos do século XX hispano-americano. *Ariel* é um ensaio de teor moralista social intelectual, na forma de longo discurso de Próspero, um dos principais personagens de *A tempestade* de Shakespeare, sobre Ariel, símbolo do ar e da luz, em contraste com Calibã, o da matéria e da treva. *Ariel* pode ter uma leitura estética e outra, política, embora tanto Hans Freyer quanto Gyorgy Lukács, por caminhos diversos, cruzassem suas definições no ponto em que se comprova não haver inocência na cultura, mesmo que não se chegue ao extremo do “*politique d’abord*”, a “política acima de tudo” de Charles Maurras. Para Jakob Burckhardt, ela seria adversa à cultura.

Rodó começa por idealizar a cultura clássica helênica, a Atenas do Discurso de Renan na Acrópole, do qual *Ariel* é a exortação extensiva à América Hispânica. Lembre-se não ter sido Renan um diletante, ele muito se preocupou em redefinir o próprio conceito de nação para a França recém-derrotada pela Alemanha se unificando em 1870-1871, daí polemizar com o hegeliano de esquerda David Friedrich Strauss. As ideias de Renan foram completadas na sua conferência *Que é uma nação*, pronunciada na Sorbonne em 1882. Renan foi adiante na sua pregação, ao reunir outras conferências no livro *A reforma intelectual e moral* (1871), propondo mudanças profundas na educação e organiza-

ção da França, no sentido que veio a chamar-se de modernizador, sempre com o exemplo-desafio da Alemanha diante dos olhos.

Os críticos, preocupados com o esteticismo literário formal de Renan, não deram muita atenção ao seu também muito importante lado político: Renan queria ser o pedagogo da renovação francesa, com objetivos muito concretos e práticos. Ele chegou a escrever o drama *Calibã* (1878), no qual este personagem domina Próspero, em outra revolta da criatura contra o criador (Renan era perito exegeta bíblico), aos gritos: “Tomem-lhe seus livros. Abaixo o latim!” Ao término, *Calibã* termina, porém, poupando a vida, os livros e a biblioteca de Próspero: “*Calibã* era suscetível de fazer progressos”, isto é, a Prússia podia ser civilizada pela França vencida, ao modo de Roma pela sua subjugada Atenas...

Pessoalmente renaniano, Rodó segue seus passos.

O *Calibã* no *Ariel* de Rodó são a cultura e civilização tecnológicas e capitalistas anglo-americanas, objeto de “imitação unilateral” na América Latina. Mas, ao contrário do denunciado pelos norte-americanófilos anti-Rodó, ele é favorável aos Estados Unidos, porém na sabedoria filosófica de Emerson e, antes disso, aos Estados Unidos dos tempos da visita de Tocqueville, anterior ao populismo de Andrew Jackson. Rodó almeja uns Estados Unidos como síntese de Washington e Edison, democracia humanista mais tecnologia a serviço do povo, contra as forças opostas ao “legado dos tripulantes do *Mayflower*, à memória dos patrícios da Virgínia e dos cavalheiros da Nova Inglaterra, ao espírito dos cidadãos e legisladores da Independência.” Teria predominado o espírito arrivista do Meio-Oeste e aventureiro do *Far-west*, muito diferentes de Boston, “a cidadela puritana, a cidade das doutas tradições”...¹


1 ☞ José Enrique Rodó, *Ariel*, aqui cit. na ed. espanhola de 1991, a sexta pela Colección Austral (n.º A216) da Espasa-Calpe de Madrid, pp. 112, 125, 127, 134, 132, 119, 138, 131, 132 e 127.


Rodó não é, portanto (insista-se nisto), um inimigo, sequer adversário dos Estados Unidos de Tocqueville, porém defensor de um idealizado humanismo helênico oposto ao que considera exagerado utilitarismo anglo-saxônico, autosuperável pelas energias da herança cultural (anglo) germânica da Costa Leste, com Boston e Filadélfia ainda erguendo o facho de luz da “tradição washingtoniana”, berço e inspiração da sua cultura e civilização.

Rodó também aceita a democracia, porém a tocquevilliana, em síntese com a meritocracia antijacobina, por Rodó admirada em outros aspectos, e não o que a levar a “um abominável, reacionário espírito, ao negar toda fraternidade, toda piedade”, em proveito do super-homem verdugo contra os deserdados e os fracos. Daí Rodó concluir:

“E, contudo, o espírito da democracia é essencialmente, para nossa civilização, um princípio de vida contra o qual seria inútil rebelar-se (...). A democracia e a ciência são, com efeito, os dois insubstituíveis suportes sobre os quais nossa civilização se apóia; ou, expressando-o com uma frase de Bourget, as duas ‘construtoras’ dos nossos futuros destinos”.²

Em 1900, ano da publicação de *Ariel*, Rodó tinha diante dos olhos o recente desastre militar espanhol de 1898, perante os Estados Unidos em Cuba e nas Filipinas ameaçando estender-se pelo Caribe e México, contra a latinidade da América Meridional. Então prefere “a significação *humana*, que o espírito francês acerta em comunicar ao que o escolhe e consagra”.³ Como se a experiência de Napoleão III e Maximiliano não houvesse fracassado no México, e não existisse o predomínio comercial e tecnológico da Inglaterra, com o dos Estados Unidos despontando no horizonte, tão temido por Rodó.

2  *Idem*, pp. 138, 132, 80, 102, 106, 95, 104 e 98-100.

3  *Ibidem*, p. 110.

Diante do desordenado crescimento dos oligopólios internacionais, principalmente os “*trusts*” anglo-americanos, Rodó confia, em companhia de Spencer, na vitória da resistência e fecundidade do espírito dos Pais Fundadores (Rodó inclui Hamilton, porém não Jefferson...) sobre a venalidade do egoísmo utilitário da plutocracia. “Tumulto utilitário” a ser combatido pela “educação popular” como “um interesse supremo”.⁴ Aqui Rodó ecoa o projeto pedagógico democrático pragmático de Horace Mann precursor de John Dewey, por maiores que sejam as implícitas divergências filosóficas de Rodó diante de Mann.⁵

Obra de juventude, Rodó ainda não tinha trinta anos ao escrevê-la, *Ariel* é um texto dionísíaco defendendo uma tese apolínea; em estilo apaixonado em prol de proposta racional, embora não racionalista, Rodó invoca tanto os pensadores quanto os poetas. *Ariel* despertou ondas de moderada simpatia ou coros de veemente concordância entre intelectuais, então de formação francesa e surpresos desagradavelmente pela brusca aparição e súbito crescimento da influência anglo-saxônica pelos Estados Unidos nas Américas. O ano de 1898 nisso foi emblemático: o Exército da Espanha derrotado em Cuba e a Marinha nas Filipinas pelos Estados Unidos extinguindo os últimos baluartes do antigo império colonial hispânico, outrora tão glorioso, liquidado pelas mãos de pragmáticos novos-ricos norte-americanos...

Até ao Brasil chegaram os ecos do protesto de Rodó.⁶ Na Espanha a um grande pensador, Miguel de Unamuno, e a um grande jornalista, Leopoldo Alas sob o pseudônimo de “Clarín”, entre outros.

4 ☞ *Ibidem*, pp. 130, 136, 139, 130, 118 e 100.


5 ☞ Horace Mann é de meados do século XIX e John Dewey dos do XX no auge das suas atuações.

6 ☞ Vide Sílvio Júlio, *José Enrique Rodó e o cinquentenário do seu livro “Ariel”*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1954. Sílvio Júlio conheceu pessoalmente Rodó em Montevideú, 1915 (pp. 57 e 58). José Veríssimo analisa *Ariel* em *Homens e cousas estrangeiras*, 1902.

Unamuno, em artigo no primeiro número (janeiro de 1901) da revista *La Lectura* de Madrid, entendeu a reação francófila por Rodó (“É uma profunda tradução ao castelhano – não só na linguagem, também no espírito – do que a alma francesa tem de mais elevado; é o aticismo francês por um hispano-americano”) e Leopoldo Alas, “Clarín”, reconhecia em *Ariel* “a questão atual, histórica, da assimilação do americanismo do Norte pela América jovem latina” e previa os “espanhóis peninsulares e espanhóis americanos” na “futura unidade da grande família ibérica”.⁷

O *Ariel* de Rodó é o que há de melhor, estética e politicamente, na avalanche pessimista pela Hispano-América logo após a derrota espanhola diante dos anglo-americanos em 1898. No ano seguinte, o argentino Agustín Álvarez iniciava a série mais de autoflagelações que autocríticas, com o seu *Manual de patologia política*, mesmo ano de *O continente enfermo* do venezuelano César Zumeta. Em 1901 outro argentino, Manuel Ugarte, pronuncia, com o artigo “El peligro yanqui”, seu livro *Enfermidades sociais* de 1905, precedendo *Povo enfermo* (1910) do boliviano Alcides Argüedas, *Nossa América* (1903) e *Psicologia genética* (1911) dos também argentinos Carlos Octavio Bunge e José Ingenieros. Mais Rodríguez del Busto. Todos estes são livros sem direta inspiração de Rodó, embora no clima político intelectual da época.

Houve também críticas serenas e objetivas: o dominicano Pedro Henríquez Ureña chamando a atenção para a consciência da incompletude cultural hispano-americana por Rodó, pela primeira vez classificada de “Nossa América” como observou o colombiano Germán Arciniegas, mesmo com as limitações apontadas pelo peruano Luís Alberto Sánchez: “o culto à ‘oligarquia intelectual’ e à desconfiança

7  Leopoldo Alas, (“Clarín”), “Estudo crítico” publicado de início em *Los Lunes de “El Imparcial”*, reproduzido na ed. cit. de *Ariel*, pp. 30 e 25.

perante a democracia; a evasão do presente e a fé no futuro; o ecletismo baseado no individualismo e no proletariado”, em meio à “valorização da ‘civilização latina’, embora sem definir em que consistia, em contraste com a saxônica ou nórdica, à qual consignava nada mais que características manuais e mecânicas”.⁸ Críticas nem sempre justas, como demonstramos páginas atrás, ao estudarmos melhor os lados positivos da democracia e das possibilidades de autossuperação pelos Estados Unidos de seus problemas, conforme o próprio Rodó previa e desejava.

O mexicano Alfonso Reyes foi mais objetivo, diante dos subjetivismos negadores ou afirmadores por outros críticos, quando concluiu sobre *Ariel*: “E então a primeira leitura de Rodó nos fez compreender que há uma missão solidária nos povos e que nós dependíamos de todos que dependiam de nós. A ele, num despertar da consciência, devemos alguns a noção exata da fraternidade americana”.⁹

Houve também brutais e injustos ataques contra *Ariel* e tudo mais que Rodó escreveu, ataques vindo de novas escolas literárias, esforçando-se por afirmar-se pela radical recusa a todo o anterior, e ataques ainda piores, oriundos de motivos políticos até ideológicos. É o caso do hispano-americano ex-trotskyista Carlos Rangel, com fúria de convertido ao neoliberalismo especialmente estadunidense, para ele a nova salvação messiânica sempre sob linguagem científicista.

Para Rangel, o uruguaio Rodó, contemporâneo do modernismo do nicaraguense Rubén Darío, eram ambos hispanófonos periféricos, apesar do seu reconhecimento pela maioria dos críticos e historiadores literários da Espanha, um dos pontos básicos ignorados por Rangel. Para ele o reconhecimento principal deve vir dos Estados Unidos,

8 ☞ *Apud* Antonio Lago Carballo, “Prólogo” à ed. cit. de *Ariel*, pp. 12 e 14.

9 ☞ *Apud idem*, pp. 14 e 15.

ou da União Soviética quando Stalin ainda não havia derrotado Trotsky, raciocínios implícitos porém claros na sua diatribe mais que uma crítica.

Enfim, Rodó não passaria de um nefelibata, em companhia de outros obstáculos à aceitação da norte-americanização econômica, intelectual e política da América Latina.¹⁰

Muito mais equilibrada é a crítica por um estadunidense anglo-saxônico branco e protestante (“*wasp: white, anglo-saxon, protestant*”, como se resumem em inglês suas características) do alto nível e objetividade de Richard M. Morse, durante muito tempo professor na Universidade de Yale e secretário do Programa Latino-Americano do Woodrow Wilson Center da Smithsonian Institution de Washington.

Morse, em *O espelho de Próspero (Cultura e ideias nas Américas)*, desde suas primeiras palavras mostra como esse título lhe foi inspirado por *El mirador de Próspero* (1909) de José Enrique Rodó, “velho e venerável mestre”, “que discursava a seus discípulos sobre os perigos da democracia positivista”. Contudo, o livro de Rodó era “uma torre de observação” e o de Morse “um espelho” não do Próspero “intelectual benevolente e sagaz, mas sim o colonizador paranoico de um ilha encantada, a quem o dramaturgo (Shakespeare) teria profeticamente identificado na aurora da expansão europeia no ultramar”. “Seguindo essa interpretação, Próspero se torna, no meu ensaio, os ‘prósperos’ Estados Unidos”.

Resguardando-se de polêmicas, Morse considera “a América do Sul não como vítima, paciente ou ‘problema’, mas como ‘uma imagem especular na qual a Anglo-América poderá reconhecer as suas *próprias* enfermidades e os seus problemas’. É sabido que um espelho dá uma


10  Carlos Rangel, *Do bom selvagem ao bom revolucionário*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1981 (trad. do espanhol castelhano), 1981, pp. 101-103.

imagem invertida”. Com “um anverso e um reverso” de Ibero-América e Anglo-América em seus respectivos valores, advindos da Espanha, Portugal e Inglaterra, em vez de América Latina em geral e Estados Unidos em especial. Antes de Morse já os brasileiros Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Vianna Moog e Érico Veríssimo tinham traçado paralelos entre a civilização do Brasil e a dos Estados Unidos.

A Ibero-América de Rodó seria a de “Paris no final do século” (XIX), daí sua superficialidade ao tratar de Tocqueville a Nietzsche, resultante do desconhecimento dos parâmetros ibéricos aplicáveis aos seus analisados. Morse pesquisa as fontes principalmente do humanismo de Suárez e Vitoria no século XVI, mostrando quanto ele é mais completo que seus outros contemporâneos e sucessores, comparados mesmo a Locke ou a Hobbes.¹¹

Rodó foi além do *Ariel*, sem a mesma fortuna crítica. Ainda escreveu vários livros. Vale a pena aqui algo sobre *Motivos de Proteu*, bem emblemático do autor, ao escolher o mito grego do personagem que se transmutava para não responder às perguntas, que não lhe conviham, quanto ao passado e o futuro.

Motivos de Proteu é ensaio de 1909 no gênero explicitamente moralista, em sentido francês, o de La Rochefoucauld e outros. Também Rodó aí procede por máximas, ou brocardos, aos quais explica inclusive em termos de parábolas. Seu eixo está definido no I.º: “Nossa transformação pessoal no tempo”, “reformatar” ou “reformatar(-se) é viver”.

O que lhe subjaz se apresenta simples, porém não simplista: Rodó, em *Motivos de Proteu*, pretende despertar ou fortalecer a vocação do leitor no caminho do belo como sinônimo do bem e da verdade, num sentido de fundo helênico, que poderia ser tomista se nele houvesse

II ☞ Richard M. Morse, *O espelho de Próspero*, São Paulo, Editora Schwarcz, 1988, pp. 13, 14, 127 e *passim*.

maior transcendência rumo ao divino, em vez do seu vitalismo estético, “a vida é a arte suprema” na sua definição sobre também estes muitos chamados e poucos escolhidos pela perseverança e lucidez pessoais, aristocracia do espírito:


“Esta capacidade, esta energia, acha-se potencialmente em toda alma; mas na imensa multidão delas, apenas dá notícia de si; apenas passa, senão em mínima parte, à realidade e à ação; e só nas que compõem uma estrita aristocracia, serve de modo consciente e sistemático a uma ideia de aperfeiçoamento próprio”.

O aperfeiçoamento ético intelectual para Rodó tem forte conteúdo voluntarista, “onipotência da vontade” como o explica em forte pertinácia pascaliana, mais um toque goethiano. Seu exemplo social histórico seria a Holanda, “um milagre do mapa”, “vontade coletiva”, mais que a França ou a Hélade antes por ele idealizadas só intelectualmente.¹²

Novos motivos de Proteu (1927 e *Últimos motivos de Proteu* 1932) estão entre seus textos póstumos, sempre na linha de aristocracia do espírito. Emir Rodríguez Menegál – após edições das *Obras completas* de José Enrique Rodó no Uruguai, Argentina e Espanha – organizou a primeira edição crítica em Madrid pela Editora Aguilar, 1957.

Qual o segredo último de Rodó?

Rodó é acima de tudo um escritor, não um filósofo por lhe faltarem sistema e ontologia, e escritor ensaísta na linha remontando a Montaigne mais Pascal, num equilíbrio em angústia por ele superada pela paixão à arte, nele identificada com a moral individual e a ética social. Seu antiutilitarismo e sua aristocracia do espírito antecipam

12  José Enrique Rodó, *Motivos de Proteo*, aqui cit. na ed. de 2000, n.º 23 de Biblioteca de Oro de Literatura da Sociedad Comercial y Editorial Santiago, Montevideo, pp. 5, 39-45, 64, 65 e 68-71.

aproximadas ideias do Ortega y Gasset de *A rebelião das massas*, que lhe é posterior (1930), ambos e outros sob o impacto das vitórias militares dos Estados Unidos, liquidando o final poderio colonial espanhol em Cuba e nas Filipinas, 1898. Daí a indignação e propostas de reconstrução intelectual e moral pela chamada Geração de 98, na qual se pode incluir Rodó em espírito, tanto quanto pela forma Rodó pertence ao modernismo chegando à Hispano-América por Rubén Darío.

O modernismo, hispanófono porque incluindo a Espanha onde também se desdobrou, desde Rubén Darío apresentava um sentido telúrico ao lado do cosmopolita, pela primeira vez na parte da América há séculos sob grande influência do barroco hispânico, luso na América Portuguesa. Rubén Darío foi primeiro modernista também no Brasil, ao visitá-lo em 1906 e 1912.¹³ Modernismo brasileiro de 1922 com precursores também locais em características próprias, inclusive no seu indigenismo.

O indigenismo na América Hispânica, após alguns pioneiros, teve no peruano José Carlos Mariátegui seu primeiro grande sistematizador, repercutindo no Uruguai de início por Alberto Zum Felde, de nome tão alemão e nascido na Argentina, mais profundamente uruguaio que muitos dos seus contemporâneos, por ancestralidades familiares e opção pelo país, sua cultura e civilização.

Sete ensaios de interpretação da realidade peruana, primeira reabilitação e reivindicação políticas ideológicas do indigenato ibero-latino-americano por José Carlos Mariátegui, é de 1928 e merece estudos especiais. No número de 16 de julho de 1928 o ensaísta uruguaio Alberto Zum Felde já escreve na revista *Amauta* e no número de 7 de fevereiro:

13 ☞ Brito Broca, *A vida literária no Brasil (1900)*, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1956, pp. 169 e 170. Rodó também escreveu sobre ele o *Rubén Darío*.


“um vasto e profundo despertar da consciência territorial [telúrica] pela primeira vez na história intelectual do Peru, verdades substanciais, até agora ocultas atrás da verbologia do pseudo-idealismo burguês”.¹⁴ Só o México o havia precedido, pela sua revolução de 1910 e seus intelectuais: José Vasconcelos no ensaísmo, Rivera e Orozco na pintura.


Daí Zum Felde prossegue ao seu *El Huanakauri* (1917), propondo o americanismo cultural, americanidade na ocidentalidade e não pela europeização sinônima de estrangeirização, colonialismo cultural.


Zum Felde era um autodidata de talento, sem curso universitário, porém escritor reconhecido e até diretor da Biblioteca Nacional de Montevidéu, autor de vasta e por vezes profunda obra.

Quais as influências intelectuais por ele recebidas?

No seu autodidatismo, o jovem Zum Felde começou frequentando cafés boêmios dos anarquistas e anarco-sindicalistas entre os imigrantes italianos e espanhóis, muito numerosos em fins do século XIX e começos do XX nas suas diásporas rumo a Montevidéu. Os movimentos socialistas também na Argentina e Brasil por eles tiveram considerável impulso em ideias e organização. Acontece que, ao lado daquelas orientações operárias, havia os anarquismos elitistas dos intelectuais optando por Nietzsche e Ibsen, então muito em moda.¹⁵ Zum Felde preferiu esta linha, em vez daquela: “Ibsen era nietzchiano com maior amplitude humana, pois era um revolucionário social.”¹⁶

14  Vide índices por Alberto Tauro, *Amauta y su influencia*, vol. 19 das *Obras completas* de José Carlos Mariátegui, Lima, 3.^a ed., 1974, pp. 42 e 160.

15  Nietzsche e Ibsen na mesma época eram também muito divulgados entre os escritores brasileiros. Vide Brito Broca, *op. cit.*, pp. 112-116 e 121. No Brasil, como diplomata, estava o Conde Prozor, tão pessoalmente ibseniano, juntamente com sua filha, que representava peças de Ibsen no Rio de Janeiro (p. 121).

16  Entrevista de Alberto Zum Felde a Jorge Ruffinelli, capítulo no seu livro *Palabras en orden*, México, Univesidade Veracruzana, 1985, pp. 11-35.

Era a fase da criação do Centro Internacional de Estudios Sociales em Montevidéu por tão contraditória gente, vibrante, até apaixonada com a cultura político-filosófica daquele tempo. Foi a factual primeira universidade da dura vida quotidiana para Zum Felde. Ele já nascera cosmopolita em Bahía Blanca, Argentina, de pais uruguaios, mas com avós paternos alemães e espanhóis os maternos, ademais de sua mãe ser aparentada com os próceres históricos argentinos Alberdi e Mitre. Com um ano de idade, Alberto Zum Felde é trazido pelos pais a Montevidéu, onde vai se tornar autêntico platino e hispano-americano.

Na apresentação da *Exposición Bibliográfica y Documental* da póstuma exibição em Montevidéu do seu itinerário intelectual, Arturo Sergio Visca distingue três etapas de Zum Felde: o primeiro período (1906-1916), dividido intimamente entre leituras de Nietzsche, (Ibsen) e os anarquistas, pelo lado contestário, e o positivismo na versão de Spencer, pensamento hegemônico entre os intelectuais ligados às classes dominantes; segundo período (1917-1929), o da crítica cultural em jornais e livros, crítica das realidades de gerais às nacionais; terceiro período (de 1930 ao seu falecimento em 1976).¹⁷ Zum Felde chegará até à conversão religiosa ao catolicismo.

Arturo Ardao, historiador das ideias no Uruguai, concluiu a respeito:

“Sem ser um especialista da filosofia [...], [Zum Felde] realizou obra filosófica, pelo ensaio de ideias, poema mítico e mistério dramático. [...] Contra a cultura livresca, tal como

17 ☞ Maria Cristina Aratújo Azarola, “Alberto Zum Felde: Pensador uruguayo”, Actas do I.º Simpósio Internacional de Filosofia *Perspectivas de la filosofía contemporánea*, 16-17-18 de outubro de 1996, Villa Maria, Ed. Convívio Filosófico, sobre a *Exposición bibliográfica y documental* de Arturo Sergio Visca.


costuma se apresentar em nossos países, ingenuamente livresca e europeizante, Zum Felde foi severíssimo”.¹⁸

Na sua *Aula Magna* de 1937, Zum Felde transparece implícita insatisfação com o racionalismo de Kant, sem propriamente se aproximar do intuicionismo de Bergson muito divulgado nessa época. Tende a inclinar-se a um culturalismo próprio de suas leituras de kantianas a nietzschianas e spencerianas, comparadas às experiências concretas históricas do seu povo uruguaio.

Mesmo se iniciando na revista indigenista de Mariátegui, Zum Felde se liga à linha do ensaísmo uruguaio, ao também se interessar e muito pela obra de Rodó, como se vê, por exemplo, em *La literatura del Uruguay*. Ali Zum Felde demonstra Rodó como primeiro ensaísta uruguaio cronológico e qualitativo, escritor hispano-americano tão famoso mundialmente quanto o nicaraguense Rubén Darío.

Rodó é representativo de uma época, pelo “*idealismo humanista, esteticismo eclético, así como la elegancia parnasiana de su estilo*”. Apareceu na hora certa, para defesa do “humanismo tradicional greco-latino” diante do “utilitarismo prático” e “garra imperialista” da expansão do poderio dos Estados Unidos logo após a sua vitória contra a Espanha em 1898, diante da juventude hispano-americana então “*desorientada y claudicante*”.

O ponto mais forte de *Ariel* consiste no reconhecimento das grandes virtudes de “vontade e moralidade” dos Estados Unidos, “que admira, mas não ama”, por faltar-lhes “sentido intelectual e humanista” após o arriado abandono do ideário dos seus Países Fundadores.

18  Arturo Ardao, *La literatura del Uruguay en el siglo XX*, México, Fondo de Cultura Económica, 1956, p. 79.

As principais fontes de Rodó seriam a crítica literária positivista de Taine e Guyau, ainda mais a filosofia moral de Renan, tentativa de conciliação entre o ideal ético cristão e o esteticismo pagão, o ceticismo cientificista e o otimismo racionalista, o aristocratismo intelectual da cultura e o igualitarismo democrático. Rodó não conseguiu originalidade ideológica, foi, sim, escritor intelectualista latinizante, sob seu humanismo se sente “um vazio metafísico” numa “perspectiva indefinida”. Tendência típica do ensaísmo hispano-americano da época, ensaísmo estético mesmo quando político e polêmico, “refractário, em si, às disciplinas filosóficas”.¹⁹

Zum Felde tinha sede existencial do absoluto, em meio ao seu ensaísmo literário e de ideias sobre escritores da época e acontecimentos políticos do tempo em várias obras. Daí sua conversão ao catolicismo praticante, que mereceria estudos à parte. Aqui nos limitemos ao ensaísmo sócio-histórico dele.

Concentremo-nos no *Processo histórico do Uruguai (Esquema de uma sociologia nacional)* de 1919/1920, reeditado sob o título *Evolução histórica do Uruguai e esquema de sua sociologia* (1941), ambos com outro maior subtítulo: *Compreende a evolução social e política do país desde a fundação de Montevideú até a reforma da Constituição*. Substancialmente o mesmo, *Evolução histórica do Uruguai e esquema de sua sociologia* exclui o apêndice “Nota sobre literatura e arquitetura no Uruguai – consideradas em relação com sua sociologia”.


No prefácio à edição de 1941 – na realidade o mesmo livro sem aquele acréscimo, embora reedição corrigida e atualizada – Zum Felde explica sua metodologia “intuitiva”, em busca da “trama íntima” da “intra-história” que nos faz lembrar Unamuno, numa “historiologia”


19 ☞ Alberto Zum Felde, *La literatura del Uruguay*, Buenos Aires, Imprenta de la Universidad, 1939, pp. 100, 101 e 104-106.

(não apenas historiografia) sem chegar à historiosofia, porque com “autenticidade vital” diante dos “preconceitos formais da cultura acadêmica”,²⁰ noutro eco unamuniano.

A possibilidade da influência de Miguel de Unamuno poderia ser também confirmada pelos argumentos da final conversão católica de Zum Felde: superação do naturalismo religioso e também do preconceito laicista e ceticismo crítico, porque “o ser, sem Deus, é a consciência do Nada” e o “conflito trágico” entre ser e existir, verdade e vida, resolve-se pela “Verdade vivente e não abstrata”, “não a letra que mata (e morre) e sim o espírito que *vivifica*”, enquanto a filosofia tateia “no vazio da abstração e do jogo, *juego de hipótesis*”.²¹ São ecos mais de Unamuno que Bergson e, em si, razão razoável e não propriamente racionalista, porque aceitando todas as experiências não só intelectuais e sim também existenciais. Por mais que Zum Felde passe a incorporar a sabedoria tomista da inteligência, nele passa a predominar a sabedoria agostiniana do coração.

O processo histórico do Uruguai (1919/20), denominado *Evolução histórica do Uruguai* na segunda edição (1941), é livro ainda de sua fase sociológica evolucionista um tanto spenceriana, embora mais descritivo, político e patriótico, até nacionalista, apesar de concluir desejando a permanência do ordenamento jurídico internacional com a vitória da Grã-Bretanha e Estados Unidos, nunca imaginada necessária por Rodó contra o perigo maior das potências totalitárias querendo rede-

20  Alberto Zum Felde, *La literatura del Uruguay (Esquema de una sociología nacional)*, Montevideu, Editor Maximiano García, com prefácio datado de dezembro de 1919, a publicação foi no ano seguinte; a segunda edição (1941) tem data clara, porém título diferente: *Evolución histórica del Uruguay y esquema de su sociología (Comprende la evolución social y política del país desde los orígenes hasta el presente)*, publicado na mesma cidade pelo mesmo editor, aqui cit., nas pp. 8 e 9.

21  Alberto Zum Felde, *Cristo y nosotros*, sem ref. à edit., Montevideu, pp. 38 e 65.

senhar econômica e politicamente o mundo, inclusive a América Latina... A diversificação étnica e cultural, pela grande imigração italiana, é saudada favoravelmente e desejada para contribuir à superação do gauchismo rural, patriarcal e autoritário se projetando nas cidades em autoritarismo retardatário.²²

Na “Nota sobre a literatura e a arquitetura no Uruguai – consideradas em relação com sua sociologia”, apêndice ao seu *Proceso histórico del Uruguay (Esquema de una sociología nacional)* – Zum Felde esboça uma sociologia da literatura sucedida pela histórico-cultural *A literatura do Uruguai*.

Naquele apêndice, após pioneiro estudo da arquitetura uruguaia de colonial à do seu tempo, Zum Felde envereda pelo da literatura, em ambas demonstrando os contrastes entre o “nacional” e o “exótico”, presentes em todas as escolas das românticas às realistas e modernistas.

O auge do exótico literário estaria sendo o modernista, calcado principalmente no francês: “o culto da Europa torna-se um fervoroso misticismo estético para o modernismo uruguaio”. “Em consequência, o traço mais característico dessa época literária do Uruguai é a sensação de *exílio*, que experimentam os escritores. O poeta é um estrangeiro – um grego ou um parisiense – desterrado em Montevideu...” “É o sentimento do provinciano diante da metrópole”.²³

Zum Felde faleceu em 1976, portanto na propecta idade de quase noventa anos, tempo suficiente para assistir a todo um ciclo demográfico, econômico, político e cultural de seu país.

22 ☞ *Evolución histórica del Uruguay y esquema de su sociología*, op. cit., pp. 231 e 200-202.

23 ☞ “Notas sobre la literatura y la arquitectura en el Uruguay – consideradas en relación con su sociología” in *Proceso histórico del Uruguay*, op. cit., pp. 265-271. U. C. González aponta “Alberto Zum Felde, teórico del nativismo”, *Río de la Plata*, Paris, vol. 4/6, 1987.

De fins do século XIX aos meados do XX, o Uruguai produziu e exportou muita lã e muita carne para os mercados mundiais, permitindo muito emprego dos imigrantes, mais em amplo comércio e diversificado artesanato, que propriamente em indústrias diante da competição de Buenos Aires defronte de Montevidéu e do Brasil pelo Rio Grande do Sul. O contrabando tornou-se também lucrativo negócio.

No auge econômico, a sociedade uruguaia foi a democracia representativa liberal mais secularizada, até laicista em toda a América Latina, aprovando e fazendo cumprir leis de separação entre Igreja e Estado, voto também feminino e divórcio. O seu Poder Executivo era rotativo colegiado, eleito, com o Parlamento, por voto popular direto. Todos os partidos foram legalizados, inclusive o comunista, em plena liberdade de imprensa.

Montevidéu tinha em torno de metade da população do país, na maioria imigrantes italianos e espanhóis, mais considerável minoria judaica. Nos campos do pampa estavam as estâncias dos grandes rebanhos de propriedade das tradicionais famílias dos tempos coloniais hispânicos. O Uruguai de Alberto Zum Felde tornara-se extensa e intensamente muito diverso do Uruguai de José Enrique Rodó.

O Uruguai (e o México) transformaram-se nos dois maiores centros acolhedores de exilados políticos de toda a América Latina, bem recebidos e podendo trabalhar em plena liberdade com os cidadãos locais. Ao Uruguai (e México) vinham refugiados até da Europa, principalmente espanhóis da Guerra Civil e judeus da Alemanha e Leste europeu, em menor proporção aos demais países latino-americanos.

No Uruguai o ensaísmo sócio-histórico-cultural, seguinte a Alberto Zum Felde, é mais protagonizado por Carlos M. Rama, irmão do ensaísta literário Ángel Rama, ambos com formação e atividade inter-

nacionais em universidades européias e norte e sul-americanas, nisso indo muito adiante de Zum Felde e Rodó. Aqui é o lugar metodológico do estudo de Carlos M. Rama e não de Ángel Rama, independentemente dos respectivos méritos. Carlos M. Rama é historiador das idéias políticas e movimentos sociais uruguaios.

Ele se doutorou em Direito e Ciências Sociais pela Universidade de Montevidéu e em Letras pela Universidade de Paris-Sorbonne. Pesquisou na França, Espanha e Hispano-América.

Do curso na Universidade de Montevidéu guardou o interesse pelo pensamento uruguaio, como se vê no seu estudo sobre o pioneiro *José Pedro Varela (Sociólogo)*, 1957, pedagogo social tão significativo para o Uruguai quanto Sarmiento à Argentina, Gabino Berreda ao México e Horace Mann nos Estados Unidos (poder-se-ia acrescentar Andrés Bello na Venezuela e Chile). Mesmo sem estudos universitários, Varela, por experiência de vida, não se limitou às suas iniciais leituras de Spencer, Darwin e Stuart Mill. Optou pelo caminho da escola pública, gratuita, obrigatória, laica, urbana e rural, humanística e técnica, ensino integral e ascensão social para contribuir a superar a dominação dos “doutores e caudilhos” no Uruguai.²⁴

O ensaísmo sócio-histórico-cultural de Carlos M. Rama é também pedagógico democrático. Professor universitário e escritor, enfrentou o exílio imposto por ditadura.


Do curso na Universidade de Paris-Sorbonne é o inicial interesse pela literatura. Seu primeiro ensaio, *A história e a novela*, 1947, mais que isso aborda questões historiográficas de ideias, daí não se filiar à Escola dos *Annales*. Marc Bloch, Lucien Febvre e Fernand Braudel não são recorridos e sim Croce, Huizinga, Ortega y Gasset e Gurvitch, com


24 ∞ Carlos M. Rama, *José Pedro Varela sociólogo*, Montevidéu, Editorial Medina, 1957, pp. 3, 13, 20, 35, 43, 63, 59, 37 e 55.

algo de Lukács, sem esquecer o também universalmente hispânico Menéndez y Pelayo. Descuidados na revisão confundem Thomas Babington Macaulay e George Macaulay Trevelyan, mais conhecidos pelo último nome. Carlos M. Rama também não se fixa em Max Weber. *A história e a novela* é mais uma visão panorâmica, que de opções metodológicas.²⁵ Mesmo passando pelos *Annales* e Max Weber, Rama permanece fiel a Huizinga, como se vê na sua *Teoria da história*.²⁶

José Batlle y Ordóñez e o movimento obreiro e social no Uruguai de Carlos M. Rama sobre esse liberal social, que chegou à presidência da república, é na realidade um opúsculo, embora pioneiro no gênero em seu país, em companhia de outros poucos na Ibero-Latino-América. Para melhor entendê-lo vale a pena remontar a Alberto Zum Felde.

Zum Felde mostra a oposição entre “*blancos*” e “*colorados*” em partidos e cisões dominando a política desde 1828, logo após a Independência uruguaia: “*blancos*” conservadores tradicionalistas sobretudo rurais e “*colorados*” liberais clássicos e liberais sociais principalmente urbanos. A inicial divisão foi agravada pelo posicionamento inclusive militar do prócer Oribe, “*blanco*”, contra o Brasil, e Rivera “*colorado*” pró-Brasil. Ademais os “*blancos*” eram centralistas e os “*colorados*” federalistas. Contudo, as diferenciações se diluíam na prática do autoritarismo comum tanto à burguesia rural “*blanca*”, quanto à burguesia urbana “*colorada*”, mais nacionalista ou mais cosmopolita respectivamente. A imigração espanhola, por afinidades culturais, costumava preferir os “*blancos*” e a italiana os “*colorados*”, trazendo-lhes reforços nacionalistas ou cosmopolitas.

25  O título completo desse livro é *La historia y la novela y otros ensayos historiográficos* (dos oito ensaios apenas o primeiro dá-lhe nome, todos os demais são de metodologia histórica), Buenos Aires, Editorial Nova, 1970.

26  Carlos M. Rama, *Teoría de la historia (Introducción a los estudios históricos)*, Buenos Aires, Editorial Nova, 1959, pp. 62, 196-201 e 94.

Na realidade a divisão não era entre brancos (cor partidária “*blanca*”), ou vermelhos (cor partidária “*colorada*”) e sim com a maioria entre cambiantes posições intermediárias, em meio a hegemonias extremadas. Nos confrontos de “*caudillos*” e “*doctores*” os “*blancos*” preferiam o presidencialismo centralizador, os “*colorados*” o Executivo colegiado rotativo; os presidencialistas “*blancos*” recorrendo ao militarismo e os colegiados “*colorados*” a redemocratizações.

O maior prócer “*colorado*” foi o presidente José Batlle y Ordóñez, nos começos do século XX no auge das imigrações italiana e espanhola permitindo a entrada inclusive de jornalistas e líderes sindicais anarquistas, para grande escândalo das oligarquias. O presidente Batlle então resolveu greves através da aceitação das reivindicações de criação de legislação trabalhista, mais liberdade legal de organização partidária, liberdade de imprensa, divórcio e separação entre Igreja e Estado. Era o “*batllismo colorado*” fortalecedor do centro-esquerda pelo enfraquecimento da extrema-esquerda, para desespero da direita e, ainda mais, o da extrema-direita. O “*batllismo*” era viabilizado financeiramente pelos auges de exportações internacionais uruguaias de lã e carne.²⁷


Crescente concorrência econômica mundial, mais o interno esgotamento burocrático populista do modelo, em meio a sucessivas crises sociais e políticas com desfechos em golpes de Estado e ditaduras militares, levaram o Uruguai a crescentes instabilidades, até violentas lutas armadas ideológicas em vez das apenas políticas do passado. Car-


27 ☞ Zum Felde, *Evolución histórica del Uruguay y esquema de su sociología*, op. cit., pp. 203-205, 179, 182, 181, 183, 217-224 e 229. A partir dessa contextualização se pode entender melhor Carlos M. Rama em *José Batlle y Ordóñez y el movimiento obrero y social en el Uruguay*, Montevidéo, Ediciones Nuestro Tiempo, 1956. Vide tb. de Rama o *Ensayo de sociología uruguaya*, Montevidéo, Editorial Medina, 1957, pp. 331, 338 e 339. Rama tb. pesquisou as idéias políticas e classes sociais no Uruguai e América Latina.

los M. Rama²⁸ e outros socialistas libertários chegaram a ver na Revolução Cubana de Fidel Castro a saída para a crise, enquanto vinham mais uma redemocratização nos fins do século XX e as várias etapas da integração econômica pela Alalc (Aliança Latino-Americana de Livre de Comércio), Aladi (Aliança Latino-Americana de Desenvolvimento Integrado) e Mercosul (Mercado Comum do Sul), todos com sede em Montevideu.

Mario Benedetti, um dos romancistas uruguaios de maior projeção internacional e também ensaísta político, viu nisso tudo outras oposições entre Norte (“*Setentrión*”) e Sul (“*Meridión*”) com seus conflitos culturais de classes não só econômicas: “pobreza da cultura e cultura da pobreza” dos meridionais diante dos setentrionais formadores de opinião internacional,²⁹ em meio aos protestos e rebeliões além dos conflitos antevistos por Alberto Zum Felde e descritos por ele e Carlos M. Rama.

O ensaísmo político-cultural urguiaio é de todos os da Ibero-Latino-América o que percorreu itinerário mais paradigmático. Eduardo Galeano escreveu o mais polêmico dos ensaios da região na segunda metade do século XX: *As veias abertas da América Latina* em 1971, com várias traduções e reedições.


28  André Prudhommeaux – no artigo “L’énigme cubaine”, *À travers le monde libéral*, Marselha, n.º 74, novembro, 1961 – descreve a contradição de Carlos M. Rama.

29  Mario Benedetti, *Subdesarrollo y letras de osadía*, Madrid, Alianza Editorial, 1987, pp. 196-202 e 219-233.

A presença cultural do México no Brasil do século XX

As relações culturais entre o Brasil e México no século XX foram marcadas por grandes momentos, de intensa repercussão, em mútuas descobertas. Do lado mexicano, o primeiro grande escritor a interessar-se e vir pessoalmente ao Brasil, foi José Vasconcelos.

Ele havia sido reitor da Universidade Nacional Autônoma do México – a UNAM, principal universidade do país – e ministro da educação ainda na Revolução Mexicana, a ponto de lançar-se candidato à presidência da República, sem êxito, o que o levou a intermitentes e longas ausências em viagens ao exterior. Passou pelo Brasil em 1922, quando Artur Bernardes concluía seu mandato de governador de Minas Gerais e assumia a presidência.¹ José Vasconcelos visitou o Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Juiz de Fora e Belo Horizonte, a caminho da Argentina por Paso de los Libres e Iguazu a Buenos Aires, viajando por trem de São Paulo à fronteira do Brasil com o Uruguai.

¹  José Vasconcelos, *La raza cósmica*, México D.F, Espasa-Calpe Mexicana, Colección Austral n.º 802, 7.ª ed., 1982, p. 107.

Do itinerário resultou seu livro *La raza cósmica*, publicado nos meados da década de 1920. Nele, o objetivo, explícito desde as primeiras palavras do “Prólogo”, era demonstrar a universal miscigenação “*basta formar un nuevo tipo humano, compuesto con la selección de cada uno de los pueblos existentes*”. Sua visão pessoal do Brasil lhe confirmou o futuro já começado nesta parte da América Latina, superando antagonismos étnicos e culturais excessivos em outros lugares. Gilberto Freyre cita-o.

Otimismo ou profecia? Pouco após a passagem de José Vasconcelos, houve a Semana de Arte Moderna em São Paulo (1922) e a Semana Regionalista (1926) no Recife. Nos seus contactos, concentrados nas autoridades políticas que o recebiam e mostravam-lhe cidades e campos, ele não pôde entrever ou pressentir as renovações no horizonte. José Vasconcelos foi sucedido no Brasil por outro mexicano, Alfonso Reyes, este em permanência de quase dez anos no Rio de Janeiro, década de 1930, em serviço diplomático de embaixador do seu país na então capital federal. Nesta época, Carlos Fuentes, criança, acompanhava o pai, diplomata mexicano também no Brasil. A seu próprio pedido visitou o Rio de Janeiro em 1981, por iniciativa de José Guilherme Merquior e Eduardo Portella.

No Brasil, Alfonso Reyes conheceu pessoalmente e conviveu com o sociólogo Gilberto Freyre, o crítico literário e de ideias Tristão de Athayde (Alceu Amoroso Lima), os poetas Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Jorge de Lima e Ribeiro Couto, os pintores Cícero Dias, Portinari e Di Cavalcanti, ademais de Oswald de Andrade. Foi um dos fundadores do Pen Clube do Brasil e frequentador da Sociedade Felipe d’Oliveira. Do Rio de Janeiro lançou os treze primeiros números da sua revista *Monterrey*. Contribuiu à tradução, do livro de Gilberto Freyre, *Brazil: An Interpretation*, de início conferências nos Estados Unidos na Universidade de Indiana, publicado em inglês, 1944; no espa-

nhol castelhano no México no ano seguinte.² O conceito de “homem cordial” de Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, provém de diálogos de Ribeiro Couto com Alfonso Reyes, conforme o próprio Sérgio Buarque ali declara.

O Brasil cativou Alfonso Reyes e foi por ele cativado, nas palavras da sua neta Alicia Reyes: “*Si Alfonso Reyes conquista a Río, Río conquista a nuestro Alfonso*”. Ela destaca, entre os amigos do avô, principalmente os dois Gilbertos, Freyre e Amado, Rachel de Queiroz e Jorge Amado.³

Paralelamente à vida literária, Alfonso Reyes exerceu grande atividade de embaixador no Rio de Janeiro capital federal. Lá chegou após longo périplo. Víctor Díaz Arciniega compilou e prefaciou todos seus itinerários e relatórios, no livro em dois volumes *Misión diplomática*.

O pai de Alfonso Reyes era dos generais da Revolução Mexicana de 1910, Bernardo Reyes, assassinado nos seus conflitos, o que serviu de lição ao filho, para não se meter na política interna e preferir trabalhar no estrangeiro. Havia se graduado em Direito, recusou o convite do presidente Victoriano Huerta, a quem o pai servira, para ser seu secretário particular. Prefere a nomeação de segundo secretário diplomático na Espanha, mais de uma vez à França e Espanha, depois à Argentina e Brasil em repetidas fases. Passou a ter paralelas vidas de escritor amigo de escritores e eficiente diplomata profissional de carreira. Também representou o México em diversas conferências internacionais.⁴

2 ☞ Fred P. Ellison, *Alfonso Reyes e o Brasil. Um mexicano entre cariocas*, Rio de Janeiro, Consulado General de México – Topbooks, 2002, pp. 244, 254-258 e *passim*. Ledo Ivo, Aurélio Buarque de Holanda, Érico Veríssimo e Cyro dos Anjos muito contribuíram a tornar Alfonso Reyes mais conhecido no Brasil (*vide idem*).

3 ☞ Alicia Reyes, *Génio y figura de Alfonso Reyes*, México D.F., Fondo de Cultura Económica, 4.ª ed., 2001, p. 199.


4 ☞ *Vide* “Cronología” in Alfonso Reyes, *Misión diplomática*. México D.F, Fondo de Cultura Económica-Secretaría de Relaciones Exteriores, 2001, I vol., pp. 109-116.

No início da carreira diplomática dedicou-se às leituras teóricas de Baltasar Gracián, conselheiro espanhol de príncipes, e às práticas de Talleyrand tão prudente que malicioso, para conseguir reimpor sua França, vencida militarmente nos recentes tempos de Napoleão, porém logo vitoriosa no Congresso e Tratados de Viena de 1815. Com muita argúcia, Alfonso Reyes aponta a síntese gracianesca de *O príncipe* de Maquiavel com *O cortesão* de Castiglione; também ele saberá unir na vida as lições destes mestres italianos universais, compensando, com êxito, algumas decepções pessoais. O assassinato do pai foi que primeiro o encaminhou à realidade da política e ao lado trágico da existência, superável por outras opções.

O diplomata Alfonso Reyes, chegou a tornar-se profissional até técnico, sem esquecer a política, na “arte de observar e negociar.”⁵

O que aqui mais nos interessa são as suas passagens pelo Brasil de 1930 a 1936, com breve retorno em 1938 para missão especial. Seus concisos e minuciosos relatórios são prova de grande competência.

Sua lista é longa, convém mencionar alguns dos mais importantes, enviados do Brasil: Revolução de 1930, situação econômica e financeira, refúgio de políticos depostos na Embaixada do México (inclusive a família do ex-presidente Washington Luís), revanchismos, preparação da Insurreição Paulista de 1932, outra vitória do presidente Getúlio Vargas, Assembleia Nacional Constituinte e Constituição de 1934, agitações levando à Insurreição da Aliança Nacional Libertadora liderada pelos comunistas em 1935, outras dificuldades econômicas e sociais, anistias, mais agitações rumo ao golpe do Estado Novo em 1937, ao qual Alfonso Reyes não assiste por ter sido transferido há pouco à Argentina, onde conclui a carreira de embaixador, voltan-

5  Víctor Díaz Arciniega, Víctor. “Prólogo: El organizador de la esperanza”, *Misión diplomática*, op. cit., I vol., pp. 14, 15, 109, 110, 25, e 61.

do brevemente ao Brasil em 1938, para negociar importante acordo de exportação de petróleo mexicano, numa fase de boicote internacional ao México pela estatização das multinacionais do ramo.⁶

Alfonso Reyes volta ao seu país num momento de excepcional importância para ele e os demais: avizinhava-se a Segunda Guerra e terminara a Guerra Civil na Espanha exilando milhares de adversários políticos sem rumo, aos quais convinha ao México fixar no que tinham de melhor. Ele servira, mais de uma vez, jovem, nas embaixadas em Madrid e Paris, conhecia muito de perto o ambiente intelectual e político. Ainda em início carreira, assumiu a página semanal literária de jornal madrileno a convite de Ortega y Gasset.


Com amplos, profundos e diversificados contactos internacionais, durante longas e intensas vivências diplomáticas, Alfonso Reyes assume a presidência do patronato de La Casa de España en México, março de 1939, criada ao término da Guerra Civil espanhola perto da Segunda Guerra Mundial. Permaneceu na presidência, e do sucessor, o Colegio de México, até falecer em 1959. Definiu suas linhas fundamentais em artigo (“The Casa de España en México”) na revista *Books Abroad* nos Estados Unidos (Oklahoma), volume XII, número 4, 1939. A fundação da Casa se insere nas realizações do último presidente do derradeiro ciclo revolucionário mexicano, o general Lázaro Cárdenas.


O companheiro de Alfonso Reyes na estruturação de La Casa de España foi Daniel Cosío Villegas que, em 1934, fundara a editora Fondo de Cultura Económica com publicações de grande circulação na América Hispânica, Espanha e Brasil. O Fondo lançou livros de Alfonso Reyes, ao lado de vários clássicos de língua espanhola ou clás-

6 ☞ A maior parte de *Misión diplomática* está composta por relatórios oficiais de Alfonso Reyes. Também diplomata, Octavio Paz, mais conhecido no Brasil após Prêmio Nobel em 1990.

sicos estrangeiros, inclusive modernos, traduzidos antes mesmo de aparecerem em francês ou noutra idioma.⁷ Cosío Villegas havia estado em Valência, última capital da Espanha republicana pouco antes de ser ocupada pelas tropas do generalíssimo Francisco Franco, em tempo de convidar os principais intelectuais interessados em refugiar-se no México. Cosío Villegas era encarregado dos negócios da Legação mexicana em Lisboa e relatava ao seu governo as inquietações locais quando dos atentados em 20/21 de janeiro de 1937.⁸

A ideia inicial foi criar o Centro Español de Estudios, trocado em 20 de agosto de 1938 para La Casa de España en México, com a explícita finalidade de convidar “*a un grupo de profesores y intelectuales españoles para que vinieran a México a proseguir los trabajos docentes y de investigación que han debido interrumpir por la guerra.*” O subsecretário de Educação, equivalente a vice-ministro (no México os ministérios eram chamados de secretarias, ao modo dos Estados Unidos), Wenceslao Roces, ele próprio intelectual, intermediaria o projeto junto ao secretário Jesús Hernández e o presidente Lázaro Cárdenas, a pedido de Cosío Villegas. O inicial convite era de pelo menos um ano de permanências, a prorrogar-se por acordo entre as partes.

7  Clara Eugenia Lida, em colaboração com José Antonio Matesanz e participação de Beatriz Morán Gortari, *La Casa de España en México*, México D.F., El Colegio de México, 1988, pp. 89, 100, 10 e 11.

8  Houve explosões em prédios públicos e instalações de petróleo na noite de 20 de janeiro e manhã do dia seguinte em Lisboa, 1937. Daniel Cosío Villegas relatou os acontecimentos ao secretário de Relações Exteriores do México em 31 daquele mês e ano. Interessam-lhe principalmente os relacionamentos (e ajudas) de Salazar a Franco na Guerra Civil espanhola. *Vide* Alberto Enríquez Perea, compilador e comentador da documentação *Daniel Cosío Villegas y su misión en Portugal (1936-1937)*, México D.F., El Colegio de México – Secretaría de Relaciones Exteriores, 1998. Não confundir com o atentado à vida de Salazar em 4 de julho de 1937 (a propósito *vide* Valdemar Cruz, *Histórias secretas do atentado a Salazar*, Porto, Campo das Letras, 1999).

Entre os primeiros convidados estavam Menéndez Pidal e Dámaso Alonso (que preferiram não vir), Cláudio Sánchez Albornoz (então embaixador da Espanha republicana em Portugal), José Gaos (reitor da Universidade Central de Madrid), Joaquín Xirau (diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de Barcelona), mais críticos de arte, musicólogos e médicos. Também convidados o jurista Luís Recaséns Siches (nascido na Guatemala, porém de pais espanhóis, educado na Espanha) e os escritores José Moreno Villa e León Felipe Camino, os três já estavam no México.⁹

Existiam outros abrigos internacionais para intelectuais espanhóis exilados pela Guerra Civil: o Instituto de las Españas (dirigido por Federico de Onís, que retransmitirá na Universidade de Columbia, Nova York, ao estudante Gilberto Freyre a visão da Espanha como Espanhas, ele o relata nas suas memórias de adolescência e primeira mocidade, *Tempo morto e outros tempos*) e os Centros Republicanos em diversos países.

Vários exilados espanhóis, de alto nível intelectual em muitas áreas, inclusive de pesquisas em laboratórios, se reunirão aos primeiros; entre eles o sociólogo José Medina Echavarría e a filósofa María Zambrano, assistente de Ortega y Gasset. Eugenio Ímaz colaborou com La Casa de España em México, porém não fazia parte oficialmente.

Em 3 de novembro de 1939, La Casa de España em México mudou o nome para Colegio de México. Poucos egressos da origem deixaram de acompanhar a mudança. Alfonso Reyes continuou na presidência. O Colegio de México instalou-se inicialmente na sede da editora Fondo de Cultura Económica, ainda hoje estão em dois edifícios vizinhos

9 ☞ *Idem*, pp. 42-45, 53, 86, 149, 28, 30, 44 e 47-52.

e prossegue sua colaboração sempre autônoma. A mexicanização nada renegará desta fecunda semente espanhola.¹⁰

Dos professores espanhóis o Fondo publicou, entre outros livros e autores, *Pensamiento de Dilthey* e *Asedio a Dilthey* de Eugenio Ímaz, *Introducción a El ser y el tiempo de Martín Heidegger* e *Sobre Ortega y Gasset* de José Gaos, revelando esses autores à América Hispânica e Brasil; José Medina Echavarría trouxe o sentido prático da pesquisa, antes de os sociólogos empíricos dos Estados Unidos se tornarem mais conhecidos no Brasil, a partir de Gilberto Freyre em *Sociología (Introdução ao estudo dos seus princípios)*, 1945, que também cita Medina Echavarría, lido pelo brasileiro em *Sociología (Teoría y técnica)*, *Filosofía, educación y desarrollo* e *Consideraciones sobre el desarrollo económico de América Latina*.

Eugenio Ímaz, também republicano espanhol exilado, foi o tradutor que mais se destacou no Fondo, ao sozinho verter do alemão ao espanhol a *Introducción a las ciencias del espíritu* (1944) de Dilthey, e, em companhia de outros, *Economía y sociedad* (ambos em 1944) de Max Weber.

O Fondo de Cultura Económica do México também muito se distinguiu por outras pioneiras traduções, com grande circulação: Karl Mannheim, (*Ideología y utopía*, 1941) e *Libertad y planificación* (1942); principalmente *Introducción a las ciencias del espíritu* de Wilhelm Dilthey e *Economía y sociedad* de Max Weber, ambos em 1944, quando estes dois ainda não estavam traduzidos em qualquer outro idioma. Traduções feitas pelos exilados espanhóis no México. Outra marcante tradução foi *El apogeo del capitalismo* de Werner Sombart – composta por dois dos volumes de *O capitalismo moderno* – no mesmo ano da publicação traduzida dos três de *El capital* de Karl Marx. A partir daí, estava preparada a

10  *Ibidem*, pp. 39,40,174-177,131,134,167,171 e 174-177.

primeira geração mexicana formada por La Casa de España e Colegio de México. Aquela primeira geração mexicana estendeu as traduções aos clássicos da crítica literária da época: Erich Auerbach, *Mimesis* (1950) e Ernst Robert Curtius, *Literatura europea y Edad Media latina* (1955). Em outras editoras Eduardo García Máynez era o mais conhecido dos jusfilósofos mexicanos.

O grande desenvolvimento da antropologia e etnografia no México ensejou também a publicação de importantes textos pelo Fondo de Cultura Económica.

No Brasil, pelo menos duas gerações receberam especial influência destas e de outras edições do Fondo de Cultura Económica, ademais do pensamento próprio dos espanhóis então radicados no México, e pela *Revista de Occidente* fundada por Ortega y Gasset em Madrid que merece estudos à parte: era a geração de Celso Furtado, Hélio Jaguaribe e Cândido Mendes de Almeida; e a seguinte, a de Eduardo Portella, Gilberto de Melo Kujawski, José Guilherme Merquior, Sergio Paulo Rouanet, Nelson Saldanha e eu próprio, quase todos egressos de Faculdades de Direito; as de Filosofia, Ciências (inclusive Sociais) e Letras ainda estavam começando. Estas importantes influências, espanhola e mexicana, compõem, juntas, a principal influência intelectual hispânica no Brasil do século XX, ao lado de outras, literárias, principalmente de García Lorca e Antonio Machado, e as filosóficas de Ortega, Unamuno e Zubiri.

Sem exagero pode-se dizer que este foi o inicial impulso intelectual em filosofia e ciências sociais daquelas gerações de brasileiros, antes de irem diretamente aos textos originais em alemão ou inglês. Revelações paralelas às por Raymond Aron em *A filosofia alemã contemporânea* e *A sociologia alemã contemporânea*, apresentando, em francês, estes temas, especialmente Max Weber, assim conhecido no Brasil e América Hispâni-

ca antes dos anglófonos, natos ou assimilados, sob influência de Talcott Parsons ou pelas traduções por Hans Gerth e Wright Mills, na realidade mais pelo alemão Gerth, residente nos Estados Unidos, que por seu divulgador americano Mills.

Predominavam as influências espanholas, através do México ou diretamente da Espanha por Ortega y Gasset e Unamuno, somadas às francesas de Aron (e da revelação de Hegel pelos estudos críticos de Jean Hyppolite e Alexandre Kojève, mais a da fenomenologia por Maurice Merleau-Ponty naqueles anos logo após a Segunda Guerra Mundial, quando Jean-Paul Sartre começava conhecido sobretudo pelos romances e polêmicas políticas), mais as influências italianas de Benedetto Croce, introdutórias a Hegel e à estética, além do também, por outros motivos importante, Giovanni Gentile. Também traduções italianas apresentavam Adorno e outros ao Brasil. Assim principiou a formação intelectual cosmopolita daquelas duas gerações.

O Colegio de México, e seus criadores, foram importante inspiração na fundação do Colégio do Brasil no Rio de Janeiro por Eduardo Portella em 1967.


Gilberto Freyre

ibero-americano

Gilberto Freyre é o mais ibero-americano dos autores brasileiros.

Ele também disse tinha consciência desde as raízes, como fazia questão de lembrar o “y” galego do seu nome e, na conferência *Como e porque sou e não sou sociólogo* pronunciada na Universidade de Brasília, 1968, reconhece pertencer “antes à forma ibérica de escritor e analista do Homem que a qualquer outra”, “por direito tanto de quem nasceu ibérico como de quem (...) conquistou essa condição ibérica em plenitude e talvez em profundidade, pela sua intensa identificação, desde adolescente, e sendo sempre brasileiro, com os estilos e valores, da Espanha e não apenas Portugal”.¹

Era a Espanha das Espanhas da castelhana à galega, catalã e basca, entre outras, nele presentes pelo andaluz Ángel Ganivet, o castelhano cosmopolita Ortega y Gasset, o basco Unamuno admirador de Portugal, o também basco universal Pio Baroja, o catalão Raimundo Lúlio, o valenciano Luís Vives, além de Federico de Onís e de Américo Castro que lhe apresentam a síntese.

1  *Como e porque sou e não sou sociólogo*, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1968, p. 175.


Ainda em 1968, Gilberto Freyre dizia em Buenos Aires no Congresso para o Desenvolvimento Cultural e Científico da América Hispânica, usando o próprio idioma castelhano:


“La civilización hispánica es así una civilización que se ha caracterizado por la variedad de proyecciones personales y no meramente nacionales, en lo que tiene de complejo. Más aún: por la variedad de expresiones lingüísticas – castellano, portugués, catalán, gallego – de que se han servido y se sirven hoy no sólo grupos nacionales y cuasi nacionales diversos, sino personalidades también diferentes, en provecho del complejo o del todo hispánico”.²

No texto reproduzido (1975) em *O brasileiro entre os outros hispanos (Afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações)*, estende a fraternidade do berço ibérico à vizinhança:

“O Brasil está assim em família entre as nações americanas de origem principalmente espanhola. Compreende-as. Sabe que elas diferem em algumas formas de comportamento e não só na fala, porém não lhe falta a consciência de afinidades mais profundas que essas diferenças, aliás saudáveis”.³

Em Portugal Gilberto Freyre esteve muitas vezes, nas Espanhas em menor número, porém não com menor intensidade. À fronteira da América Hispânica foi desde quando, estudante na Universidade de Baylor no Texas, 1919, visitou San Antonio e El Paso nos Estados Unidos diante do México, e lá encontrou “suas cores de trajes, seu es-

2  “La cultura hispánica frente a las nuevas situaciones, vista por el doctor Gilberto Freyre”, *O brasileiro entre os outros hispanos (Afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações)*, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1975, p. 160.

3  *Idem*, pp. XXXI-XLIX.

panhol cantado em que a influência indígena se faz sentir”, “sua culinária de sabores ardentes e cheiros fortes”.⁴

Em 1941 ele vai às capitais e interiores da Argentina, Uruguai e Paraguai. Alonga-se em Buenos Aires e Montevideú. Sobe os afluentes do Prata por Rosário, Corrientes, Paraná, até Assunção. Interessa-se tanto pelas culturas da literária à culinária e costumes sociológicos, quanto por suas histórias nacionais e locais, inclusive a da Bolívia no Quarto Centenário da sua capital, La Paz, em artigos publicados nos jornais. Edson Nery da Fonseca reuniu (2003) aqueles textos gilbertianos no livro póstumo *Americanidade e latinidade da América Latina*.

Aproxima-se pessoalmente de Eduardo Mallea, diretor da coleção na Editorial Emecé de Buenos Aires, na qual Mallea incluiu a segunda edição (1943) da primeira (1942) tradução de *Casa-grande & senzala*, sob esse título e com o subtítulo *Formación de la familia brasileña bajo el régimen de economía patriarcal* traduzida por Benjamín de Garay e prefaciada por Ricardo Sáenz Hayes, primeira edição pelo Ministério de Justiça e Instrução Pública da Argentina. O prefaciador recorda que “Não será redundante lembrar que os valores genuínos da literatura brasileira sempre foram lembrados na República Argentina”. Em 1945 surge no México *Interpretación del Brasil*, no mesmo ano de *Brazil: An Interpretation* em Nova York. Era o início da repercussão internacional gilbertiana.

A iberidade cultural, não confundi-la com o iberismo político, é por Gilberto Freyre apresentada como universalidade da sua adaptação e recriação principalmente nos trópicos, dá a luso-tropicologia e hispano-tropicologia, dentro da geral científica tropicologia, em vez dos políticos luso-tropicalismo e hispano-tropicalismo inicialmente por ele apresentados. Há até um tempo ibérico, como se lê no seu en-

4 ☞ *Tempo morto e outros tempos (Trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade. 1915-1930)*, Rio de Janeiro, Livr. J. Olympio Edit., p. 38.

saio “*On the Iberian Concept of Time*”, tempo mais qualitativo que quantitativo, ao contrário do tempo sobretudo utilitarista dos anglo-saxões; tempo vivencial também no Marcel Proust não ibérico porém latino francês, tão querido por Gilberto Freyre, muito além do tempo cronométrico comercial do “*time is money*”, tempo apenas contábil, em vez de tempo fluído e fruído.

A engenharia humana é psicossocial, além da engenharia matemática gerencial. Uma está naturalmente ligada à outra, embora distingúveis numa dialética ora de antagonismos, ora de complementaridades.

A Ibero (Luso-Hispânica)-América é latina pelos idiomas neolatinos português e castelhano, mais muitos imigrantes galegos no Brasil e bascos e catalães na América Hispânica, e o Direito Romano formatador dos seus Estados. O catolicismo romano vem sendo em grande parte substituído por denominações evangélicas, porém pentecostais, mesmo indiretamente na linha sociológica do culto ibérico ao Divino Espírito Santo.

A América Latina é um conceito francês a partir do *Traité diplomatique sur l'Amérique latine* em 1862 do jurista Charles Calvo, uma defesa da expedição de Napoleão III para impor Maximiliano de Habsburgo no trono do México, alegando fatores culturais para justificação dos interesses econômicos da França então contra os Estados Unidos.

Depois do fracasso da expedição, outros franceses voltaram a insistir: o Admiral F. de Fontpertuis em *Les états latins de l'Amérique: Mexique, Pérou, Chili, républiques diverses, Brésil, Cuba, etc, etc*, 1882 e *Le génie latin* de Anatole France ampliado em livro de 1913. Jean-Jacques Brousseau, secretário de Anatole France, revelou, no diário de viagem *Itinéraire de Paris à Buenos-Ayres* (1927), após o falecimento do patrão, indelicadas opiniões dele sobre a América Latina.

Nas vésperas da Primeira Guerra Mundial, os futuros primeiro-ministro Georges Clemenceau e presidente da França Raymond

Poincaré resolveram passar do anti-anglo-americanismo ao anti-germanismo nas suas pessoais propagandas francófilas na América Latina: Clemenceau em suas *Notes de voyage* (1911) de visita ao Brasil, Argentina e Uruguai; Poincaré prefaciando *Les démocraties de l'Amérique latine* do peruano García Calderón em 1912.

No Brasil inclusive antigos germanófilos se voltavam contra a Alemanha em defesa da França, ao modo de Graça Aranha, que escrevera o romance *Canaã* (1902) com dois alemães como personagens dialogando na selva brasileira, e passara a prefaciar *O plano pangermanista desmascarado* de André Chéradame, traduzido (1917) em muitas línguas na Primeira Guerra Mundial.

O esforço francês de atrair politicamente a América Latina teve, então, êxito, mas a expressão demorou a estender-se: em 1880 os próprios portugueses ainda usavam América do Sul no livro *Missão do Visconde de São Januário*, um dos seus diplomatas. Em 1908 a italiana Gina Lombroso Ferrero, filha do criminalista Cesare Lombroso e esposa do historiador Guglielmo Ferrero, escrevia diário também de viagem sob o título *Nell'America meridionale*. Sir James Bryce-Lord Bryce, embaixador da Grã-Bretanha nos Estados Unidos, ainda insistia (1913) em *South America (Observations and Impressions)*.⁵

Foi Gilberto Freyre quem no Brasil primeiro definiu como Ibero-América a América Latina.

O conhecimento da ensaística social hispano-americana é por Gilberto Freyre pormenorizado no segundo volume da segunda edição


5 ☞ Vide Vamireh Chacon, “A invenção da América Latina”, *Política externa*, São Paulo, Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais-Universidade de São Paulo-Editora Paz e Terra, vol. II, n.º 4, março-abril-maio, 2003; tb. sob o mesmo título em *Economia e Sociologia*, Gabinete de Investigação e Ação Social do Instituto Superior Económico e Social de Évora, n.º 78, 2004.


(1957) de *Sociologia (Introdução ao estudo dos seus princípios)*, desde os pessimistas César Zumeta, Manuel Ugarte e Alcides Argüedas aos clássicos Alberdi e Sarmiento e os modernos García Calderón, Quesada, Alberto Zum Felde, Luís Alberto Sánchez, J. Natalicio González, Samuel Ramos, Daniel Cosío Villegas, Mendieta y Nuñez, Jesús Silva Herzog, José Medina Echavarría, até os pioneiros estudos sobre negros e índios por Agustín Álvarez, Juan Agustín García, I. Pereda Váldez e Fernando Ortiz, entre outros.

Com Rouano Fournier no Uruguai (1941), Gilberto Freyre chegou a esboçar um projeto de organizar em Montevideu um instituto de pesquisas da América Hispânica rural, “estudo social que fosse principalmente sociológico em seus propósitos e métodos, porém também histórico, ecológico, tecnológico, econômico. Infelizmente, as circunstâncias de momento não se revelaram favoráveis a tais estudos”.⁶

Especial atenção Gilberto Freyre dedicava aos argentinos *Facundo* de Sarmiento, *Radiografía de la pampa* e *La cabeza de Goliat* de Martínez Estrada, *Historia de una pasión argentina* de Eduardo Mallea, ao colombiano Germán Arciniegas com *Biografía de Caribe* e a *El huracán* do cubano Fernando Ortiz, cujas leituras costumava me recomendar dentre outras fundamentais.

Alfonso Reyes, quando embaixador do México no Brasil, tornou-se amigo de vários intelectuais brasileiros, Gilberto Freyre entre eles, leitores dos seus livros e da sua revista *Monterrey*.⁷

6  *Sociologia (Introdução ao estudo dos seus princípios)*, 2.^a ed. Rio de Janeiro, Livr. J. Olympio Edit., 1957, II vol., pp. 591 e 592.

7  *Vide* a neta Alicia Reyes, *Génio y figura de Alfonso Reyes*, 4.^a ed., México, Fondo de Cultura Económica, 2001, p. 199 e o latino-americana estadunidense Fred. P. Ellison, *Alfonso Reyes e o Brasil (Um mexicano entre cariocas)*, Rio de Janeiro, Consulado General de México/Topbooks, 2002, pp. 244, 254-258 e *passim*.

Gilberto Freyre manteve interesse pelo ensaísmo de Lúlio e Vives, mesmo ao ler Ganivet, Ortega y Gasset, Unamuno, Eugenio d'Ors, Azorín, Américo Castro (e Ferrater Mora), como se vê nos apontamentos memorialísticos de *Tempo morto e outros tempos*, anotados na juventude nas universidades de Baylor, Columbia e Oxford. Interesse insistido e ampliado à ensaística hispano-americana em *Sociologia*, ademais da muita iberidade de *A propósito de frades* (1959), *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968), *O brasileiro entre os outros hispânicos* (1975), até os póstumos *Americanidade e latinidade da América Latina e outros textos afins* e *Palavras repatriadas*, reunidos por Edson Nery da Fonseca em 2003, portanto ao longo de toda a vida. Paixão intelectual e mesmo existencial, tão grandes, Gilberto Freyre só teve pela cultura e civilização inglesas, as do Brasil eram a razão de ser maior de toda sua vida, como se vê também nas suas memórias *Tempo morto e outros tempos*. Portugal comparava-lhe, ligado pela primeira miscigenação com índios e negros às raízes mais profundas da brasilidade, depois com outras migrações, como se vê de *Casa-grande & senzala* a *Um engenheiro francês no Brasil* e *Nós e a Europa germânica*.

Os povos da lusofonia e hispanofonias culturais, miscigenados com muitos outros, compõem a Grande Ibéria de Portugal e Espanhas ao Brasil, América Hispânica, Países africanos de língua portuguesa e Timor-Leste num dos maiores conjuntos em integração no mundo.

☞ COMPOSTO EM MONOTYPE CENTAUR 11/15 PT: NOTAS, 9/12 PT.

